

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ADRIANE LIZBEHD HALMANN

**REFLEXÕES ENTRE PROFESSORES EM BLOGS:
ASPECTOS E POSSIBILIDADES**

Salvador, BA

2006

ADRIANE LIZBEHD HALMANN

REFLEXÕES ENTRE PROFESSORES EM BLOGS :

ASPECTOS E POSSIBILIDADES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Silveira Bonilla

Salvador, BA

2006

Biblioteca Anísio Teixeira – Faculdade de Educação/ UFBA

H194 Halmann, Adriane Lizbehd.
Reflexões entre professores em blogs: aspectos e possibilidades / Adriane
Lizbehd Halmann. – 2006.
138 f. : il.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Helena Silveira Bonilla.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de
Educação, 2006.

1. Internet na educação. 2. Prática de ensino - Blogs. 3. Professores –
formação. 4. Tecnologia educacional. 5. Inovações educacionais. I. Bonilla,
Maria Helena Silveira. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de
Educação. III. Título.

CDD 371.334 – 22. ed.

TERMO DE APROVAÇÃO

Adriane Lizbehd Halmann

REFLEXÃO ENTRE PROFESSORES EM BLOGS: aspectos e possibilidades

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Banca Examinadora

Maria Helena Bonilla da Silveira, Dra. Professora adjunta
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação

Edvaldo Couto, Dr. Professor adjunto
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação

Alex Primo, Dr. Professor adjunto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Salvador, BA, 13 de novembro de 2006.

*A todos que participaram desta construção e
tiveram tamanha paciência neste período.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que toda conquista é coletiva. Esta dissertação é fruto de um caminhar colaborativo que se deu juntamente com o caminhar de outras pessoas, que por horas me apoiaram, que por horas pediram meu apoio, e assim ajudaram neste constante processo de (des)(re)construção. É mais do que minha obrigação agradecer a estas pessoas, não como uma pincelada de nostalgia, mas sim como mais um elo/link deste imenso hipertexto que construímos ao longo da vida. Meu muito obrigado a:

Meus pais, que mesmo com todas as dificuldades da vida, conseguiram cultivar em mim e em meus irmãos o gosto pela leitura, pela pesquisa, pelo estudo. Meu muito obrigado a eles que, mesmo nos momentos mais difíceis (ou principalmente neles), nos ensinaram a ser honestos, fiéis e verdadeiros.

Meus irmãos, que me ensinaram a compartilhar e a lutar pelo que quero. Quando eu era criança via em seus braços altos e pernas compridas uma motivação para sonhar alto e acompanhar suas passadas rápidas. Hoje vejo nos seus muitos exemplos que é possível sonhar cada vez mais alto e que cada pessoa tem seu ritmo para chegar onde quer.

Todas as professoras e professores, que me ensinaram que temos muito mais do que *conteúdos* a aprender.

Todos meus amigos do período da faculdade, que me mostraram que o mundo é muito mais diverso do que minha visão limitada pode perceber, que fizeram deste percurso mais do que a busca por um canudo, mas um aprendizado em busca de conviver e crescer nas diversidades. Seja nos alojamentos, nas viagens, no compartilhamento de mesas no RU, nas disciplinas, nos trabalhos de campo, nos congressos, nas conversas de corredor, nos malabarismos para viver com as bolsas, nos grupos de pesquisa. Meu muito obrigado especial a Mauro, Glece, Márcio, Tati, Émerson, Adriana, Fábio, Luciano, Mary, Felipe, Ana e Gi.

Também à professora Deisi, que plantou muitas das sementes que hoje colho frutos.

A Zezo, que me acompanhou em boa parte deste percurso.

Muito obrigada a todo o Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias, GEC, fundamental para que eu me lançasse nos mares infinitos do ciberespaço, teorizando, brincando, construindo, conhecendo, significando, linkando... Em especial a Darlene, Moisés, Rozane, Carla, Alexandre, Alessandra, Sandra, Larissa, Sule, Mônica, Dart, Adriana, Ana, Hilberto, Nícia, Socorro, AC, PC, Cássia, Damião e a todos os bolsistas e colaboradores que contribuíram neste processo.

Muito obrigada aos professores Edvaldo, Nelson, Edmilson, que trouxeram muitas cores e luzes a esta navegação.

Muito obrigada a minha orientadora, Bonilla, que me acolheu, me conduziu, me fez crescer. Este produto não existiria sem sua presença, tampouco seria um processo tão rico, que espero que reverbere por toda minha vida.

Muito obrigada também à CAPES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, à Faculdade de Educação e à Universidade Federal da Bahia.

Dilúvios...

Quando Noé, ou seja, cada um de nós, olha através da escotilha de sua arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. E cada uma dessas arcas contém uma seleção diferente. Cada uma quer preservar a diversidade. Cada uma quer transmitir. Estas arcas estão eternamente à deriva na superfície das águas. (Lévy, 1999, p. 15).

RESUMO

HALMANN, Adriane Lizbehd. **Reflexão entre professores em blogs**: aspectos e possibilidades. Salvador, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

Esta dissertação investiga a reflexão partilhada sobre a prática docente nos diários, em alguns ambientes web, com ênfase nos blogs, buscando identificar suas formas de ocorrência, implicações com a rede web e repercussões nas práticas. Para tanto, optou-se por uma investigação qualitativa, usando como instrumentos de coleta de dados: *observação participante* nos blogs, onde a autora deste trabalho torna-se também autora de blog e insere-se ativamente nas comunidades de professores-blogueiros; *entrevistas* por meio eletrônico; e *análise documental*, visando capturar as singularidades do objeto focado. Este percurso foi traçado com a participação de professores que mantêm blogs sobre sua prática docente, encontrando-se em diversas regiões do Brasil e fora dele. Abordou-se os diários como instrumento que, no exercício da escrita e do registro, subsidia a reflexão docente, atuando como guia para investigação dos problemas e concepções dos docentes comprometidos e dispostos a transformar a prática, onde destaca-se o acesso ao mundo pessoal do professor e as possibilidades de um desenvolvimento profissional constante. Os blogs não se constituem apenas como um simples aparato técnico, mas sim como um fenômeno social, o que demandou uma análise mais aprofundada sobre suas características e potencialidades, sempre sob a ótica do contexto educativo. A inserção dos professores no ciberespaço direcionou o olhar para as singularidades das construções identitárias neste contexto, confrontando com este processo, social e historicamente constituído na escola, no currículo e na sociedade. Notou-se que estes sujeitos articulam-se em grupos que procuram colaborar para buscar soluções conjuntas para problemas comuns, formando redes rumo a aprendizagem cooperativa e a inteligência coletiva. Todos os elementos indicados apontam que existe um movimento de inquietação entre alguns professores, o que os leva a procurar no ciberespaço um ambiente fecundo para refletir com seus pares e buscar outras alternativas para construir novas educações.

PALAVRAS-CHAVE: Reflexão docente. Formação de Professores. Tecnologias da Informação e da Comunicação. Tecnologias Educacionais. Blogs. Cibercultura. Novas Educações.

ABSTRACT

HALMANN, Adriane Lizbehd. **Reflexão entre professores em blogs**: aspectos e possibilidades. Salvador, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

This dissertation investigates the shared reflection about the teacher's practice in diaries at some web environments, with emphasis in blogs, trying to identify its forms of occurrence, implications with the world wide web and repercussions in their practices. For that, a qualitative research has been chosen, using the following instruments for data collection: *participant observations* in blogs, where the author of this work also becomes author of blogs and inserts itself actively in the communities of teachers-bloggers; *interviews* in electronic form; *documental analysis*, aiming to capture the singularities of the object focalized. That path was traced with the participation of teachers who keep blogs about their practice, in diverse regions of Brazil as well outside the country. We have approached the diaries as an instrument which, in the exercise of writing and register, allows for teachers reflection, serving as a guide for inquiry of the problems and conceptions for engaged teachers determined to transform the practice, with highlight to the access to the personal world of the teacher and the possibilities of a constant professional development. The Blogs are more than a simple technical apparatus, they are a social phenomenon, what it demanded a deep analysis about the characteristics and potentialities of that space, always with the optics the educative context. This insertion of the teachers in cyberspace directed the look to the singularities of the identity constructions in this context, confronting in this process, socially and historically constituted in the school, the course, the society. These subjects are articulated in groups that they try to collaborate to find common solutions to common problems, forming networks towards the cooperative learning and collective intelligence. All these elements indicate there is a movement of inquietude among some teachers, what takes them to look into the cyberspace for a fertile environment to reflect with its pairs and to search for alternatives to construct new educations.

KEYWORDS: Teacher reflection. Teachers formation. Communication and information technologies. Educational technology. Blogs. Cyberculture. Education News.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Ações coletivas nas trajetórias individuais.....	43
Figura 02 - Âmbitos formativos dos diários.....	56
Figura 03 - Perspectivas do sujeito que elabora o diário.....	59
Figura 04 - Pistas identitárias I.....	80
Figura 5a - Perfil Candido Freitas.....	81
Figura 5b - Perfil Candido Freitas: Link para outros blogs.....	82
Figura 06 - Pistas identitárias II.....	83
Figura 07 - Identidade nacional.....	84
Figura 08 - Modelos transitórios em movimentos descentralizados.....	89
Figura 09 – Construção identitária: transições.....	94
Figura 10 – Construções identitárias: pseudônimos, imagens, ficções e realidades.....	95
Figura 11 - Construções intencionais ou não: transitoriedade, fluidez.....	95

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Roteiro de observação e entrevista.....	25
QUADRO 2 - Querido diário: à procura de conceitos.....	47
QUADRO 3 - Como definir o diário?.....	48

SUMÁRIO

1 CADEADOS QUEBRADOS: TRAJETÓRIA DE ESTUDO DA REFLEXÃO ENTRE PROFESSORES EM BLOGS.....	14
1.1 Querido diário... (ou de como surgiu esta história).....	14
1.2 Considerações metodológicas.....	20
1.2.1 Instrumentos de coleta de dados.....	23
1.2.2 Tratamento e análise dos dados.....	26
2 NUANÇAS DE DIÁRIOS E BLOGS: PINCELADAS DE UM QUADRO MÚLTIPLO.....	28
2.1 Weblog, Blog, Bitácora.....	28
2.1.1 Características do aparato técnico.....	30
2.1.2 Fenômeno Social.....	32
2.1.3 Uma leitura sobre a filosofia da técnica circunscrita aos blogs	33
2.1.4 Implicações da técnica nos fenômenos sociais.....	36
2.1.4.1 Limitações e intervenções.....	37
2.1.4.2 Os comentários.....	38
2.1.4.3 Caráter público e digital do blog.....	40
2.1.5 Aspectos da coletividade	40
2.1.6 Colaboração.....	42
2.2 Os diários	44
2.2.1 Em busca de um significado.....	44
2.2.1.1 Registro.....	44
2.2.1.2 Foco.....	47
2.2.1.3 Periodicidade.....	49
2.2.2 Trajetórias já traçadas com diários.....	51
2.2.2.1 O diário como um guia para a investigação.....	51
2.2.2.2 O diário como um instrumento para detectar problemas e explicitar concepções.....	53
2.2.2.3 O diário como instrumento para mudar/permear concepções...54	
2.2.2.4 O diário como instrumento para transformar a prática docente..55	
2.2.2.5 O Acesso ao Mundo Pessoal dos Professores.....	57
2.2.2.6 Os Diários como Grande Recurso para Explicitar os Próprios Dilemas em Relação à Atuação Profissional.....	57
2.2.2.7 Os Diários como Recurso de Acesso à Avaliação e ao Reajuste de Processos Didáticos.....	58
2.2.2.8 Os Diários como Recurso para o Desenvolvimento Profissional Permanente.....	59

2.3 Diários (eletrônicos) de professores: subsídios para reflexão docente.....	60
2.3.1 Professor como participante reflexivo.....	61
2.3.2 Diários: prática reflexiva partilhada.....	64
2.3.3 A reflexão entre professores é determinada pelo aparato técnico?.....	68
2.3.4 Implicações no contexto educativo.....	69
2.3.5 Blogs e formação de professores: movimentos histórico e socialmente constituídos.....	71

3 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES EM BLOGS

3.1 A formação da identidade do professor na escola e no blog .	79
3.2 De corpos, currículos e blogs.....	90
3.3 O professor no espaço	97
3.4 O discurso e a escrita no processo de construção de identidade.....	100

4 BLOGOSFERA : REDES NADA ESFÉRICAS.....	102
4.1 Comunidades virtuais	103
4.2 Redes.....	111
4.3 Pertencimento.....	113
4.4 Colaboração, cooperação.....	115
4.5 Aprendizagem cooperativa, inteligência coletiva.....	117

5 REFLEXÃO ENTRE PROFESSORES EM BLOGS : PASSOS PARA NOVAS EDUCAÇÃO.....	120
--	------------

REFERÊNCIAS.....	126
-------------------------	------------

ANEXO 1 – INDICAÇÕES DE BLOGS.....	131
ANEXO 2 – E-MAIL CONVITE.....	136
ANEXO 3 – TABULAÇÃO.....	137

• 1 CADEADOS QUEBRADOS: TRAJETÓRIA DE ESTUDO DA REFLEXÃO ENTRE PROFESSORES EM BLOGS

1.1 Querido diário... (ou de como surgiu esta história)

Foi em um sábado frio do fim de setembro de 2003, no Campus da Universidade Federal de Santa Maria, no centro do Rio Grande do Sul (Brasil). Ali aconteceu o primeiro encontro do curso “Orientação Sexual: um trabalho para professores?”, organizado por mim e pela professora Deisi Sangoi Freitas¹. Este curso abordava um tema já indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como Tema Transversal (BRASIL, 1999), e realizou-se através de sete encontros com palestras e oficinas que visavam discutir a abordagem da sexualidade, pelos professores, nas escolas. Planejamos este curso de maneira que facilitasse e estimulasse a participação de professores da rede pública de ensino de Santa Maria e região: um curso, gratuito, aos sábados, com duração de 40 horas, registrado na instituição, com certificado e carga horária estimulada pela Secretaria de Educação, abordando um tema que necessitava de discussão urgente. Este conjunto de condições favoráveis e a abordagem de um tema polêmico fizeram com que a procura superasse as condições físicas (tamanho do auditório) que dispúnhamos.

E assim seguiram outros sábados em que, apesar de frios e chuvosos, os participantes estavam lá, aguardando ansiosos as palestras e oficinas. Nesse processo, um fato inesperado ocorreu: os professores demonstraram que tinham poucas oportunidades de dialogar com seus pares e uma necessidade muito grande de falar sobre suas práticas educacionais, buscar soluções aos seus problemas, trocar experiências e impressões.

Esta necessidade de falar sobre a prática nos fez indagar o que faltava para que eles refletissem coletivamente sobre suas práticas com mais frequência?

¹ Deisi Sangoi Freitas é professora da Universidade Federal de Santa Maria; ela assumiu em 2002 (após um afastamento para doutoramento) as disciplinas de Prática de Ensino e posteriormente Didática. Acreditava em uma perspectiva diferente do que vinha sendo trabalhada até então nas práticas de ensino. Sendo assim, intensificou o acompanhamento nestas disciplinas e introduziu a ideia dos “diários” como um processo de construção (ao invés de um “relatório” como relato avaliativo ao fim do semestre).

Nesta mesma época, eu cursava o último semestre de minha graduação em Ciências Biológicas, realizando as atividades da disciplina “Prática de Ensino/Estágio Supervisionado”². A professora Deisi Sangoi realizava o acompanhamento de seus alunos através da utilização de diários, segundo uma reflexão apontada por Porlán e Martín (1997), no livro “El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula”. A intenção era utilizá-los como dispositivo onde os alunos escrevessem seus planejamentos, relatassem as ações da prática e refletissem sobre elas. Fui neste momento, realizando a minha prática de ensino (Formação Inicial) com as reflexões direcionadas pelo diário. Ao ver que os professores do curso que implementávamos (Formação Continuada) demonstravam a necessidade de refletir sobre a prática, comecei a inquietar-me com alguns pontos, que posteriormente geraram o projeto que deu origem a este estudo.

Estes e outros autores que abordam os diários na prática pedagógica, serão revisitados no próximo capítulo, Nuanças de Diários e Blogs.

Notava que os aqueles diários, tal como eram feitos naquela época, não proporcionavam reflexões coletivas, tampouco estimulavam a busca conjunta por soluções a problemas comuns, não se estabeleciam discussões sobre os problemas, as angústias e as necessidades de cada um. Como os diários eram feitos isolados e individualmente, onde só tinham acesso o aluno e a professora, não se estabelecia um ambiente de colaboração e aprendizagem colaborativa entre os pares. Também, no curso de Formação Continuada, parecia que ao concluir a Formação Inicial³ os professores se afastavam, as oportunidades de reflexões coletivas ficavam cada vez mais raras e difíceis.

Durante o curso que organizávamos, vários professores explicitavam a necessidade de conversar e refletir conjuntamente sobre a prática, mas diziam que

² O curso de Ciências Biológicas vinha sofrendo, desde 1999, uma transição curricular. Nesta época, todos ingressavam através do mesmo vestibular e no terceiro semestre optavam por licenciatura ou bacharelado – considerado mais nobre e digno de maior atenção - em Ciências Biológicas. No curso de licenciatura, via-se uma forte dicotomia entre teoria e prática, entre “saberes acadêmicos” e “saberes escolares”: as disciplinas “biológicas” em hora alguma consideravam que estavam formando professores, ao passo que as “pedagógicas” apareciam apenas nos últimos semestres, sem qualquer relação com a área do conhecimento onde estavam formando professores. Nesta transição curricular viam-se alguns movimentos de mudança, mas implementados somente após minha saída do curso.

³ A Formação Inicial dos participantes naquele curso era a mais diversa possível: a maioria tinha somente Magistério (Curso Normal) ou alguma Licenciatura Curta, outros possuíam Graduação, às vezes Pós-Graduação *Lato* ou *Strictu Sensu*. Mesmo dentre os que chegaram a fazer Graduação, a diversidade era grande, mas parecia que a maioria tinha em comum a percepção de que a teoria parece ser desvincilhada da prática, que, por sua vez, não é refletida. Nos falamos disso Fávero, (1996), Piconez, (1991), dentre tantos outros.

não conseguiam fazer isto, pois trabalhavam em colégios distantes, nunca se encontravam (exceto em um ou outro curso) e que as pessoas que estavam no colégio não se dispunham a refletir conjuntamente sobre a prática. Foi então que tentamos abrir uma lista de discussão, porém, a lista não se efetivou. Só depois fui me dar conta de que aquilo era uma estratégia alheia àqueles professores. Mesmo assim eu continuava a acreditar na internet como um meio não só de informação, mas de comunicação e produção, onde todos pudessem interagir, refletir e construir, coletivamente, o conhecimento da práxis em co-autoria.

Tanto as possibilidades do uso dos diários, quanto os problemas que eu vinha observando, me levaram a imaginar um ambiente web, onde os professores pudessem relatar suas práticas, refletir sobre elas e buscar, conjuntamente, através de múltiplos canais de comunicação, soluções para seus problemas, suas angústias...

Depois de passar algum tempo tentando construir este espaço, conforme relato a seguir, passo a estruturar esta pesquisa nos *blogs*. Suas características e a dinâmica estabelecida neles é objeto paralelo de toda a dissertação, sendo abordado mais especificamente no capítulo Weblog, Blog, Bitácora.

Foi com esta proposta que fui selecionada para ingressar no programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da professora Maria Helena Bonilla, em abril de 2004. Comecei logo, com todo pique de principiante, querendo colocar em ação os planos do projeto, já com o cronograma estourando.

Era necessário criar um ambiente web adequado (o que logo vi que não conseguiria dar conta) ou encontrar algum que atendesse às necessidades. Ao mesmo tempo em que analisava os ambientes que tinha acesso, eu me engajava em projetos que demandavam pedidos de instalação no servidor de alguns programas para testes (Zope, Moodle, wikis...). Comecei a perceber que, mesmo sendo a interatividade e a aprendizagem cooperativa desejos declarados de vários projetos de formação de professores, poucos sistemas/plataformas/ambientes já os faziam assim como eu desejava. A negociação com o setor específico para a instalação dos ambientes no servidor também parecia não render muito. Este foi o primeiro entrave que encontrei.

Enquanto não encontrava um sistema/ambiente adequado, tentei estabelecer um diálogo com meu pretense público: alunos de Prática de Ensino em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Maria, escolhidos pela minha possibilidade de acesso. Queria que estes alunos, que já faziam seus diários de

prática de ensino, passassem a fazê-los na web. Eu queria saber quem eram aquelas pessoas, a história delas, seus medos, suas angústias e suas práticas.

Então, criei uma lista de discussão (diarios@yahoogrupos.com.br) e pedi àqueles alunos que fizessem um memorial. Segundo entrave: os alunos não viram utilidade naquela lista. Depois eu fiquei sabendo que alguns nem conheciam uma lista de discussão, assim poucos chegaram a efetivar a inscrição na lista e menos ainda se interessaram em discutir. Pelo mesmo motivo, também não fizeram o memorial. Aquilo não fazia parte da vida deles, não era realmente importante. Terceiro entrave: como eu estava em Salvador-BA e eles em Santa Maria-RS (mais ou menos 3000 Km de distância) eu não estava perto para acompanhar (ainda achando que precisaria “olhar” para eles), para ver os alunos, perguntar o que estava acontecendo. O diálogo não se estabeleceu.

Já no fim de 2004, foi publicada na Revista Nova Escola edição 176, de outubro de 2004⁴ uma matéria sobre uma professora que, ao fim de cada dia de trabalho, contava despreocupadamente tudo o que havia lhe acontecido durante o dia. Escrevia... e notou que isto a ajudava a refletir sobre a prática e a agir de modo mais coerente com a realidade. Paralelo a isto, a revista lançava um ambiente web para que os professores pudessem fazer diários on-line. Isto me fez notar que esta não era uma angústia só minha e talvez seria hora de mudar meu foco de estudo. Como eu não teria respostas absolutas e perenes ao assunto (não era e nem poderia ser minha pretensão elaborar um “modelo”) talvez seria mais promissor, ao invés de tentar construir um ambiente “perfeito”, voltar meu olhar para algumas experiências que vinham acontecendo no ciberespaço e fora dele.

Graças ao meu engajamento nas discussões do Grupo de Pesquisa Educação Comunicação e Tecnologias-GEC⁵, nas disciplinas do Mestrado, em outros projetos do grupo, em conversas com colegas e professores, principalmente com minha orientadora, Bonilla, fui tomando consciência de alguns achados:

I. O diário na web *não* é simplesmente uma transposição do *diário no papel para a internet*, ele apresenta inúmeras possibilidades com as múltiplas linguagens da web. Um não é igual ao outro e tem especificidades que precisam ser pensadas para se estruturar melhor uma proposta.

Trata-se da “remediação”, abordada no capítulo Nuanças de Diários e Blogs.

⁴ http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0176/aberto/formacao_leraprender.shtml

⁵ GEC <<http://www.faced.ufba.br/gec>>

II. O ambiente: nunca conseguiria fazer um ambiente perfeito, mesmo que encontrasse algum que atendesse as necessidades que eu imaginava naquele momento. Em outros momentos surgiriam novas necessidades, a dinâmica do grupo poderia mudar. Fazer ou encontrar "o" ambiente adequado (depois fui perceber que o que eu buscava era algo que pudesse ser perfeito) fugiria dos meus objetivos em um Mestrado em Educação.

III. Comunidades virtuais só se efetivam se as pessoas que a formam forem movidas por um objetivo comum. As pessoas precisam sentir a necessidade de fazer ali o que a comunidade se propõe. Se elas não sentirem esta necessidade, elas não vão participar e vão dirigir seus esforços para outras atividades que lhes pareçam mais necessárias ou prazerosas. Dizem que na internet se navega ao sabor das ondas, que nos deixamos levar para onde os ventos que nos parecem agradáveis nos levam...

A formação das comunidades entre os professores-blogueiros, por sua rica complexidade, fez-se objeto de análise, o que pode ser encontrado no capítulo Blogosfera.

IV. Assim como a formação de comunidades virtuais, a reflexão sobre a prática docente *não acontece por imposição*. Para refletir sobre a prática é preciso que exista um processo individual de tomada de consciência da importância disto, que implica na disposição de participar de um movimento coletivo, sujeito a críticas e reconstruções. Eu só vou pensar sobre o que faço se isto for importante *para mim*.

A reflexão partilhada entre professores sobre a prática docente em diários na web (blogs) é o objeto perseguido neste estudo. Para tanto, foi necessário analisar características dos diários, traçar um paralelo com os blogs, analisar a inserção dos professores neste contexto e as tessituras em rede para a reflexão partilhada entre professores em blogs.

O âmbito público da web nos revela um novo item: é necessário, para eu fazer um diário na web, que o sujeito queira tornar pública as coisas que antes faziam parte somente de seu mundo privado –a sua visão de mundo, as situações que percebeu como problemáticas, suas angústias, medos, fraquezas, felicidades. Sempre considerando que isto será exposto a um “outro” (alteridade). *Expor* seu íntimo a

As relações entre o público e o privado, o individual e o coletivo, a territorialidade e a inserção do indivíduo neste processo serão analisados no capítulo Construções Identitárias de Professores em Blogs.

outros professores significa também *dar voz* a todos os que lêem o diário, significa estar disposto a *ouvir crítica*, a *mudar* e lutar pela mudança do instituído. Nem todos desejam isto e esta disposição não se cria por imposição.

Assim, ao me dar conta desses elementos e processos, notei que outras pessoas foram tendo a mesma idéia: começaram a surgir (e alguns dos que já existiam começaram a apresentar resultados favoráveis) ambientes que propuseram abrir espaço para relatos sobre as práticas e reflexões conjuntas. Observei que cada ambiente tinha suas especificidades e se propunha a coisas/situações/objetivos diferentes. Foi assim que, no final de 2004, junto de minha orientadora, reestruturei a pesquisa, delimitando como objetivo:

Identificar casos de uso de diários na web, analisado-os como diários da prática pedagógica, visando verificar se estes servem/se prestam para promover/facilitar a reflexão partilhada sobre a prática e como este processo acontece.

Também interessava saber se, em uma comunidade de blogs, se estabeleciam trocas de informações rumo à solução conjunta de problemas e à aprendizagem cooperativa, se possibilitavam a construção de objetos comuns.

Estabelecido o objeto de estudo (reflexão docente em diários eletrônicos), faltava estruturar uma metodologia que abordasse da melhor forma possível este movimento ainda pouco conhecido. Segundo Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa não se recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar alguma hipótese construída previamente.

Não se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo. (BOGDAN, R; BIKLEN, S, 1994, p. 50)

Assim, foi necessário desconstruir a idéia de pesquisa como trajeto linear (levantamento de hipóteses – submissão do público à situação experimental – dados que comprovam uma ou outra hipótese). Esse percurso, cheio de idas e vindas, me fez ver a complexidade desse processo de pesquisa e a necessidade de lançar mão de um olhar múltiplo e implicado com o contexto. Descobri que algumas coisas que

eu entendia como certas, não se aplicavam. Foram aparecendo cada vez mais dúvidas. O objeto de pesquisa foi construído e desconstruído várias vezes. Lancei meu olhar para perto e para longe, vi novos contextos e outras situações.

Esse processo me levou a crer que a reflexão entre professores em ambientes web era atrelada a muitos outros fatores que antes não considerava. Era como se um quadro que fosse se construindo à medida que eu jogava luz para um ou outro lado (às vezes até parecia que a luz reagia com a tinta, ou que um pedacinho mais outro dava um contexto diferente do que eu havia imaginado como a soma dos dois). Também percebia que este quadro faz parte de um conjunto de quadros maiores, e que eu não daria conta do todo, nem fazia sentido ter tal pretensão.

Então, como olhar este quadro? Com todos os pressupostos da pesquisa qualitativa que baseou este trabalho, foi necessário abordar algumas considerações metodológicas sobre o olhar e o envolvimento com o objeto de estudo para, então, analisar este processo como um provável movimento formativo de professores.

1.2 Considerações metodológicas

Focamos, como objeto de investigação, a reflexão entre professores em ambientes web, dando prioridade para a análise de blogs de professores que falavam e refletiam sobre sua prática docente, com articulações, relacionamentos e entrelaçamentos a outros blogs.

As questões formuladas e investigadas não se estabeleceram mediante a operacionalização de variáveis, e sim, com o objetivo de investigar os fenômenos em sua complexidade e contexto natural. Buscamos os pormenores e a complexidade, e para isso se fez necessário olhar sob múltiplos enfoques, sendo que as questões foram sendo reformuladas durante o trajeto de pesquisa.

Alguns pontos se mostraram mais relevantes no decorrer do processo investigatório, porém, não atuaram como “pacotes” isolados uns dos outros, e sim, como camadas permeantes de uma trama complexa. Destes pontos, a reflexão perpassou todo o processo, se constituindo, permanentemente, como o objeto de estudo. Ela acontecia com um público específico – professores. Nos chama a

atenção que a formação inicial de muitos deles (as), historicamente, se dá em cursos de graduação onde a teoria geralmente aparece desvinculada da prática (FÁVERO, 1996) e onde a reflexão dificilmente é estimulada (PICONEZ, 1991). Por muito tempo também se cultivou a idéia de que o professor atuava com saberes inquestionáveis (científicos) e imutáveis, constituindo sua formação inicial como perene. Porém, este estudo só foi possível graças a alguns professores que se envolvem com tecnologias novas (que se renovam a cada dia), criam blogs, pretendem relatar episódios cotidianos, dispostos a considerar críticas e enfrentar seus não-saberes, assim como Zabalza (2004) e Porlán (1997) propõem com os diários. Este movimento acontece em um espaço que também merece muita atenção, o ciberespaço.

As características dos diários e dos blogs, usados ou não como diários, serão abordados no capítulo: "Nuanças de diários e blogs"

As singularidades destes fatores, principalmente o último, nos levaram a imprimir características especiais a este estudo. A análise foi centrada em blogs, observando secundariamente outros espaços relacionados a estes, o que transformou os blogs em um elemento dentro de um sistema mais amplo. As interpretações sempre foram realizadas considerando o contexto, tentando revelar a multiplicidade de dimensões presentes nesta situação e confrontando as informações que emergiam, o que, segundo Lüdke e André (1986), justifica a utilização da metodologia proposta.

Isto significa que o objeto estudado é tratado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada. Desse modo, a questão sobre o caso ser ou não 'típico', isto é, empiricamente representativo de uma população determinada, torna-se inadequada, já que cada caso é tratado como tendo um valor intrínseco (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 21).

Estabelecido o objeto de estudo, notou-se que os sujeitos envolvidos têm características singulares. Eles fazem parte daquele grupo de profissionais da educação que estão dispostos a refletir e dialogar (confrontar idéias, trocar experiências, construir coletivamente ou, simplesmente - mas não menos importante – desabafar).

As características dos sujeitos e os processos identitários destes professores em blogs foi um achado muito marcante, sendo traduzido no capítulo "Processos identitários de professores em blogs"

Também devemos levar em consideração que estes sujeitos possuem acesso à internet, o que exclui uma grande parcela de professores (ras). Outro fator é o

tempo, pois vemos que muitos assumem jornadas de trabalho duplas ou triplas – o que faz com que tenham pouco tempo para destinar à sua formação. Além disso, estes sujeitos optaram, por uma razão ou outra, por fazer seus relatos e reflexões na web, tornando públicas as reflexões que até então eram privadas.

Esta foi a condição que possibilitou o acesso aos sujeitos: a web tornou-se um espaço destes sujeitos. Fiz várias pesquisas nos blogs existentes para saber quais eram de profissionais da educação e, destes, quais que exercitavam suas reflexões ali. Isto fez com que os sujeitos da pesquisa não estivessem circunscritos por barreiras geográficas, participando profissionais de vários estados brasileiros e de alguns outros países, como Portugal e Espanha.

A relação dos endereços dos blogs que fizeram parte desta pesquisa encontra-se em anexo.

Através destas buscas foi possível identificar alguns blogs de professores (ras) que escreviam ali sobre sua prática pedagógica. A partir dos primeiros blogs assim identificados, segui algumas “pistas” que me levaram a identificar outros blogs que me interessariam. A maioria dos blogs apresenta uma lista de links, de blogs que “freqüenta” ou indica a visita. Além disso, existem os comentários àquilo que é postado, em sua maioria feitos por outros blogueiros, contendo o endereço/referência deste outro blog. Segui estes caminhos indicados e cheguei a outros blogs. Isto me deu uma lista muito grande de endereços de professores ou profissionais comprometidos com a educação e que realizavam reflexões publicamente em seus blogs.

Para selecionar os que seriam utilizados na pesquisa, procurei verificar os mais significativos, ou seja, os mais presentes nestes ambientes, os que eram mais citados, os que apareciam mais vezes nos blogs dos “vizinhos”, ou seja, um termômetro do reconhecimento público dos outros blogueiros como sendo este um blog de referência. Passei a construir uma tabela relacionando os blogs encontrados ao que ele indica, posteriormente passando para outra tabela relacionando o blog aos lugares onde era citado (Anexo 1). A intenção era, com isto, elencar os blogs mais representativos e seguir o estudo com estes. Porém, em pouco tempo, vi que seria praticamente impossível realizar este levantamento, ou pelo menos da forma como vinha fazendo: essas indicações mudavam a cada dia, assim como era impressionante o número de blogueiros que iam se inserindo neste espaço e ganhando representatividade. À medida que me inseri nestes ambientes, ganhei percepção própria de alguns blogs representativos, isso me fez deixar a tabela inicial

ou, pelo menos, considerá-la apenas como ponto de partida.

A maioria dos blogs também tem algumas referências dos autores, como endereço de e-mail. Por estas referências pude entrar em contato com os “donos” dos blogs escolhidos, convidando-os a participar da pesquisa (Anexo 2 – E-mail Convite). Neste convite forneci alguns dados da pesquisa (identificação, objetivos, instrumentos de coleta e o destino dos resultados) e perguntava qual seria a melhor forma de conversarmos. No e-mail fazia a sugestão dos comunicadores instantâneos (IM – Instant Messenger), como MSN ou SKYPE. A participação ativa na pesquisa se deu quando o blogueiro aceitava participar e indicava a forma de entrevista que preferia (MSN, e-mail, skype). A grande maioria das entrevistas aconteceu por algum comunicador instantâneo, essencialmente com mensagens de texto, o que confere uma linguagem muito específica e configura o tipo de informação veiculada, o que é significativamente diferente de uma entrevista onde entrevistador e entrevistado encontram-se frente a frente com um gravador. Tais aspectos serão aprofundados no próximo tópico.

1.2.1 Instrumentos de coleta de dados

Utilizamos três instrumentos de coleta de dados: observação participante, entrevistas e análise documental. Porém, visto as singularidades do objeto focado, se fez necessário imprimir novas características a estes instrumentos. Tradicionalmente,

(...) a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes (ANDRE, 1995, p. 28).

Ainda, através da observação podemos estabelecer um contato “pessoal” e estreito com o fenômeno, chegando mais perto da perspectiva dos sujeitos, acompanhando *in loco* as experiências (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Porém, nosso fenômeno restringiu este “contato pessoal”, uma vez que o *lócus* da pesquisa foram espaços de interação on-line. Partindo da premissa de que a observação destes fenômenos só é possível mediante a inserção no contexto, tornou-se inevitável que

esta observação fosse participante. Dessa forma, fiz parte do ambiente dos participantes, me tornei autora de blog, fui reconhecida por outros professores-autores-blogueiros, fiz intervenções nas construções e isso, conseqüentemente, provocou alterações no próprio contexto. As alterações decorrentes deste tipo de inserção foram inevitáveis; mas devido a esse modo de inserção foi possível 'descobrir' as características aqui apresentadas.

Assim, o olhar da investigação foi direcionado no sentido de observar se os diários eletrônicos possibilitaram a reflexão sobre a prática, de forma partilhada. Busquei identificar, também, se nestes diários foram estabelecidos fluxos de informações e referências a outros diários. Pretendia compreender se as interações presentes (quando presentes) propiciam o repensar da prática docente em um processo coletivo.

Para análise dos ambientes selecionados, procuramos identificar:

1. O que leva os professores a fazer um diário eletrônico? O que eles pretendem com isto? A reflexão é pretendida?
2. A reflexão (pretendida ou não) é identificada nestes diários?
3. Como docentes-blogueiros lidam com o caráter público da web?
4. Quem são estes professores? Aos que têm acesso, quais as condições de trabalho e infra-estrutura? E, qual a inserção em ambientes web?
5. Dialogam com outros professores? Os blogs propiciam espaço para tal? Vêm os blogs como instrumento de diálogo? O diálogo é importante para a formação docente?

Estas informações foram obtidas por observações articuladas a entrevistas e análises documentais. As entrevistas foram realizadas por meio de e-mail e chat. As entrevistas se deram desta forma essencialmente por dois motivos: 1. os atores envolvidos no processo localizam-se geograficamente dispersos e 2. “as ações são melhor compreendidas em seu ambiente habitual de ocorrência” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 47), neste caso, o ciberespaço.

As entrevistas, semi-estruturadas, não diretivas, pretenderam auxiliar na compreensão do que os atores envolvidos pensam e como se envolvem com o processo. Para auxiliar, elaborou-se um roteiro que indicava questões a serem investigadas com todos os atores. As entrevistas foram mescladas com observações

a outros ambientes, uma possibilidade proporcionada pelo ciberespaço, além de servirem de indicadores e não de amarras, ou seja, a entrevista ocorria como um diálogo livre e aberto onde eu, enquanto investigadora, tenta levar os sujeitos a expressar livremente suas opiniões. As entrevistas, articuladas às observações, buscavam identificar os seguintes pontos mostrados no Quadro 1:

QUADRO 1

Roteiro de observação e entrevista

1. IDENTIFICAÇÃO (Nome e endereço do blog, autor(es), e-mail, servidor, localização geográfica, datas de observação, descrição...)
2. OBSERVAÇÃO
 - 2.1. Os temas dos *posts*
 - 2.2. Os *posts* são comentados?
 - 2.3. O blog aponta links para outros blogs
 - 2.4. Quem comenta os *posts* é um dos blogueiros indicados nos links?
 - 2.5. Quais os recursos (template) utilizados? (localização geográfica dos visitantes, contador de acessos, links, calendário...)
3. ENTREVISTA COM OS BLOGEIROS
 - 3.1. Informações sobre o autor
 - 3.2. O nome do blog
 - 3.3. O que lhe levou a criar um blog?
 - 3.4. O que você esperava do blog?
 - 3.5. Hoje, porque você continua a usar o blog? De que ele lhe serve?
 - 3.6. Por que você escreve sobre sua prática pedagógica?
 - 3.7. Seu blog lhe auxilia em sua prática pedagógica?
 - 3.8. Outros professores olham seu blog e interagem com você?
 - 3.9. Você conhece quem comenta seus *posts*?
 - 3.10. Ao seu ver, o blog lhe ajuda a refletir sobre a prática? Você acredita que seu blog contribui em sua formação?
 - 3.11. Alguma vez o que aconteceu em seu blog lhe ajudou a resolver algum problema? Pessoas que participam com você do blog constroem coisas com você? O blog contribui para solução conjunta de problemas e construção de objetos comuns?

Na análise documental, além da bibliografia especializada, analisamos os próprios ambientes/sites em que acontecem as reflexões (blogs e ambientes a eles relacionado por links), indicados pelo blogueiro como presentes em sua “rede de discussão”. Por vezes a análise documental parece se confundir com a observação (quase sempre participante). Isto talvez seja reflexo da necessidade que vemos de ressignificar certos métodos de pesquisa, principalmente quando observamos movimentos sociais no ciberespaço, assim como já nos indica Mayans (2002).

Salientamos as marcas da subjetividade na coleta e análise dos dados, uma

vez que no estudo de caso de pesquisa qualitativa, o pesquisador é o instrumento principal (BOGDAN e BIKLEN, 1994), o que permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando as técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho. Segundo André (1995, p. 24), “estarão sempre presentes o *meu* quadro de referências, os *meus* valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas que *eu* faço no *meu* instrumento estão marcadas por *minha* postura teórica, *meus* valores, *minha* visão de mundo”.

1.2.2 Tratamento e análise dos dados

Este “caminho metodológico” deu subsídios para olhar e analisar alguns blogs. Após a realização das entrevistas, estas foram relidas à procura de categorias de análise. Para tanto, foram tabuladas em uma tabela indicando pontos de marcação. A releitura do material coletado mostrou novos pontos de análise, pediu novas leituras, indicou novas categorias e subcategorias de análise (Anexo 3 – Tabulação).

Talvez nem todos os sujeitos envolvidos tenham percepção das análises apresentadas neste trabalho, porém, eles demonstram uma expectativa em torno de reconstruções sociais da realidade que apontam para uma nova cultura que está emergindo: a da reflexão docente em meios eletrônicos. Os resultados foram permeando as leituras, as revisões teóricas e as observações. Desta forma os resultados aparecem desde o início da escrita, estando presentes em todos os capítulos.

As categorias foram agrupadas por afinidade e deram origem aos capítulos. Porém, por diversas vezes foi difícil separar nitidamente os capítulos, o que fez com que todos os eles apresentassem pontos de intersecção com os outros, marcados por links que vão ligando as temáticas, os ângulos de análises, as relações entre teoria e prática. Isto demonstra a complexidade do tema, bem como a interdependência com vários fatores, além da incompletude: a cada novo olhar surgiam outras possibilidades, interfaces, faces que se traduziam em diferentes histórias, diferentes reflexões.

Desta forma, abordando os pontos que se constituíram como relevantes na trajetória da pesquisa, os capítulos abordam:

1. Questões teóricas que nortearam este trabalho, conceituando *diários e blogs*, além de apontar para aspectos relevantes da reflexão docente. Neste capítulo começa o “passeio” pela esfera analisada, articulando conceitos, questionando implicações do espaço e das ações ali conduzidas.
2. Como as “faces” se apresentam nestas esferas, ou, como se constituem os *processos identitários* dos professores em blogs.
3. Comunidades, *blogosfera*, ou dos pontos de ligação e colaboração que existem entre os blogs e o ciberespaço, por vezes até extrapolando as relações on-line.
4. A *reflexão entre professores em blogs*, o que é elaborado a partir de todo o itinerário traçado para lançar o olhar sobre o objeto de pesquisa.

Esta construção só foi possível graças às “presenças” dos muitos sujeitos que contribuíram na construção do itinerário desta pesquisa onde, como pesquisadora, me inseri em um contexto que assim foi se reconstruindo. Isto faz com que, por vezes, as afirmações apareçam no plural: “construímos”, “falamos”, “concluímos”. Da mesma forma, esta só foi possível graças as itinerâncias em diferentes espaços, em que se formaram, ao mesmo tempo, conceitos de diferentes “capítulos”, o que faz com que eles apareçam “linkados” uns aos outros, da mesma forma como a história vivida pelos sujeitos nos blogs, sempre se construindo juntos. Sendo assim, este não pretende ser um espaço fechado, redondo, linear, e sim, complexo, inacabado, com múltiplos caminhos de navegação/construção.

Da mesma forma que a construção deste trabalho seguiu múltiplos caminhos, a leitura também pode se realizar hipertextualmente através das referências contidas nas caixas laterais ao texto.

Convido agora você, leitor, a imergir mais profundamente nesta navegação em mares de escritas, reflexões, links e, quem sabe, ajudar a construir estas histórias ou novos itinerários de navegação e outras histórias.

• 2 NUANÇAS DE DIÁRIOS E BLOGS: PINCELADAS DE UM QUADRO MÚLTIPLO

Alguns autores apresentam os diários como uma importante estratégia para a reflexão. Porém, logo nas primeiras tentativas de implementação desta pesquisa, notei que os blogs não são simples transposições dos diários íntimos de papel para a web. Há todo um processo de *remediação* envolvido neste processo, ou, quem sabe, até sejam processos completamente distintos. Para analisar tais características nestes blogs, é necessário fazer revisitar os autores que conceituam blogs e diários, bem como suas características, articulações e implicações. Junto destas visitas, convido o leitor a imergir na esfera analisada, fazendo um passeio nos blogs que exemplificam as questões teóricas ou suscitem novas questões, articulando conceitos, questionando implicações do espaço e das ações ali conduzidas.

O diário na web não é simplesmente uma transposição do diário do papel para a Internet. .

As primeiras pinceladas deste quadro trazem cores ao cenário dos blogs, dos aspectos sociais das articulações ali desenvolvidas, além de algumas questões filosóficas acerca da técnica circunscrita a estes. Outras pinceladas trazem autores que conceituam os diários, a reflexão sobre a prática neles e como isto poderia se dar em um ambiente on-line através dos blogs. Por fim, abordo as implicações deste processo no contexto educativo e os movimentos demandados à formação de professores.

2.1 Weblog, Blog, Bitácora

Blog é uma abreviação da junção das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (registro). Ou seja, espaços na web onde os usuários podem fazer seus diários. Porém, atualmente, com as diversas variações verificadas em suas apresentações e utilizações, existem diversos esforços para encontrar o conceito e o significado de blog.

Sob certos aspectos, os blogs lembram os diários de bordo, onde o capitão anotava de forma cronológica todos os acontecimentos do navio. Daí a expressão

utilizada pelos espanhóis, bitácora, ou caderno de bitácora, que acabou também sendo aplicada como sinônimo de blog:

bitácora. (Del fr. *bitacle*, por *habitacle*). 1. f. *Mar.* Especie de armario, fijo a la cubierta e inmediato al timón, en que se pone la aguja de marear.

cuaderno de bitácora. 1. m. *Mar.* Libro en que se apunta el rumbo, velocidad, maniobras y demás accidentes de la navegación (DRAE, on-line).

Na web, o internauta relata o que lhe interessa, a quem quiser ouvir, sem intermediários que cortem sua liberdade. Provavelmente por ser muito simples, rápido e barato criar um blog, estes se tornaram um fenômeno social em pouco tempo.

Genericamente, estas páginas de internet, hospedadas em servidores ou hospedeiros, gratuitos ou não, caracterizam-se por entradas ordenadas cronologicamente, onde aparece primeiro a mais recente e as mais antigas vão caindo na seqüência para o final da página até que saiam da página principal para serem guardadas em um arquivo ordenado por mês/ano.

Para verificar um movimento no sentido da conceituação de “blog”, vamos analisar o que aconteceu dentro de um blog. Granado⁶, em certo momento, tenta, junto com outros espectadores-atores, montar um conceito de blog. O autor expõe e questiona um conceito bastante conhecido, que “um weblog é uma página com entradas datadas que aparecem pela ordem inversa em que foram escritas” e pede a opinião dos que por ali passam, agregando-se outros valores e perspectivas ao conceito. O conceito original passa a ser problematizado e, em certo momento, para facilitar, os participantes da discussão separam-o em duas partes: a “física” e de conteúdo. Fisicamente poderíamos dizer que os blogs são páginas, com registros organizados em ordem cronológica, com possibilidades de interatividade. Pelo conteúdo, os blogs são entendidos como espaços onde são expressas opiniões pessoais (de uma pessoa ou grupo), com um certo objetivo, sem passar por qualquer mediação ou censura, predominando a opinião do “dono”.

E seguem as controvérsias: não é uma página, e sim um pedaço de uma rede, não chegando a ser um portal. As datas são outro ponto problemático: posso ou não datar, posso atribuir uma data diferente da verdadeira, posso fazer edições (tornando o post recente) de posts antigos, colocando em questão o conceito de

⁶ <http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm>

“cronologicamente inverso”. É provável que o não consenso quanto ao conceito também se dê pela fluidez e pela rapidez das trocas simbólicas na web, aliado à possibilidade de o autor, na singularidade de suas esferas, modificar os modelos pré-definidos para a execução de seus objetivos, imprimindo assim ainda mais diversidade a este espaço.

Aos blogs podem ser agregadas outras ferramentas e, o mais importante, relacionar outras pessoas no ambiente e nos processos realizados nele, construindo uma *blogosfera*⁷ cada vez maior, fazendo deste um *fenômeno social*, onde fica em evidência a criatividade humana. Com tal diversidade, a linha limite entre blogs e tantas outras partes da web, é muito tênue. Mesmo assim (ou exatamente por isso), tentaremos aqui delimitar algumas características deste espaço e deste fenômeno, sempre voltando o olhar para a reflexão entre professores nos blogs.

2.1.1 Características do aparato técnico

A maioria dos softwares que auxiliam na elaboração de um blog separam a apresentação e o conteúdo, oferecendo templates⁸ prontos que, na maioria das vezes, podem ser alterados substancialmente. Esta separação, onde o template pode vir junto, possibilita que um usuário sem conhecimentos de Html ou linguagens de programação, confeccione um blog e o utilize muito facilmente. Isto acaba sendo bem mais simples e rápido do que criar e manter uma página em outro formato.

Outra característica é o dinamismo. Como teoricamente qualquer indivíduo com conceitos mínimos de internet e vontade de escrita, consegue criar seu blog, é crescente o número de autores (*blogueiros*), que podem postar⁹ rapidamente,

⁷ Blogosfera. Diz-se deste espaço/esfera formado pelo conjunto (total ou grupos) de blogs, blogueiros e o que a isto estiver ligado.

⁸ Template, segundo o Dicionário Michaelis Informática (2001) é:

“gabarito; (i) folha de plástico ou metal com símbolos recortados para auxiliar no desenho de fluxogramas e diagramas de circuito; (ii) (em processamento de texto) texto padrão (como uma carta padrão ou fatura) no qual detalhes específicos (endereço da empresa ou preços ou quantidades) podem ser adicionados.”

No caso dos blogs, são conjuntos de comandos que geram modelos de aparência e funcionalidade que o usuário pode escolher para montar seu blog, sendo que em alguns hospedeiros (como o Blogger) o usuário pode editá-lo. Ter este modelo pronto fez com que as pessoas não precisassem saber como construir um template, facilitando muito o acesso de pessoas sem conhecimentos técnicos em informática ou programação. Esta, provavelmente, é uma das causas da grande expansão deste fenômeno.

⁹ Post. Cada entrada/registro que o autor do blog publica em seu blog. A esta ação dá-se o nome de *postar*.

acelerando o fluxo de informações. Como consequência, temos a descentralização da produção de informações, onde o usuário “comum” deixa de apenas consumir informações que venham prontas e passa a produzir e complementar conteúdos. Isto tudo pode acontecer de uma forma bastante dinâmica, refletindo em diversas áreas do conhecimento, como o jornalismo, a educação, a produção e disseminação da ciência.

Os conteúdos, por sua vez, são produzidos em diversos sítios, complementando-se, acrescentando, alterando, confrontando informações. Uma das características mais interessantes dos blogs é a potencialidade para interatividade: geralmente cada post pode ser *comentado* e *indicado* a outras pessoas. Isto potencializa a troca de informações, o diálogo, o confronto de idéias, a reconstrução.

Além disso, existem vários serviços de indexação (feed rss) e busca de blogs (blog search, weblogs.com, technorati.com, bitacoras.com/net entre outros) que possibilitam linkar¹⁰ blogs e outros sítios da internet, acelerando ainda mais os fluxos em caminhos já traçados, bem como traçar um itinerário entre blogs que são de interesse, agregando pessoas em comunidades.

Estes relacionamentos de blogs geram uma complexa rede, chamada de Blogosfera, assunto que demandou a elaboração de um capítulo específico.

Um dos aspectos mais interessantes dos blogs é a sua plasticidade: eles se prestam a inúmeros objetivos, se moldando ao desejo do blogueiro (alterando o template, agregando scripts¹¹, outras ferramentas...), que, por sua vez, vai construindo suas comunidades, ligando-se a algumas, distanciando-se das que já não são mais de seu interesse. A plasticidade também faz parte deste fenômeno técnico e social que os blogs contribuem para construir. É graças à plasticidade que o blogueiro pode adaptar o que lhe é fornecido (e o que pode buscar) para realizar seus desejos, seus objetivos, dentre eles, a reflexão docente.

¹⁰ Linkar. Vários termos são importados de outras línguas, como é o caso da palavra link, que é caminho de comunicação ou canal entre dois componentes ou dispositivos. E como ficaria o verbo/ação de fazer tais links? Como em português não temos nenhum similar e a expressão toda não seria praticada no rápido fluxo de informações da internet, diz-se que a ação de criar links é *linkar*.

¹¹ Linha de comando que exerce determinada função. Na maioria das vezes que se pretende adicionar a funcionalidade de uma ferramenta disponibilizada publicamente na internet, é necessário acrescentar um script às linhas de comando que formam o template.

2.1.2 Fenômeno Social

A proliferação de servidores/hospedeiros gratuitos, a facilidade e rapidez de criar e manter um blog, mesmo sem conhecimentos técnicos, fez com que o número de blogs crescesse vertiginosamente, difundindo-se por todas as áreas do conhecimento. Isso agregado com as outras possibilidades dos blogs o tornou um fenômeno social. A blogosfera, assim como é chamado o conjunto de blogs, vai agregando diversas esferas, que se “enroscam”, se ligam com toda a força e efemeridade da internet, construindo assim uma rede nada esférica que agrega toda forma de expressão, objetivo e forma de ver o mundo. Claro que estas formas de expressão, como no espaço social, passam pelo reconhecimento, agrado, repúdio, ou mesmo indiferença, dos outros sujeitos deste espaço, sendo que estes não são “pertencentes” ao espaço, mas estão com um pertencimento maior ou menor, neste momento.

Muitas vezes presenciamos um certo sincretismo/sincronia entre os elementos que estão nesta comunidade: um post pode ter repercussões rápidas por boa parte da blogosfera, influenciando ou até moldando outros posts, como um efeito borboleta¹². Isso causa um grande impacto social. Podemos citar como exemplo a situação política de Portugal em 2004/2005 e a divulgação de imagens terroristas no Iraque. Este fenômeno é contemporâneo de muitos outros, como o desenvolvimento e popularização de muitas tecnologias de comunicação e digitalização. Os blogs criam uma “necessidade” de postar informações documentadas, ilustradas e com pontos de vista dos acontecimentos; ao mesmo tempo, temos o grande boom dos telefones celulares com máquina fotográfica digital, o desenvolvimento e barateamento das máquinas digitais e a sua miniaturização ; na mesma época são desenvolvidas as técnicas de posts por voz nos blogs; e, temos uma grande adesão aos protocolos de voz por internet (ivoip) e o boom na venda de tocadores/gravadores de mp3 portáteis.

Tanto os enlaces/relacionamentos como a agregação de ferramentas/tecnologias depende do interesse e necessidades do autor do blog. Muitas vezes ele

¹² Efeito borboleta é um termo que se refere às condições iniciais dentro da teoria do caos. Este efeito foi analisado pela primeira vez em 1963 por Edward Lorenz. Segundo a teoria apresentada, o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo. http://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_borboleta (23 ago. 2006)

Ver explicação de PENA (2004, 96), no capítulo 3: Construções identitárias de professores em blogs.

é motivado pelo desenvolvimento social, que por vezes se relaciona com a internet, mas que também passa por vários movimentos fora dela. Pode-se dizer que os blogs contribuem de alguma forma para um novo tipo de conversação global.

2.1.3 Uma leitura sobre a filosofia da técnica circunscrita aos blogs

Muito primitivamente, o homem notou que poderia utilizar objetos para auxiliar na realização de algumas tarefas. Poderia pegar uma pedra para jogar na cabeça de um animal para matá-lo e comê-lo. Isto favorecia sua sobrevivência e implicaria em um processo de ressignificação, no caso, a pedra, que antes só servia para estar no chão, passou a servir de instrumento de caça. Implica ainda na alteração de objetos encontrados na natureza, como, por exemplo, utilizar o lado mais afiado da pedra para constituí-la como uma ferramenta para cortar a carne do animal caçado. Neste movimento, o homem consegue agregar valor aos objetos e lhe atribuir novas funções, fabricar instrumentos para novas necessidades, como construir lanças com pontas de pedras afiadas para defender seu território.

À medida que o homem sente novas necessidades, agrega valores e significados diferentes aos objetos. Os processos se complexificam, ganham novas facetas e, ao longo do tempo, o homem descobre (cria a consciência de) que pode fazer o que a natureza não fazia, “o homem faz o que não se faz sozinho”, ao que Castoriadis (1987) chamaria de técnica. Mas este autor adverte: “Criar um objeto técnico não é alterar o estado presente da natureza, como fazemos ao mover a mão” (CASTORIADIS, 1987, p. 245). Segundo esse autor, a *techné* efetua o que a natureza está na impossibilidade de realizar, “é atualização não natural do possível que não pode ser natural, por intermédio deste agente particular, o homem, cuja *physis* própria contém precisamente a virtualidade de atualizar o virtual da *physis* em geral” (p. 239).

Ele também nos apresenta uma definição histórica de técnica:

Técnica, do grego tecnè, remonta a um verbo muito antigo, teuchô (única, mas numerosamente atestado pelos poetas, radical t (e)uch, indo-europeu th (e)euch-), cujo sentido central em Homero é “fabricar”, “produzir”, “construir”; teuchos, “ferramenta”. Já em Homero, realiza-se a passagem desse sentido ao de causar, fazer ser trazer à existência, muitas vezes desligado da idéia de fabricação material, mas nunca da de ato apropriado e eficaz; o derivado tuktos, “bem construído”, “bem fabricado”, acaba por significar acabado, terminado, completo; tektôn, de início o carpinteiro, é

também em Homero o artesão ou o operário em geral e ulteriormente o mestre em uma ocupação dada, finalmente o com construtor, produtor ou autor. Tecnè, “produção” ou “fabricação material” torna-se logo a produção ou o fazer eficaz, adequado em geral (não necessariamente ligado a um produto material), a maneira de fazer correlativa a uma tal produção, a faculdade que a permite, a habilidade produtiva relativa a uma ocupação e (a partir de Heródoto, de Píndaro e dos trágicos) a habilidade em geral, portanto o método, maneira, modo de fazer eficaz. Assim o termo chega a ser utilizado (freqüentemente em Platão) como quase sinônimo do saber rigoroso e fundamentado, do epistèmè. No período clássico, é conotado pelas oposições technè-paideia (ocupação profissional lucrativa oposta ao aprender desinteressado), technè-tuchè (causação por um fazer eficaz porque consciente, que se opõe a um efeito do acaso), enfim technè-physis (cf. Infra). Os estóicos definirão a technè como hexis hodopoiètiké, “hábito criador de caminho” (CASTORIADIS, 1987, p. 236-237).

Este saber fundamentado para fazer algo gera novos objetos técnicos, novas formas de fazer e, até, a possibilidade de fazer coisas que não se faziam antes. Gera novas formas de ler o mundo e agir sobre ele.

Estas “inovações” são geradas no momento em que o homem sente novas necessidades ou se dá conta de problemas, dificuldades, ou ainda, deseja facilitar algum processo já existente. Esta situação estabelece-se como uma situação-problema, ou problemática, que o move em busca de uma solução. Porém, não há problemas obrigatórios para os homens, eles vão se reformulando ao longo do tempo, de acordo com as necessidades e vontades momentâneas. Estes problemas também não são definidos de uma vez por todas, eles são “cavados” pelo imaginário do homem.

O abismo que separa as necessidades do homem como espécie biológica e as necessidades do homem como ser histórico é cavado pelo imaginário do homem, mas a picareta utilizada para cavá-lo é a técnica. Essa imagem é ainda defeituosa, porque tampouco aqui a técnica tomada *in toto* é simples instrumento, e sua especificidade co-determinada cada vez de maneira decisiva o que é cavado: a necessidade histórica não é definível fora de seu objeto (CASTORIADIS, 1987, p. 247).

Logo, se “a necessidade histórica não é definível fora de seu objeto”, precisamos considerar o homem não como uma ilha, mas como um ser histórico, social, que interage e constrói a história de seu tempo.

O estudo das técnicas ultrapassa, desse modo, largamente, o dado puramente técnico e exige uma incursão bem mais profunda na área das próprias relações sociais. São estas, finalmente, que explicam como, em diferentes lugares, técnicas, ou conjuntos de técnicas semelhantes, atribuem resultados diferentes aos seus portadores, segundo combinações que extrapolam o processo direto da produção e permitem pensar num verdadeiro processo político da produção (SANTOS, 1997, p. 65).

Assim, a técnica é uma *apropriação social*, sendo que o fluxo de interações estabelecido na sociedade gera um processo de ressignificação de objetos técnicos existentes e a criação de novos objetos e técnicas. O processo interacional ajuda a determinar as situações como problemáticas ou não, sendo que o homem dirige seus esforços para resolver seus problemas, movido por suas necessidades ou vontades, decorrentes da interação do sujeito com o mundo.

Maturana *et al* (2001) falam-nos que seres humanos como nós, animais linguajantes, existem no fluir das conversações. Conseqüentemente, nossos diferentes domínios de ações (domínios cognitivos) como seres humanos (culturas, instituições, sociedades, clubes, jogos etc.) são constituídos como diferentes redes de conversações, cada uma definida por um critério particular de validação, explícito ou implícito, que define e constitui o que a ela pertence (MATURANA *et al*, 2001, p. 132). Ou seja, “[...] as relações entre as pessoas se formam de acordo com as redes de conversações entre elas estabelecidas” (MATURANA *et al*, 2001, p. 132)

A comunicação é, assim, um dos processos sociais que mais tem demandado a atenção do homem. Um exemplo disso é o enorme avanço das tecnologias de informação e comunicação. A internet, criada como estratégia de guerra, toma formas novas a cada dia, passando a atuar no cotidiano das pessoas comuns, sendo, por sua vez, ressignificada no fluxo das necessidades-vontades.

Sílvio Mauro (on line) nos chama a atenção para esta ressignificação:

Os weblogs, ou simplesmente "blogs", diários pessoais que surgiram na internet em 1999, chegaram à fase adulta. De simples páginas onde os autores apenas descreviam o cotidiano para amigos e conhecidos, eles agora são importantes instrumentos de divulgação de idéias, projetos profissionais e currículos. Jornalistas, programadores, escritores, artistas plásticos e até especialistas em conceitos novos como arquitetura da informação e usabilidade estão se expondo na rede através dos diários (MAURO, on-line)

Ressalta-se aqui que não são apenas estas as ressignificações e que, provavelmente, este quadro traçado não é estático, mas sim, sujeito a constantes ressignificações e reapropriações. Estas reapropriações provavelmente são resultado de processos sociais onde - técnica e homem - se reconstroem. Um exemplo de reconstrução decorrente da interação homens-técnica é o ciberespaço. Vale lembrar, porém, que o ciberespaço não determina o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas gera um *locus* à sua emergência; as características dos

ambientes web podem cercear ou abrir possibilidades de diálogo, mas são apenas possibilidades. “É a apropriação social, os usos e formas de consumir os aparatos técnicos que vão determinar que relações são estabelecidas com a técnica e a cultura” (MARQUES, 2003, p. 179).

O aparato técnico determina a reflexão entre professores em blogs? Para procurar possíveis respostas para esta pergunta, abordaremos os aspectos que giram em torno da formação de professores como historicamente constituída, os blogs e o contexto social.

2.1.4 Implicações da técnica nos fenômenos sociais

Criados na última década, os blogs passaram por várias “re-apropriações” sociais. Isto fez com que as pessoas passassem a utilizá-los para fins diferentes dos pensados originalmente, causando também a reorganização da estrutura técnica e social.

Muitas vezes são utilizados para a divulgação de idéias e produtos. Caracterizam-se principalmente pela fácil e rápida atualização, até mesmo por um usuário que desconheça linguagens específicas como html ou ferramentas de ftp. Suas estruturas são as mais variadas, mas basicamente apresentam um espaço para que o autor publique comentários (chamados de “posts”), datados, em ordem cronológica inversa. A isto, seguem inúmeras variações.

O autor pode permitir ou não a publicação de comentários de conhecidos ou de qualquer pessoa. Geralmente encontram-se os posts mais recentes em destaque e, arquivados, todos os restantes. O autor pode ainda editar uma coluna de links para outros blogs ou quaisquer outros endereços.

Para fazer um blog, os mais procurados hoje são os hospedeiros gratuitos, que, às vezes, utilizam um pequeno espaço para sua publicidade. Dentre os mais procurados no Brasil, podemos citar o Blogger¹³, o Weblogger¹⁴, o Uol¹⁵. Eles permitem que qualquer pessoa, através de passos simples, auto-explicativos e rápidos, possa criar seu blog. O usuário escolhe uma url (nome para o endereço)

¹³ www.blogger.com

¹⁴ weblogger.terra.com.br

¹⁵ www.uol.com.br

para visualização de seu blog (dentro de alguns padrões pré-estabelecidos, como no blogger: nomedoblog.blogspot.com). Sempre que o usuário quiser fazer uma nova postagem, deve voltar ao hospedeiro. No hospedeiro o usuário também tem a possibilidade de alterar praticamente toda a aparência (template) do blog. Isto pode também implicar em sua funcionalidade: opções como indicadas no parágrafo acima, bem como inúmeras outras, conferem ao usuário liberdade para criar, ir além do template pré-estabelecido pelo hospedeiro. Os templates pré-estabelecidos são uma facilidade aos que não sabem editá-los, porém, impedem uma série de ações. Alguns usuários criam seu blog sem conhecimento algum sobre a edição do template, percebendo depois a necessidade de mudá-lo, o que abre espaço para cursos específicos como o HTML4Blog¹⁶.

Assim, os blogs constituem-se como objeto técnico. Ou seja, o homem, movido por um desejo (uma necessidade, um problema, uma vontade, etc.), alterou objetos já existentes, atribuiu-lhe novos significados, construiu uma linguagem específica, conferiu-lhe uma utilidade. Ao me questionar sobre os motivos do número tão restrito de professores que mantinham blogs, foi inevitável levantar a hipótese de que o aparato técnico envolvido nos blogs poderia determinar ou constranger o desenvolvimento das possibilidades dos blogs pelos professores, tal qual a reflexão coletiva. Isto levou a uma observação mais cuidadosa para os blogs que vinha investigando, onde encontrei limitações e outras intervenções.

A reflexão docente será abordada, a partir dos autores que a conceituam, no tópico “Diários (eletrônicos) de professores: subsídios para reflexão docente”.

2.1.4.1 Limitações e intervenções

Alguns hospedeiros impõem algumas limitações, como o blog do IG¹⁷, que permite, aos não assinantes, apenas uma postagem por dia. A grande novidade dos blogs é a possibilidade de o autor poder postar facilmente de qualquer lugar, a qualquer hora, quantas vezes quiser. Apenas uma postagem por dia parece ser uma limitação a este processo. Mesmo assim, existem inúmeros blogs ali hospedados. Será que para estes blogueiros, apenas uma postagem por dia não implica numa

¹⁶ www.emblema.com.br. Este curso foi criado por uma das participantes da comunidade analisada nesta pesquisa, que o criou de acordo com demandas notadas na própria comunidade online, bem como de demandas notadas pela professora com seus pares nas escolas.

¹⁷ www.blig.com.br

limitação? Não implica em um constrangimento do que se pretende desenvolver?

Outros, como o Sapo¹⁸ pedem dos pretensos usuários um código postal que deve ser de Portugal. É um hospedeiro público aos residentes em Portugal? Que significação tem esta seqüência de números (que é pública) para restringir o acesso?

Estas limitações podem vir de fora dos hospedeiros inclusive. Isto pôde ser visto na China, onde a Microsoft proibiu a publicação de “posts ofensivos”. Os usuários rapidamente trataram de mudar seu palavreado, deixando de escrever o que queriam ou escrevendo o que queriam com palavras que não eram “catalogadas” como “ofensivas”. Sendo assim, aqui começamos a ver a materialização das afirmações de Castoriadis (1987) e Santos (1997), a respeito da técnica como construção e apropriação social.

Notamos que alguns professores demonstravam dificuldades para alterar o template oferecido pelo hospedeiro. Muitas vezes acabavam sem alterar, afinal, conseguiam postar sem isto. Outras vezes, entre os que nunca mexeram em html por exemplo, observamos um certo receio frente ao desconhecido.

2.1.4.2 Os comentários

O autor do blog tem um espaço para publicar seus posts, aos quais, às vezes, os leitores podem publicar comentários. Através dos comentários pode-se tecer um diálogo com os leitores, de forma que sejam “reformuladas” (ou não) as concepções. Segundo Canavilhas (on-line, p. 21):

O sistema de comentários existente na maioria dos blogues permite **sentir a reacção imediata dos leitores**, o que muitas vezes leva a acesas discussões. [...] Esta interacção cria um ambiente **alternativo aos media tradicionais**. Alguns estudos efectuados acerca da importância dos comentários concluem mesmo que o *feedback* é vital para a manutenção das comunidades *bloggers*.

Ao mesmo tempo em que percebemos que os comentários são muito importantes na construção de novas idéias, ressaltamos suas limitações, a partir das idéias do mesmo autor:

Um weblog é um instrumento de publicação que reserva-se a determinadas limitações de foro editorial por parte dos seus donos, ou seja, de quem escreve na “primeira página” (os comentários são somente o feedback)

¹⁸ www.blogsapo.pt

(<http://ciberjornalismo.com/oquesaoweblogs.htm>)

Registramos ainda casos em que não havia comentários nos posts, pelos mais variados motivos, dentre os quais destacamos que às vezes o leitor não comenta por que não sabe deste recurso; o autor não sabe do recurso e, às vezes sem se dar conta disto, bloqueia tal ação, ou libera o comentário somente para algumas pessoas; o leitor não comenta porque acha que vai estar "metendo o bedelho" onde não foi chamado; o autor não libera a opção de comentários por que não quer que "metam o bedelho".

Vemos aqui mais que uma intrínseca relação entre a técnica e a construção social: ao invés de a técnica condicionar/determinar/barrar o desenvolvimento do processo pretendido; são as pessoas, histórica e socialmente constituídas, que usam a técnica, que por sua vez também não é neutra, para determinar o que acontece ou não em "seu" espaço.

Esta "determinação" pode ser ou não intencional. Às vezes, o autor ou o leitor desconhecem um ou outro recurso. Outras vezes, isto é uma determinação intencional do autor, como, por exemplo, às vezes em que o autor bloqueia os comentários e deixa seu blog apenas para "contemplação". Isto foi notado na coleta de dados desta pesquisa, onde existiam professores-blogueiros que pretendiam (intencionalmente) discutir e construir coletivamente, enquanto outros tinham uma pretensão diferente, como apenas dar visibilidade a algo que lhes fazia sentido. Ressalto que um não é melhor que o outro, apenas demonstram a diversidade de atores e suas pretensões, que vão, assim, pintando este quadro múltiplo que vai sendo construindo através das necessidades-vontades dos homens.

Amstel (2004, on-line) nos coloca que "para entender a linguagem de um blog, é preciso primeiro entender a pessoa que está por trás dele e porque ela veio a escrever estas linhas tão tortas". O blogueiro tem a liberdade de bloquear ou não certas ações, afinal, o blog é "seu". O mesmo autor nos coloca que "chegamos a um ponto em nossa sociedade em que o individualismo é qualidade do arquétipo de todos os homens nascidos livres" (AMSTEL, 2004, on-line). Porém, os homens também são livres para dialogar e construir conhecimento coletivamente. Estes são aspectos da técnica que são construídos pelas pessoas em sua constituição humana e social, indo muito além de uma simples e pura "determinação da técnica".

2.1.4.3 Caráter público e digital do blog

A característica que provavelmente é a mais marcante nos blogs é a de que as informações circulam digitalmente em lugares públicos. Isto possibilita o confronto com outras realidades, confere um caráter mais dinâmico ao processo. Ser público prevê a possível presença do outro, um espectador oculto que espera encontrar determinados traços em sua escrita. Ao mesmo tempo, este “outro” pode inibir a escrita sobre determinados assuntos. O caráter digital confere um fluxo acelerado ao processo, facilitando o acesso a muitos outros blogs, facilitando a montagem de redes, acelerando as postagens e, por vezes, diminuindo o tempo de “preparação” do texto a ser postado. Por algum tempo até tentei comparar os blogs com os diários íntimos privados, aqueles feitos em um papel e que normalmente só a pessoa que escreve tem acesso, mas logo vi que se tratava de outra dinâmica. Os blogs envolvem outras linguagens que conferem características diferentes, muito mais complexas, como por exemplo o caráter público e digital, que conferem outra amplitude aos blogs. Tais características serão abordadas ao longo deste trabalho.

2.1.5 Aspectos da coletividade

Os blogs podem propiciar o desenvolvimento de um professor e seus projetos pedagógicos de forma individual ou coletiva. Em uma matéria sobre blogs vemos as possibilidades desta construção na trajetória do professor e da escola:

Para Suzana Gutierrez, pesquisadora do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE), da UFRGS, o interessante é que os blogs permitem que os participantes produzam textos e exerçam o pensamento crítico, retomando e reinterpretando conceitos e práticas. "Os weblogs abrem espaço para a consolidação de novos papéis para alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem, com uma atuação menos diretiva destes e mais participante de todos". Ela lembra que os blogs registram a concepção do projeto e os detalhes de todas as suas fases, o que incentiva e facilita os trabalhos interdisciplinares e transdisciplinares. "Pode-se assim, dar alternativas interativas e suporte a projetos que envolvam a escola e até famílias e comunidade".¹⁹

Porém, mesmo que o blog seja individual, todas estas construções transitam do individual para os múltiplos coletivos dos quais o indivíduo participa, para assim repensar suas práticas. Dá-se então o processo de reflexão.

¹⁹ <http://www.ead.sp.senac.br/newsletter/agosto05/destaque/destaque.htm>

Efetivar a reflexão oferece um auxílio para o melhor conhecimento de si mesmo, dos momentos significativos dos percursos profissionais e pessoais do professor (NÓVOA, 1992). Dá subsídios para analisar sua prática e agir coerentemente com o contexto local e global inserido. Porém, esta é uma ação de movimento que pede que os professores saiam de uma posição estática, implica em mudanças na escola e na aprendizagem. A formação de professores deixa de ser estanque e crucial para estabelecer-se permanentemente. O professor deixa de ser o detentor do saber para se estabelecer como um sujeito que aprende constantemente, que está disposto a refletir *na e sobre a* prática (SCHÖN, 1983), buscando nos alunos e em outros professores, parceiros para suas reflexões e ações, co-autores.

Esta mudança de postura é vista entre alguns dos atores desta pesquisa. São sujeitos que se vêem como inconclusos, que se questionam sobre sua prática (vinculada a tantos outros fatos cotidianos) e buscam o diálogo com outros sujeitos dispostos a estas reflexões. Saem de um ponto estático, onde só transmitem informação, fazem seu(s) blog (o blog não é o único sinal de movimento, muitas vezes estes professores transitam e experimentam vários ambientes e possibilidades da web) e partem para um processo de (des)(re)construção permanente. Eles postam ali suas inquietações (objeto e fruto das reflexões sobre a prática e vários fatos cotidianos) e geram uma espécie de "diálogo" através dos comentários e visitas a outros blogs. Por vezes, se estabelecem blogs coletivos, onde vários professores postam juntos em um único blog, tornando o diálogo cada vez mais próximo e efetivo. Este diálogo perdura pelo tempo-espço (simbólico) dado pela disposição dos sujeitos envolvidos.

Neste contexto observa-se um professor reflexivo que dialoga consigo, com seu contexto e com seus pares. Os diários podem ser uma construção em equipe ou fruto de um trabalho conjunto: quando ampliamos o horizonte e compartilhamos crítica e rigorosamente nossos dilemas com outros atores sociais, as inquietações deixam de ser particulares para serem compartilhados e melhor objetiváveis, possibilitando o intercâmbio entre diferentes pontos de vista e esquemas de conhecimento, além da elaboração de estratégias conjuntas para transpor obstáculos e suprir necessidades.

Porém, os blogs coletivos de professores são raros, o que atribuo ao desconhecimento desta possibilidade, ao desconhecimento do modo de construí-los,

ao fato de não terem outros pares que se disponham a refletir sobre o mesmo tema proposto, e, talvez, o motivo mais crucial: os professores não vêm motivo para isto. Este talvez seja o argumento que barre a produção de blogs, tanto individuais quanto coletivos: muitos não consideram importante a reflexão, ou a reflexão em blogs, que dirá a reflexão [em blogs] conjuntamente com outros professores.

São várias ressignificações que apontam para um contexto de mudança. Além das mudanças na cultura e pensamento de formação de professores, citadas acima, vemos alterações nas concepções dos blogs. Como poderia se pensar em um diário (que teria tudo para ser "íntimo") tecido a várias mãos? Esta também é uma inquietação de outros autores:

Que os blogs trazem prazer para quem escreve isso não há dúvida, afinal ninguém é obrigado a escrever. Mas fica o questionamento se a publicidade das interioridades contribui para uma constituição psicológica mais forte ou fraca. Na verdade o termo interioridade, acaba perdendo o sentido, porque a partir do momento que são divulgadas, passam a ser exterioridades. Teríamos então chegado à um ponto em que as interioridades já não existem mais? E não seria isso que define a singularidade de um indivíduo? Ou será que ainda estamos por chegar no âmago de nossas personalidades, ainda mais selvagem e incongruente? (AMSTEL, 2004, on-line).

Sem a pretensão de analisar as personalidades mais selvagens ou incongruentes, ou ainda a constituição psicológica, vale ressaltar o ponto que o autor destaca: as interioridades (singularidade de cada indivíduo) publicizadas passam a ser exterioridades que, tecidas em conjunto com outras, formam uma nova interioridade de cada indivíduo que compõe o coletivo de professores que refletem em blogs. Seria este o princípio da aprendizagem pela reflexão coletiva em blogs?

2.1.6 Colaboração

Caminha-se para que nos comuniquemos mais (e mais eficientemente), colaboremos uns com os outros, estabeleçamos sistemas de cooperação para a construção coletiva de objetos comuns. Porém, só conseguiremos caminhar rumo a uma inteligência coletiva, se repensarmos os modelos instituídos. Dentre eles, encontra-se a técnica, a educação e a formação dos professores. Nessa perspectiva, toda a comunidade escolar, em especial os professores, deve estar atenta às novas formas de educar, ressignificar espaços e metodologias que levem em conta as diversidades em um contexto global (não universalizante, não

homogêneo), bem como as técnicas e o modo como são vistas.

Não são raros os comentários que encontramos de blogueiros que não fazem algo no blog por que não sabem como fazer. Seria uma “implicação da técnica”. Alguns simplesmente não fazem o que queriam, outros partem para construções colaborativas: buscam em outros blogs (copia e cola), pedem ajuda aos autores dos blogs que conseguiram, partem para listas de discussão, formam comunidades.

Segundo Ribeiro (2001, 3), um dos critérios utilizados para definir uma comunidade poderia ser “a presença de interesses comuns, no qual o conceito de comunidade estaria relacionado ao conjunto de pessoas ligadas por algum objetivo comum relevante”, em que os atores se agrupam em torno de objetivos, crenças e aspirações comuns. Rheingold aponta que: “as comunidades virtuais são os agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (1996, p. 18). Cria-se assim um sentimento de pertencimento que atua como elemento agregador e potencializador, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Isto pode ser percebido no e-mail de uma professora (Fig. 01) que estava construindo seu blog, onde fica evidente o papel da colaboração, das ações coletivas, nas trajetórias individuais:

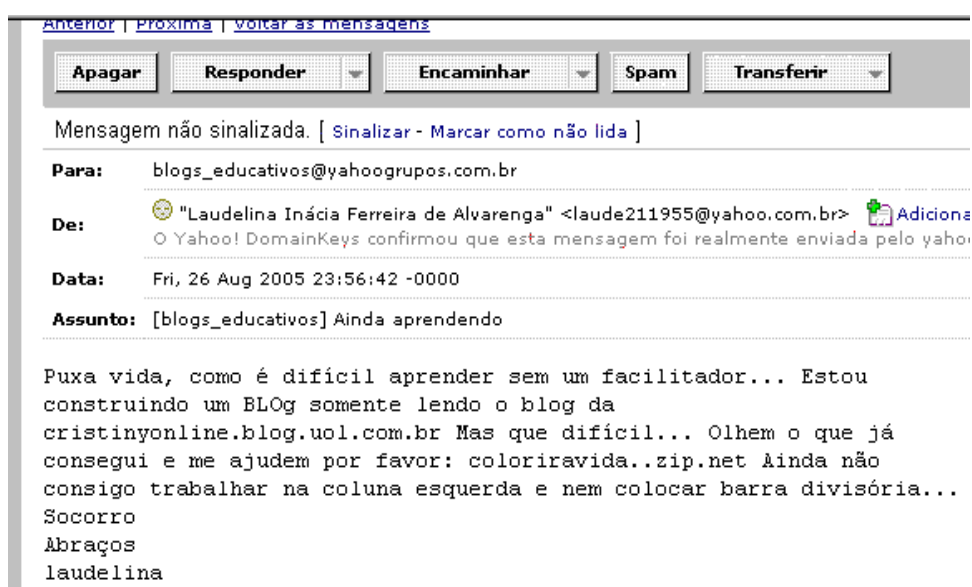


Figura 01 - Ações coletivas nas trajetórias individuais

2.2 Os diários

Como já comentei anteriormente, por vezes tentei estabelecer paralelos entre as trajetórias traçadas nos blogs e outras traçadas em outros tipos de diários. Para tanto, foi necessário percorrer o significado da expressão “diário”, bem como as significações impressas por alguns autores que a estudaram no contexto educacional ou da formação dos professores, para então analisar as implicações dos diários, em um meio eletrônico, no caso os blogs, para a reflexão entre docentes.

2.2.1 Em busca de um significado

Existem diversas conceituações de diários. Acredito que existam tantas formas de conceituá-los exatamente pela diversidade de ações e movimentos que podem ser realizados com eles ou neles. Cada conceituação traduz uma perspectiva, um contexto, um modo de ver suas aplicações. Neste sentido, faz-se necessário, aqui, delinear os aspectos e enfoques que pretendemos abordar quando falamos de “diário”, começando por uma conceituação mais básica e ampla, para depois aprofundar em três de seus aspectos e então repercorrer trajetórias já traçadas por autores como Martin e Porlán (1997) e Zabalza (2004), tecendo análises dos diários na web enquanto prática partilhada e reflexiva.

Segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico (1999), “diário” é, enquanto substantivo masculino, a obra em que se registram, diariamente, acontecimentos, impressões, confissões, ou a relação do que se faz ou sucede em cada dia. Enquanto adjetivo, diário é o que se faz ou se sucede todos os dias, cotidiano, dia, diurnal. Assim, temos algo que é comum a todos os diários:

- É um registro, geralmente de forma escrita,
- Com algum ou diversos focos de algo que acontece (u),
- Feito com alguma periodicidade.

Vejamos então mais profundamente estes três aspectos, que também delinham outras importantes características dos diários.

2.2.1.1 Registro

Quando falamos de registro, é fundamental analisarmos a escrita e o

escrever. É através do escrever que representamos as palavras, idéias, mensagens, etc. Segundo Bonilla (2005, p. 120), “a mediação de um suporte externo onde estão inseridas as informações implica distanciamento espaço-temporal, ou seja, dispensa a presença física dos interlocutores”. Ao contrário do período onde predominava a cultura oral (embora esta também não se extinga), pela escrita é possível que os saberes, através deste suporte externo, atinjam outros locais e outros tempos, ou seja, é uma ampliação da palavra falada, é uma extensão das capacidades do homem.

Porém, a mesma autora alerta que “não se pode confundir o escrever com a escrita, a ação com a obra finalizada. Escrever é provocação ao pensar, um suave deslizar da reflexão, uma busca do aprender, o princípio da investigação” (BONILLA, 2005, p. 121).

Notamos assim que os diários alcançam estas duas formas: a escrita, enquanto obra finalizada, que amplia as potencialidades da disseminação da palavra, um suporte para comunicações assíncronas; e o ato de escrever, que vem antes do produto, é o processo de criação, reflexão, leitura, análise, é o fazer-fazendo-se. O suporte amplia a disseminação e torna os pensamentos partilháveis, uma forma de extensão da capacidade humana:

O suporte externo mediador dessa comunicação é o espaço da folha de papel, o qual virtualiza a interação dos corpos falantes na mão que escreve e nos olhos que lêem. Nesse corpo ampliado, modificado, virtualizado, a exterioridade técnica se faz pública ou partilhável, contribui para a emergência de outras subjetividades, ao mesmo tempo que é novamente internalizada, ganhando assim efetividade como linguagem (BONILLA, 2005, p. 125)

Ligando estas análises aos blogs, nota-se que estes dois termos, por vezes, confundem-se um pouco: pelo caráter fluido dos blogs, a escrita torna-se, assim como o pensamento humano, temporário, suscetível de mudança. No caso dos blogs, o suporte modela o produto (a escrita) enquanto que a escrita (e todos os movimentos realizados pelos homens ali) modela o suporte (o ciberespaço), o que veremos adiante como uma característica da produção da técnica e da cibercultura. No próximo capítulo também veremos que este fazer-fazendo-se se faz também *com e para* o outro, em um diálogo constante com o *eu*, com o *leitor* e com o *suporte*.

A escrita, enquanto produto, é uma forma de registro, que se faz pelo ato de

escrever. Bonilla (2005, p. 122) aponta que

Todo registro é uma representação e não uma cópia fiel. E mesmo esta representação não é estática. No próprio processo de representar, tanto o pensamento quanto a representação vão se transformando. É impossível congelar o processo para registrá-lo. É o movimento presente. Ao fixar o texto, ou seja, armazenar ou arquivar, a escrita provoca uma ruptura com o autor e também com o endereço concreto de um destinatário. E é justamente essa ruptura que facilita a interpretação. Somente sobre um registro fixo o leitor pode ir e voltar em uma sentença, analisando-a, antes de prosseguir; pode adicionar informações novas e substituir, apagar ou abandonar as antigas.

Assim, escrita e escrever articulam-se organicamente, sendo que através do registro podemos reler, revisar, voltar atrás, recriar, reformular nossos pensamentos que geram novas escritas. Isto traz também implicações cognitivas, uma vez que está diretamente ligado à leitura, à alfabetização e a criticidade do leitor-escritor. Está ligado também à fala, à memória, à organização e produção dos conhecimentos. Diria até que é uma ampliação de nossos sentidos.

Sobre a aprendizagem e os sentidos, Assmann (1998) nos fala que os sentidos – o que também se pode aplicar às linguagens - não são janelas pelas quais o conhecimento entra de fora para dentro no organismo, e sim, são interlocutores com o mundo.

A idéia de que os sentidos funcionam como janelas do conhecimento é tão corrente que o próprio conceito de conhecimento começou a ser visto como rachado em dois subsistemas: o indivíduo e o meio, o receptor e o emissor, o aluno e o professor, etc. (ASSMANN, 1998, p. 37).

Desta forma, os sistemas precisam conhecer o entorno para viver e agir, onde os sentidos e as linguagens são conexões com o ambiente. O conhecimento, por sua vez, é precisamente a organização dinâmica do sistema organismo/entorno, enquanto possibilita ao sujeito interagir com o mundo através dos sentidos e das linguagens, não só colocando informações para seu interior através de janelas, mas utilizando-os como meio para *agir sobre* o mundo e *produzir com* ele.

Esta idéia corrobora com outra de que através da escrita e do escrever, o leitor não é somente um organismo apático que só recebe informações exteriores e as joga para dentro pelas suas janelas. Pelo contrário, através dos sentidos e das linguagens, ele processa estas informações, estabelece

Ainda neste capítulo, veremos que, no caso dos blogs, identificamos a potencialização desta não-acomodação passiva de informações e da produção pela interação.

novas conexões, amplia para outros entornos, contextos e situações. Ou seja, o que ocorre não é uma acomodação passiva, e sim uma produção pela interação com o sujeito que escreve, com os sujeitos que leem (que povoam a mente do escritor), o contexto e o suporte.

2.2.1.2 Foco

Voltando para o conceito de diário, veremos que eles são o suporte para registrar acontecimentos, impressões, confissões, relações do que se faz ou sucede, traçar percursos ou refletir sobre eles. Descrição esta que é tão abrangente quanto suas possibilidades!

Cada autor, quando se propõem a criar um diário, pensa-o com um fim, um objetivo. Este, muitas vezes, com o tempo, muda de foco ou começa a abarcar coisas que o autor nem pensava anteriormente. Vejamos o que este rapaz (estudante de meteorologia – USP – na época) diz sobre diários em seu blog (Quadro 2):

QUADRO 2

Querido diário: à procura de conceitos

Terça-feira, Outubro 28, 2003

QUERIDO DIÁRIO...

Acabei de desligar o telefone, tive uma conversa em capítulos com a [Mel](#) (siiim, finalmente liguei pra ela! XD). E uma das coisas q a gente conversou foi sobre diários, sejam eles eletrônicos, tradicionais, blogs, sei la. Coisa engraçada essa da gente conservar diário, né? Eu nunca soube mto bem pq fiz um, mas com o passar do tempo descobri... é muuuuito divertido vc manter um registro dos acontecimentos da sua vida e le-los depois de uns 3 ou 4 anos... é tragicômico, eu diria, ver como a gente muda nossos conceitos tao radicalmente!

Antigamente o diário era escrito em cadernos. Aqueles caderninhos frufus cor-de-rosa de cadeadinho (confesso: ja tentei arrombar um diário assim, da filha da minha professora de piano! ^^), no caso das meninas, ou no caso dos meninos (pros q nao acham isso uma bobagem, tipo eu) um caderno qualquer. Com a invasão do computador (essa criatura da qual a gente nao se livra de jeito nenhum!), veio o diário eletrônico, documentos de texto substituindo os cadernos e teclados nos tirando o maravilhoso habito de escrever à mão.

Depois veio a terceira geração de diário: os blogs. Apesar de varios deles serem super inteligentes, diferentes, cheios das mais diversas coisas, em ultimo caso, funcionam como um diário. Inegável.

Eu nunca entendi, mas sempre tive necessidade de registrar meus dias. E tive (tenho!) os tres tipos de diário q citei. Tenho o blog, q apesar de aparentemente escrito pra vcs, é escrito pra mim, cheio de lembranças (a maioria cifrada) e lotado de coisas q eu quero lembrar pra sempre, mas em código (o q geralmente irrita varias pessoas...)

Tive um diário eletrônico, documentozinho de texto do *Wordstar* (quem lembra? Do tempo do Neanderthal, né?), mas esse era bobinho e eu apaguei ha uns meses atras.

Diários tradicionais, tive vaaarios. Ja tive em cadernetas (durou pouco), escritos em japones (é, ideia copiada sim, na maior cara de pau! Hehehehe ^__^), em simbolos, etc. Mas o mais antigo, o mais tradicional, é o "caderno verde Malibu"! Confesso q com a criação do blog ele ficou meio em segundo plano, mas ate hj escrevo nele vez ou outra. Desde 12/06/1995, ta la o registro mais detalhado e mais cheio de segredos de estado que se tem noticia sobre a minha complicada pessoa!

Eu, q tenho mania de tudo analisar, ainda nao consegui descobrir uma utilidade pratica ou interessante pra diários. Nao consigo entender pq a gente os escreve! Mas agora com licença q me deu uma vontade doida de escrever umas linhas no meu Malibu... ^__^

Fonte: http://luiz-san.blogger.com.br/2003_10_01_archive.html,
acessado em 19 de junho de 2006.

Com os mais variados objetivos, a maioria se pretende, de uma forma ou de outra, ser como um registro, um instrumento de memória. A isto temos inúmeras variações, tais como os diários de bordo, diário de campo, jornalístico, etnográfico, terapêutico, introspectivo, poético, reflexivo, etc.

Com tamanha diversidade de modalidades e funções, fica até difícil defini-los. Sempre que se tenta fazer isto, acaba-se refletindo sobre trajetórias, histórias e aspirações, tal como demonstra Michele (Quadro 3), nesta tentativa de definição deste tipo de narrativa:

QUADRO 3

Como definir o diário?

Como definir o diário? Parece fácil... As *razões* e os *conteúdos* variam tanto que é quase desesperante dar-lhes uma idéia completa do que ali se pode encontrar. Em primeiro lugar, um diário se escreve ao sabor do tempo, é muito diferente de todas as autobiografias, memórias e outras parentes próximas do gênero. O diário é observado dia a dia, mais ou menos escrupulosamente mas é sempre uma espécie de representação “em direct” ao vivo da vida.

Ter um diário íntimo é também muitas vezes bastante difícil. É uma atividade que exige uma certa disciplina, que ordena a vida. Eu gosto de mostrar os dois lados da medalha, é preciso ser realista! Pessoalmente, o que me anima é uma mentalidade que eu qualificaria de “arquivista” e de colecionadora. Desde criança, nunca pude me resolver a jogar fora seja lá o que for. Guardo tudo! Ter um diário é uma maneira de colecionar os dias... Claro, as ambições do diário são uma causa perdida de antemão.[...] Claro que o diário íntimo tem limites. [...]. Colocar-se no papel quotidianamente é também uma maneira de se colocar a nu e se decifrar o interior, sem ter a pagar uma terapia. Notemos que muitos o utilizam com fins terapêuticos, aliás, para acompanhar uma psicoterapia por exemplo ou uma convalescença. Passa-se a vida a se buscar, a se descobrir. O diário age assim como o testemunha desta busca de si, e mesmo como parceiro, pois estando sós em face de nós mesmos em nosso diário, não podemos muitas vezes agir de outra maneira senão ver e compreender aquilo que somos relendo o que escrevemos. Alguns relêem seus diários e se surpreendem com o que escrevera. Outros não compreendem mais nada. Mantendo o diário de nossos dias, é a sim mesmo, é vida que a gente interroga. Sem obter respostas muitas vezes... Um diário é a encenação, uma representação de si. Nós somos o personagem principal de nosso diário. Nós temos às vezes a tendência a escrever as coisas não como elas são mas como deveriam ser. Escreve-se para embelezar ou dramatizar sua vida, para lhe dar um sabor novo. O diário é muitas vezes um dos últimos refúgios do sonho.

[Definição de “diário” por Michele (<http://www.colba.net/~micheles>) citada por MUZART, 2000, 184-185]

Foram exatamente as razões e os conteúdos que delimitaram nossa amostra da pesquisa: analisar blogs de professores que falavam sobre suas práticas educacionais, a fim de verificar se estes poderiam se prestar como suporte para

reflexão docente. Neles, notou-se muito mais do que a reflexão docente (se é que se pode realizar a reflexão desvinculadamente de outros percursos). Notou-se que este é um instrumento de autobiografia, um instrumento de *memória* que permite *reler* e avaliar a evolução de certo(s) tema(s). É sempre uma *representação*, leituras pessoais sobre fatos, perspectivas de visão sobre acontecimentos, o que é marcado pela *trajetória* anterior de vida, que vai formando as lentes que modelam o que entendemos do que vemos (um exemplo disso pode ser visto quando várias pessoas passam pelo mesmo lugar, mas apenas uma tem a sensibilidade de considerá-lo belo, a capacidade de ver o que outras pessoas não enxergam, o que é construído através de nossas vivências).

No caso dos diários na Internet, especificamente os blogs, este movimento de “se colocar a nu e se decifrar o interior” (op cit.) é um tanto moldado pelas características desta ferramenta. É provável que seja exatamente a riqueza desta “encenação”, esta “*representação de si*” e *do mundo*, que traga tantas possibilidades dos diários (ou dos blogs enquanto ferramenta autobiográfica) para a reflexão docente. Os personagens desta encenação passeiam de acordo com a visão do interlocutor, que vai aprendendo a ser crítico, a ser reflexivo, exatamente criticando, sendo criticado, refletindo sobre o que faz, o que fala, o que escreve, pensando. Diria até que além de ser “refúgio do sonho”, os blogs (na perspectiva de diário) também se apresentam como “*refúgio*” *do desconhecido*, que fascina quem os escreve, hipnotizam, fazem sempre voltar em busca de respostas que, na verdade, não se encontram neles, mas nas relações que estabelecemos entre as pessoas, os acontecimentos, as práticas.

Dentro do foco de análise escolhido, existem alguns autores que contribuem na discussão, tais como Martin e Porlán (1997), quando falam de “diário de professor”, e Zabalza (2004) quando fala de “diário de aula” como instrumento ao professor investigador, o que torna imprescindível revisitar suas trajetórias já traçadas em suas escritas para que se possa analisar melhor este objeto.

2.2.1.3 Periodicidade

Os diários, enquanto substantivo, ao contrário do adjetivo, nem sempre recebem atenção “diária”, mas com uma certa periodicidade. Estes “períodos” são dados por acontecimentos, pela pertinência de um comentário em um determinado

momento, pelo andamento de algum trabalho. Segundo Zabalza (2004, p. 13):

Os “diários” não têm por que ser uma atividade diária. Cumprem perfeitamente sua função (e sua realização se torna menos trabalhosa em tempo e esforço) mesmo que sua periodicidade seja menor: duas vezes por semana, por exemplo, variando os dias para que a narração seja mais representativa. O importante é manter uma certa linha de continuidade na coleta e na redação das narrações (enfim, que não seja uma atividade intermitente, feita apenas de vez em quando e sem nenhuma sistematicidade).

Esta sistematicidade exigida pelos diários também pede uma certa disciplina e empenho do autor do blog, de modo que este olhe para os fatos com olhar inquieto, escreva fazendo uma leitura crítica dos acontecimentos, reflita sobre sua atuação. A escrita sistemática permite fazer uma leitura diacrônica sobre os acontecimentos e analisar a evolução dos fatos. Nestes casos, a reflexão acontece em períodos marcados por acontecimentos, que em certas horas inspiram mais análise do que em outras.

Isto é bem diferente do que acontece na escola. Ali os “períodos de aprendizado” são marcados por uma sineta (geralmente a cada 50 minutos), que divide o conhecimento em “disciplinas”. Neste espaço, a relação entre passado e presente também se perde, uma vez que trabalha com conhecimentos prontos e acabados, sem processo ou contexto de criação, ou, quando muito, acontecimentos históricos datados, mas completamente fora de contexto.

O que se nota no ciberespaço, ou mesmo no espaço dos blogs, é que tudo vai acontecendo a toda hora, que toda hora é passível de reflexão, sendo que alguns espaços e momentos inspiram mais uma ou outra atividade ou reflexão. No ciberespaço a atribuição de sentidos é construída pela demanda, pelos interesses, pelas emergências, e não por uma sineta que demarca certa parcela do conhecimento ou “disciplina”, uma espécie de ritual ou obrigação. Diria até que as fronteiras entre os conhecimentos diluem-se expressivamente.

Outra característica destes movimentos no ciberespaço é o desenvolvimento individual: a navegação é uma atividade bastante individualizada, porém não solitária. Na escola busca-se o coletivo, mas existe uma constante preocupação de mensurar o “aprendizado” individual, acreditando-se que todos aprendem da mesma forma e no mesmo tempo. Muitas vezes, na escola, estimula-se mais a competição do que a colaboração, ao passo que o ciberespaço não existiria sem a colaboração.

Digo que a navegação é uma atividade individual, porém não solitária, pelo

exato motivo que os indivíduos traçam seus próprios caminhos, mas estes perpassam por outros que são coletivos, com outros sujeitos que também se interessaram por este ponto da trajetória, compartilhando os links que constroem de cada ponto. Cada um desenvolve seu percurso, mas sempre ligado a um contexto global que é comum a todos, porém, possibilitando leituras de um mesmo contexto sob diferentes ângulos de análise.

Na busca do significado dos diários, além destes se constituírem como um registro sobre certo elemento escolhido por um autor que o faz com certa periodicidade, notamos que os diários já foram analisados por alunos autores no contexto educacional ou da formação dos professores, imprimindo significações mais específicas, as quais retomo adiante.

2.2.2 Trajetórias já traçadas com diários

Aqui serão exploradas concepções sobre diários, que nortearam e permearam este trabalho, indicando potencialidades dos diários como instrumento de reflexão docente e como instrumento formativo para professores. Estes autores não se referem a blogs e sim a diários. Porém, estas teorias foram reconhecidas e incorporadas neles, o que resultou em um quadro muito interessante, que será analisado ao longo deste trabalho.

Porlán e Martín (1997) estiveram presentes desde a elaboração do projeto que deu origem a este trabalho. Suas concepções permeiam as principais idéias aqui apresentadas, o que foi construído também com concepções de outros autores, outras trajetórias, outras vivências, com blogs e com todo o contexto educativo/formativo que envolve o ciberespaço.

Porlán y Martín (1997) nos apresentam os diários como um guia para a investigação, um instrumento para detectar problemas e explicitar concepções, mudar/permeiar concepções, para transformar a prática docente.

2.2.2.1 O diário como um guia para a investigação

Porlán e Martin apresentam a investigação escolar como uma proposta intermediária entre o Modelo Tradicional e o Modelo Espontaneísta de Ensino. Seria

embasada em princípios como a investigação dos alunos como processo de construção de normas, atitudes, destrezas e conhecimentos em aula; a investigação dos professores como forma de propiciar uma prática reflexiva e um desenvolvimento profissional permanente; o caráter processual, aberto e experimental dos currículos, como forma de estabelecer um equilíbrio adequado entre planejamento e avaliação do ensino (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 15).

Neste processo, o professor é o mediador fundamental entre a teoria e a prática educativa. Ele interpreta e valora as informações que recebe, dentro de seus esquemas de conhecimento, seu sistema de crenças, que acaba atuando como um “filtro cognitivo”. Estas informações são tanto os modelos educativos ou instruções curriculares, quanto às reações dos alunos e todo o quadro que ele observa e registra da sala de aula.

O professor, para isto, atua como um agente ativo do desenvolvimento curricular, que não se coloca de forma passiva ao estabelecido. É um modelador dos códigos estabelecidos nos conteúdos, assim como modela a aprendizagem nos alunos e é moldado por ambos (alunos e conteúdos). Por este ponto de vista, o professor diagnostica os problemas, formula hipóteses de trabalho, experimenta e avalia tais hipóteses, elege seus materiais, desenha as atividades, relaciona conhecimentos, etc. É um investigador em aula. A investigação de problemas implica a experimentação de novos desenhos e a avaliação de seus efeitos, produzindo-se com isso um progressivo desenvolvimento do conhecimento profissional.

O diário, nesta perspectiva, seria um recurso metodológico nucleador de todo esse processo. Sua utilização periódica permite refletir acerca dos pontos de vista do autor, assim como também dos processos mais significativos da dinâmica em que está imerso. É um guia para reflexão sobre a prática, favorecendo a tomada de consciência do professor em seu processo de evolução de seus modelos de referência. Favorece, também, uma tomada de decisões mais fundamentadas.

Através do diário se podem realizar focalizações sucessivas na problemática que se aborda, sem perder as referências ao contexto. Por último, propicia também o desenvolvimento dos níveis descritivos, analítico-explicativos e valorativos do processo de investigação e reflexão do professor (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 19-20).

2.2.2.2 O diário como um instrumento para detectar problemas e explicitar concepções

O diário, em um primeiro momento, pode propiciar um nível mais profundo de descrição e análise da realidade. A ação de relatar por escrito favorece o desenvolvimento da capacidade de observação e categorização da realidade, que permite ir além da simples descrição intuitiva (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 22).

Descrevendo as atividades em sala de aula, o professor reflete sobre seus conceitos, suas crenças, suas atitudes, a implicação dos alunos. Com isso, o professor faz uma panorâmica geral do que, sob seu ponto de vista, acontece na sala de aula, traduzindo assim alguns dos pressupostos de educação que fazem parte de seu quadro conceitual. Para tanto, vale a pena identificar e analisar as referências ao professor, aos alunos e aos processos que acontecem entre eles. Desta forma, o diário permite focalizar progressivamente as observações, levando-as do geral ao específico, sem perder as referências ao contexto.

O diário facilita a possibilidade de reconhecer os problemas e de assumir a realidade escolar como complexa e mutante, favorecendo seu tratamento através da análise dos mesmos. Os problemas vão sendo delimitados à medida que vão sendo investigados, são processos que vão se desenvolvendo, reformulando e diversificando, são um ponto de partida e o fio condutor de um processo de reflexão e mudanças.

Trabalhar com problemas é um processo complexo que oferece múltiplas possibilidades de aprendizagem e de encadeamentos de novas questões, de forma que, em torno do eixo que constitui o tratamento do problema, se articulam novos problemas e novas temáticas que podem guiar o processo de aprendizagem do professor (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 26-27). São tramas que se estruturam e se enlaçam à medida que o professor reflete sobre o que observa e registra, tramas visíveis (ou o que acreditamos que vemos e percebemos) e tramas ocultas, que misturam interesses, conhecimentos e aprendizagens reais. É assim que inicia o processo de reflexão-investigação sobre a prática.

2.2.2.3 O diário como instrumento para mudar/permear concepções

As caracterizações que o professor faz de sua prática refletem as concepções deste professor, determinam sua maneira de ver a realidade e orientam sua prática. Por exemplo, uma certa maneira de conceber a aprendizagem dos alunos corresponde geralmente a uma determinada visão do papel do professor, das relações sociais em aula.

Uma característica muito comum das concepções docentes é a dificuldade de mudança. Estas concepções vão se edificando durante a formação deste professor e de sua inserção no contexto educativo, nas escolas. Isto acontece quando o professor vai percebendo e interiorizando, muitas vezes inconscientemente, como as coisas funcionam, algumas regularidades e evidências aparentes.

Por outro lado, se submetemos as concepções a processos continuados de contraste com a própria realidade, ou com outras concepções e pontos de vista (de outros professores, dos alunos, de outras pessoas externas à escola, de novas teorias educativas, etc), irão aparecer contradições e evidências que podem levar à modificação, ampliação ou substituição das mesmas por outros pontos de vista que ofereçam uma maior potencialidade explicativa acerca dos problemas práticos e dilemas sobre a prática educativa (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 35). Neste sentido, o diário pode ser um instrumento metodológico para auxiliar na coerência global e na continuidade do processo.

Nesta perspectiva, as reuniões de professores, que muitas vezes são tomadas somente por problemas administrativos, podem ganhar um caráter formativo. Esta pode ser uma oportunidade para contrastar pontos de vista com os pares, buscando a reflexão conjunta sobre e para a ação. Segundo estes autores, as problemáticas reconhecidas através dos diários poderiam ser compartilhadas com os pares, à luz de leituras relacionadas, “*intercambiando*” o saber e o saber fazer. Desta forma, as discussões podem deixar de ser “meus problemas”, para serem discutidos em outro nível, passando a serem problemas profissionais, mais formulados e objetivados. Assim, é provável que a análise dos problemas metodológicos dos pares faça com que desenhemos novas práticas que levem em conta estes problemas da equipe e novos critérios, além de realizar uma prática mais consciente sobre o que e como ensinar e avaliar.

Estes autores ainda lembram que é importante escutar e negociar com os

alunos, de forma que os processos de ensino e aprendizagem alcancem de forma mais satisfatória suas realidades. Isto é feito de forma direta (na prática) e na hora que refletimos no processo da escrita no diário (reflexão da prática).

Um terceiro também pode ser solicitado para contrastar opiniões, apresentando outros componentes empíricos, novas teorias e concepções de professores de outros contextos, dando novos elementos de análise e tornando a reflexão mais complexa, oportunizando a abertura de outros caminhos, diferentes daqueles que o professor já estava acostumado/acomodado a realizar.

2.2.2.4 O diário como instrumento para transformar a prática docente

Os diários de professores implicam um desenvolvimento profissional permanente, refletindo sobre os problemas de aula, as idéias, crenças e concepções. Este movimento é marcado pelo esforço do professor em problematizar e estar disposto a mudar suas concepções quando necessário, estar aberto a outras idéias. Isto provoca um enfrentamento com seus modelos pedagógicos. Nesta perspectiva o diário atua como um registro sistemático e coerente do desenho que vai se traçando e experimentando, com erros, acertos, reflexões que geram o desenvolvimento profissional constante e práticas mais conscientes e ponderadas.

Nesta perspectiva, as “novas” concepções não são exatamente o contrário das concepções já existentes, uma vez que o novo sempre se apóia no que já existe. É a construção do conhecimento profissional, que articula as teorias e as ações, o saber e o saber fazer, emancipando-se das práticas rotineiras.

Este processo é uma transição constante e parcial, contraditória e insegura, onde existe maior potencialidade de aprendizagem profissional. Deve ser constante o registro sobre as práticas, o programa, as ações, recolhendo, analisando e avaliando dados empíricos significativos (PORLÁN e MARTÍN, 1997, p. 51).

Desta forma, o diário deixa de ser um registro para apresentar-se como um eixo organizador de uma autêntica investigação profissional. Trata-se de analisar as práticas, buscar técnicas mais concretas e específicas, analisar os resultados, compará-los com o previsto e com práticas anteriores, validar e reconstruir constantemente o conhecimento pedagógico-profissional.

Assim, Porlán (1997) apresenta o diário como uma proposta que se dirige

fundamentalmente àqueles professores que começam a contemplar a necessidade de uma reflexão crítica sobre sua própria atividade com o objetivo de melhorá-la e resgatá-la da rotina e dos estereótipos. Ele permite, através do registro sistematizado, interrogar o sentido da realidade, analisar e refletir sobre as ações da prática, compartilhar estas compreensões, delimitar problemas, buscar coletivamente alternativas para solucioná-los. Não é simplesmente um instrumento para observar e problematizar a prática, e sim, é intercalado com leituras, diálogos, o que possibilita buscar novas soluções, elaborar outras estratégias para um ensino melhor, outras formas, inclusive, de conceber a educação.

Uma concepção semelhante à de Porlán (1997) é encontrada em Zabalza (2004). Para este autor, a priori:

Os diários de aula, pelo menos no que se refere ao sentido que recebem neste trabalho, são os documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas (ZABALZA, 2004, p. 13).

Miguel Zabalza (2004), Rafael Porlán e José Martin (1997) escreveram obras paralelas, seguindo caminhos investigativos diferentes, mas concordando em alguns pontos, como nas possibilidades para a formação contínua dos professores. Zabalza (2004) afirma que os diários podem ser empregados com a finalidade investigativa, bem como para orientar o desenvolvimento pessoal e profissional (Fig. 02):



- Figura 02 - Âmbitos formativos dos diários (Adaptado de Zabalza, 2004, p. 16).
-

2.2.2.5 O Acesso ao Mundo Pessoal dos Professores

Os professores, envolvidos em suas práticas cotidianas, acabam deixando passar despercebidos certos elementos. Com a externalização da prática, pela escrita nos diários, emergem certos aspectos que geralmente permanecem ocultos à percepção destes professores.

A formação de professores, geralmente centrada em conteúdos e disciplinas, não prioriza o desenvolvimento pessoal. Isto acontece apesar de várias iniciativas formativas apontarem para a importância de o formando identificar e revisar suas próprias teorias e crenças. Assim, o diário pode ser um instrumento com caráter de segunda orientação para o conhecimento e o desenvolvimento profissional (ZABALZA, 2004, p. 17).

O comportamento auto-analítico é fundamental nas iniciativas de mudança escolar, como aponta Zabalza (2004):

Escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha uma natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou com o grupo de colegas (p. 18).

2.2.2.6 Os Diários como Grande Recurso para Explicitar os Próprios Dilemas em Relação à Atuação Profissional

Zabalza (2004) aponta que os dilemas são “todo o conjunto de situações bipolares ou multipolares que se oferecem ao professor no desenvolvimento de sua atividade profissional” (p. 18). Estes pólos indicam direções que o professor pode seguir, opções tomadas consciente ou inconscientemente. Com o diário o professor pode explicitar e clarificar as situações dilemáticas, auxiliando no processo da informação e da tomada de decisões.

Os dilemas são construtos que identificam situações dialéticas e/ou conflitantes e quebram a idéia de linearidade da conexão pensamento-ação: são compostos de contradições, não-permanências, componentes não-lógicos, simbólicos, etc. Ao mesmo tempo, os dilemas atuam como ferramentas para a análise das atuações docentes, à medida que comportam a complexidade e a natureza desafiadora da ação docente. Os diários, neste sentido, acompanham a

dinâmica que vai se desenvolvendo, traçando o caminho das decisões tomadas e propiciando a reflexão sobre os “espaços problemáticos”, gerando uma visão em perspectiva, tanto pelos fatos passados como com previsão de futuras ações e tomada de decisões.

O professor, como ser racional, coloca seus conhecimentos em ações específicas, testando, experimentando, aprimorando, pesquisando e tomando decisões. Neste contexto a consciência é um componente básico do fazer prático docente. O diário, aqui, auxilia nos procedimentos de indagação, no manejo das dúvidas, procedimentos e resultados, fazendo do professor um investigador de sua prática, tomando conta dos mecanismos que emprega para resolver seus dilemas.

2.2.2.7 Os Diários como Recurso de Acesso à Avaliação e ao Reajuste de Processos Didáticos

Os diários, se realizados com continuidade e sistematicidade, contribuem para efetuar uma espécie de radiografia da docência, sendo uma via de acesso aos estudos dos processos de ensino. Porém, para isso, deve-se levar em consideração também os elementos da situação em que as narrativas foram produzidas e contadas. Assim pode-se construir uma idéia global e em perspectiva das dinâmicas que foram se produzindo na aula, como evoluiu e de que maneira afetou os ali presentes. Os diários são instrumentos muito ricos, oferecendo também dados para análise; descrições para reflexões; extratos de documentos para interpretação; narrações de fatos; hipóteses e antecipações.

Para o professor poder explorar esta riqueza de possibilidades dos diários, deverá levar em consideração a natureza subjetivada dos dados e equilibrar o peso das diversas perspectivas do fato, afinal, o registro é a *sua* forma de ver e representar o fato, “trata-se sempre de informações que foram elaboradas e transformadas em relato desde a perspectiva particular de quem participa no processo *contado*” (ZABALZA, 2004, p. 26). Assim, os diários integram três posições complementares do mesmo sujeito (Fig. 03):

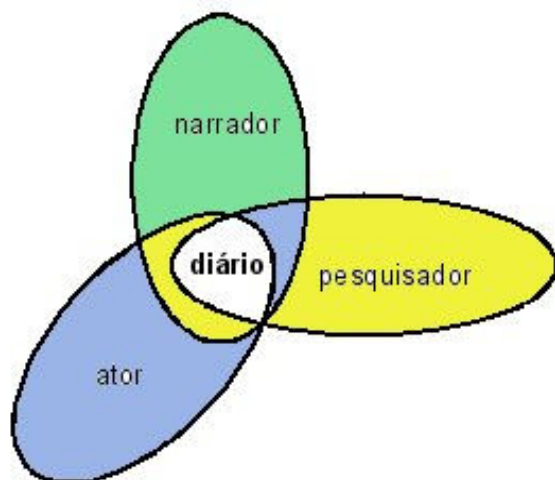


Figura 03 - Perspectivas do sujeito que elabora o diário. Imagem criada por mim, adaptada do texto de Zabalza, 2004, p. 26.

- o **ator** – que provoca ou participa das ações narradas
- o **narrador** – conta a ação olhando de fora
- o **pesquisador** – se aproxima dos fatos com espírito inquiridor, com hipóteses, esquemas conceituais operativos que lhe permitem ler, analisar, avaliar e melhorar as ações narradas.

2.2.2.8 Os Diários como Recurso para o Desenvolvimento Profissional Permanente

Reconhecer nosso mundo pessoal e nossos dilemas práticos nos dá melhores condições para orientar nosso crescimento profissional. Assim, os diários atuam como instrumento de coleta e análise de informações referentes às próprias práticas, permitindo revisá-las e reajustá-las se for preciso.

Zabalza (2004) destaca que, por meio dos diários, tornam-se possíveis alguns processos de aprendizagem tais como:

- I - Os sujeitos se tornam cada vez mais conscientes de seus atos. É necessário estar atento ao que acontece para poder descrever depois. O próprio escrever permite examinar e identificar componentes, possibilitando conhecer as ações e seus mecanismos;
- II - Aproximação das análises às práticas;
- III - Aprofundamento na compreensão do significado das ações;
- IV - Subsidiar decisões e iniciativas de melhoria;
- V - Inicia-se um ciclo e atuação profissional.

De mais, a manutenção dos diários cria o *hábito* da reflexão, da síntese analítica e da escrita, além de facilitar o compartilhamento das ações e a troca de

experiências. Desta forma, analisaremos agora alguns aspectos teóricos da reflexão docente à luz de autores como Schön (1983), Zeichner (1993) e Perrenoud (2002), trazendo também, à medida do possível, aspectos observados nos diários eletrônicos, os blogs.

2.3 Diários (eletrônicos) de professores: subsídios para reflexão docente

Neste ponto encontramos o conceito de reflexão docente, presente na obra de vários autores, que acreditam que escrever sobre a prática educativa é um interessante exercício para refletir sobre o que se está fazendo e as conseqüências disto no contexto educacional. Essa reflexão *da* prática e *na* prática, como processo contínuo e de formação, aliada à troca de experiências, pode facilitar e tornar mais coerente as transformações do instituído, auxiliando na construção de uma nova epistemologia da prática, na construção de saberes e resoluções de problemas.

A escola e os professores, inseridos em uma sociedade complexa, devem estar atentos às situações novas que surgem a cada dia, devendo estar dispostos a repensar suas atividades e abertos a novas formas de educar. Aparecem como promissores novos espaços e meios para promover diferentes saberes, as muitas culturas e novas educações. Isto acontece ao mesmo tempo em que surgem, em uma velocidade cada vez maior, inovações tecnológicas que estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, intervindo no modo de fazer coisas que já se faziam e possibilitando o fazer de coisas que antes não eram sequer pensadas.

Este permanente estado de mudança nos traz para uma era de incertezas, um estado de desapossamento, que nos indica a necessidade de pensarmos uma formação de professores que dê espaço para olhar as práticas educativas em uma perspectiva crítica, disposta a repensar conceitos e práticas instituídas, que reconheça a importância de se estar levando em consideração o mundo que envolve o aluno, disposta a conversar sobre a prática (leia-se estar comprometido também com a prática dos outros e abrir a sua prática para críticas dos outros), disposta a reformular a prática. As tecnologias de informação e comunicação podem estruturar processos como a reflexão partilhada em diferentes espaços-tempos e a aprendizagem cooperativa no processo de formação (inicial ou continuada) de professores. Os blogs, mais do que diários íntimos, são espaços de conversação

(PRIMO e SMANIOTTO, 2006, p. 2), convertendo-se, às vezes, em hipertextos cooperativos (PRIMO e RECUERO, 2003), o que contribuiu para a constituição do objeto de pesquisa.

Pensando nisto, esta pesquisa se propôs a analisar diários de professores na web, ou seja, blogs onde os professores registrassem elementos de suas práticas e utilizassem estes como instrumento para reflexão sobre a prática docente. Visava-se, assim, investigar as possibilidades dos blogs como instrumento ao professor reflexivo, atuando como meio para publicar experiências e reflexões, bem como a troca de informações e reflexões coletivas. Nesta concepção, imaginavam-se os blogs como um possível espaço onde os professores pudessem trocar informações, colaborar uns com os outros e construir, cooperativamente, novos saberes e respostas a problemas comuns, rumo a uma nova educação, rumo a uma escola aprendente²⁰.

2.3.1 Professor como participante reflexivo

É inconcebível pensar a educação fora de um contexto de complexidades, problemas e incompletudes. Isso pede do professor uma posição disposta à mudança, um processo contínuo de formação mútua, em que, como aponta Freire (1996), o formador se faz formando quando forma.

Essa atitude disposta à transformação do instituído é viabilizada pela postura investigativa, curiosa, questionadora, inquieta e pela prática reflexiva. Escrevendo e conversando com outros profissionais, o professor pode clarificar seus problemas e planejar de um modo mais adequado. A reflexão ajuda a pôr juntos pedaços para formar uma educação mais efetiva (PETERS, 2004).

A insatisfação da prática pode ser promissora no sentido de motivar o professor para refletir, observar os alunos, sua postura, a escola; buscar leituras de

²⁰ O conceito de escola aprendente estrutura a tese de Bonilla (2005), que diz que não são os alunos os únicos que aprendem na escola, é necessário também que professores, comunidade e a própria instituição estejam em permanente processo de aprendizado. "Para tanto, a escola, além de alterar suas estruturas físicas e inserir as tecnologias no seu contexto, necessita aprofundar a visão que tem sobre as tecnologias, sobre o seu próprio papel enquanto agente educativo articulado em rede, questionar os significados instituídos e as situações novas com que se defronta, procurando respostas e modos de ação próprios, construídos coletiva e cooperativamente. Enfim, a escola necessita estar mais atenta à realidade social, aberta a novas possibilidades e aprendizagens, à partilha de saberes e a reciprocidades, procurando dessa forma não se submeter à cultura e ao conhecimento dominante". (BONILLA, 2005, p. 71-72)

autores e tentar “ler” a realidade. A reflexão, ao contrário da ação-rotina, implica em um espírito aberto, disposto a falar e a ouvir com sinceridade, com um espírito de responsabilidade, ciente de seu compromisso político (DEWEY, 1959; ZEICHNER, 1993; KINCHELOE, 1997). Ao repensar a prática, o professor está olhando *para quem* está direcionado seus esforços, *o que* essas pessoas querem e precisam, *como* atingir objetivos. Um trabalho transformador, disposto a questionar-se, avaliar-se e reformular a prática (HYPOLITTO, 2004).

Um exercício interessante para refletir sobre o que se está fazendo e suas conseqüências no contexto educacional, é a escrita (MARQUES, 2001). Ela, aliada à troca de experiências, pode facilitar e tornar mais coerente as transformações do instituído, auxiliando na construção de uma nova epistemologia da prática, na construção de saberes e resoluções de problemas (PERRENOUD, 2002).

Essa escrita pode estar orientada em um diário (PORLÁN e MARTÍN, 1997), onde ficam registrados os planejamentos, as ações, as angústias, crenças e (in)certezas, os medos, as raivas, esse conjunto que faz do professor e de sua prática educativa, única, singular, ao mesmo tempo em que parte de um todo. É o processo de juntar pensamentos e experiências, colocar em ordem (se é que ela existe), articular isto com teorias, examinar e aprender com isto.

Reiman (1999) defende que a prática reflexiva passa pela descrição, análise, explanação e reflexão. Isto se traduz em contar como ocorre o processo de ensino-aprendizagem (ver, clarificar os problemas), pensar em soluções/alternativas para os problemas, examinando o que é efetivo ou não, comunicando (oral ou por escrito) os efeitos desse processo, além da identificação dos significados e das significações da prática.

Isso só é possível quando é criada/estabelecida uma cultura de reflexão *na* e *sobre a* ação (SCHÖN, 1983). Refletir *na* ação é olhar para ver o problema, observar a reação dos alunos e utilizá-la para ajustar as ações. A reflexão *sobre a* ação ocorre antes da aula, quando fazemos o planejamento, e depois, quando consideramos o que aconteceu.

A reflexão implica na imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos; supõe um sistemático esforço de análise, que captura e orienta a ação. Implica no enfrentamento dos não saberes, do pensamento em uma ação educativa mais

provocadora e instigante, que “envolve o exame cuidadoso de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, aspirando à construção de significações” (MARTINS, on-line).

A reflexão denota para o reconhecimento do papel ativo dos educadores, a valorização de suas próprias teorias pautadas na riqueza da experiência de sua ação pedagógica, e a necessidade de um processo de aprender a ensinar que se prolongue durante toda sua carreira profissional (MARTINS, on-line).

Peters (2004) fala da reflexão como um processo de descrição, análise/interpretação e de atitude. Em um primeiro momento, se descreveria em detalhes a ação (o que cada um fez, quais foram as reações, o que as causaram, o que funcionou e o que não funcionou e quais evidências existem de que os alunos estão aprendendo). Depois, se partiria para um processo de análise e interpretação, que é quando tentamos simbolizar/representar o motivo do que aconteceu e o que poderia ter acontecido, tentando ver o fenômeno por diferentes perspectivas e articulando com teorias, questionando-se sobre outros modos de olhar para o que aconteceu, outras teorias que ajudariam a entender melhor o que aconteceu, estabelecendo relações com fatos anteriores, buscando maneiras de analisar a prática pedagógica mais profundamente. Segundo o autor, isso daria condições para o que ele chama de “*take a intelligent action*”, que é o que acontece quando fazemos este movimento pensando em como gerar atitudes transformadoras do ambiente de aula. Assim, ele também indica os diários como um consistente caminho para a reflexão.

Efetivar a reflexão oferece um auxílio para o melhor conhecimento de si mesmo, dos momentos significativos dos percursos profissionais e pessoais do professor (NÓVOA, 1992). Dão subsídios para analisar os motivos que originaram sua prática, as formas atuais como se pode refletir sobre seu desempenho no sentido de superar-se e ser cada dia melhor professor-pessoa, na visão muito particular como se articulam estes dois sujeitos dentro de si mesmo (KENSKI, 1997).

2.3.2 Diários: prática reflexiva partilhada

Os diários, neste ponto, aparecem como um elemento à prática reflexiva partilhada. Porém, é necessário também pensarmos na formação de professores, de modo que dê subsídios para olhares sob uma perspectiva crítica sobre a prática educativa. A prática reflexiva partilhada somente será alcançada se estivermos dispostos a repensar conceitos e práticas instituídas, se reconhecermos a importância de levar em consideração o mundo que envolve o aluno, se estivermos dispostos a conversar sobre a prática e estarmos comprometidos também com a prática dos outros, considerando as críticas como construtivas. E, se necessário, estarmos dispostos a reformular nossas práticas docentes.

As tecnologias de informação e comunicação podem auxiliar neste processo, sendo que devemos repensar constantemente os usos destas, considerando novas possibilidades, como a interatividade, as comunidades virtuais, a construção coletiva através de informações partilhadas e as demais potencialidades que se criam pelos movimentos das pessoas nestes espaços.

Pensando nestas possibilidades, os diários eletrônicos não se prestam apenas como registro de planejamentos ou de cartografias²¹, mas também como suporte para reflexões, possibilitando a partilha destes saberes e a articulação com outros recursos disponibilizados pelas tecnologias contemporâneas.

Isto faz com que esta não seja mais uma experiência educativa isolada, sem repercussão social. Um aspecto para o qual temos de dirigir esforços é a socialização e a difusão dos conhecimentos em educação, pois, hoje, não faz mais sentido reconstruirmos grandes bancos de dados a partir do zero, e sim verificar o que já existe, trocar idéias, partilhar, adaptar para contextos específicos, experimentar e reunir esforços em um movimento convergente à ampliação dos saberes.

Lévy (1999a) aponta que é necessário estabelecer-se uma nova relação com

²¹ Segundo Oliveira, 2004, um dos primeiros diários amplamente difundidos foi os diários de navegação, onde eram traçadas as cartografias e eventuais mudanças de percurso, visando dar um subsídio de localização àqueles que passavam dias, meses em mar aberto. Pode-se dizer aqui que esta idéia é, de certa forma, semelhante aos diários de aula, isto se pensarmos metaforicamente na prática docente como um mar aberto e nosso percurso de formação como a linha cartográfica. Esta linha, porém, deve, ao contrário dos diários de navegação, buscar formas de extrapolação dos caminhos já traçados, buscando refletir sobre nosso contexto, confrontando com outros autores e atores, realizando assim a reflexão partilhada.

o saber. Estamos em uma época em que é surpreendente a velocidade de surgimento e de renovação dos saberes. Hoje, a maioria das competências adquiridas na formação inicial de uma pessoa estará obsoleta no fim de sua carreira (ou até bem antes disso). Os saberes são produzidos rapidamente, o que é associado às tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções humanas (memória – banco de dados, hiperdocumentos; imaginação – simulações; percepção – sensores digitais, telepresença; raciocínios – inteligência artificial). Este fenômeno demonstra-nos uma nova perspectiva na formação de novos saberes, tanto como forma de aprendizagem ou trabalho: a *Aprendizagem Cooperativa Assistida por Computadores*²². A aprendizagem cooperativa parece ser a direção mais promissora, que, por sinal, traduz a perspectiva de uma inteligência coletiva²³ para a humanidade. O aprendizado firma-se tanto pelos formandos como pelos formadores, que atualizam continuamente seus saberes, não apenas os "disciplinares".

Isto é viabilizado pelas redes, que ampliam as possibilidades de comunicação, que acentuam e generalizam outras e novas possibilidades de ser e agir, no momento em que processos e estruturas organizam e movimentam, em escala mundial, as perspectivas do indivíduo.

Esta nova configuração pede uma atenção especial aos processos de formação de professores. Se esperarmos que ele seja um 'animador da inteligência coletiva'²⁴, é necessário que ele consiga participar efetivamente desta 'construção coletiva da inteligência'.

Paulo Freire (1996) nos aponta a importância do processo contínuo de

²² Do inglês, Computer Supported Cooperative Learning, CSCL. São dispositivos de ensino em grupo para o compartilhamento de diversos recursos computacionais e o uso dos meios de comunicação próprios do hiperespaço. "Estes dispositivos permitem a discussão coletiva, a divisão de conhecimentos, as trocas de saberes entre indivíduos, o acesso a tutores on-line aptos a guiar as pessoas em sua aprendizagem e o acesso a bases de dados, hiperdocumentos e simulações" (Lévy, 1999a, p. 101)

²³ Para Lévy todos os indivíduos possuem um conjunto de capacidades para perceber, aprender, imaginar e raciocinar. O exercício dessas capacidades cognitivas implicam, obrigatoriamente, uma ação coletiva ou social. É no coletivo que encontramos os instrumentos intelectuais ou objetos para a reflexão - conhecimentos, valores e ferramentas – que, distribuídos por toda parte, são continuamente valorizados e sinergizados. A inteligência coletiva estabelece-se através "de uma sinergia entre competências, recursos e projetos, a constituição e manutenção dinâmicas de memórias em comum, a ativação de modos de cooperação flexíveis e transversais, a distribuição coordenada dos centros de decisão" (Lévy, 1999a, p. 28)

²⁴ Lévy, falando da aprendizagem coletiva e o novo papel dos professores, diz que "a função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc." (1999a, p. 171)

formação, ou seja, o formador se faz formando quando forma. Isto, porém, só se efetiva quando existe uma reflexão sobre a prática, o que é proposto por Porlán e Martín (1997) quando fala sobre os diários, não apenas como forma de relato (utilizado nas práticas de ensino), mas como forma de reflexão sobre as ações (e reações) das práticas, os sentimentos, as angústias, que fazem do professor-pessoa (se é que é possível fazer a cisão destes dois sujeitos) inquieto, investigativo, pesquisador e participante.

Porlán e Martín (1997) lembram que a mudança na forma de pensar não altera, por si só, a maneira de atuar; porém, dificilmente mudaremos nossa forma de atuar sem refletirmos sobre nossas concepções. Além disso, o diário pode ser uma construção em equipe. Isto pode ser imaginado na forma de uma reunião na escola, ou em uma comunidade virtual, refletindo sobre a ação. Assim, quando ampliamos o horizonte e compartilhamos crítica e rigorosamente em uma equipe, os problemas passam a não ser somente os *meus problemas*: são problemas compartilhados e melhor objetiváveis. Esse intercâmbio de pontos de vista deveria abarcar as visões que os professores têm de sua autonomia profissional, a opinião que têm do sistema educativo, dos alunos, dos outros professores, dos esquemas de conhecimento que possuem, suas crenças, os obstáculos que encontram, suas necessidades e condutas que apresentam frente aos problemas.

Isso proporciona um novo "desenho" da realidade, ampliando a visão da mesma, o que é possibilitado pelo diálogo constante pelos mais diversos canais. Daí a importância da participação e valorização dos múltiplos canais de comunicação do ciberespaço, como as Listas de Discussão, que abordam problemáticas emergentes da realidade que causam inquietação; os Fóruns, que possibilitam, inclusive, abrir o diálogo para além da disciplina; ou ainda a construção conjunta de novos saberes, com os artigos coletivos (propiciados pelas plataformas/ferramentas de escrita coletiva/colaborativa). Afinal, os saberes não são construídos fora de um contexto ou dentro da "caixinha" de uma disciplina, e sim, sempre de forma global, partindo de problemáticas que interligam vários saberes.

A nova sociedade configura-se como uma massa fluida, móvel, que vai tomando as formas dos grupos num universal intotalizável, que vai se moldando e se fazendo numa "sociedade aprendente". O presente contexto, formado por visões singulares, pede uma construção que valorize o individual em um coletivo, o que sinaliza uma nova perspectiva para a educação: o uso das tecnologias de

informação e comunicação como forma de desencadear a aprendizagem cooperativa e construção de conhecimentos rumo a uma inteligência coletiva.

Pensando nisso, estamos propondo o uso de 'diários de bordo' / 'diários de classe' (onde os professores registram seus planejamentos e a reflexão sobre a prática) na web, visando investigar a possibilidade destes atuarem como meio para publicar e partilhar experiências e reflexões. Mais ainda, a combinação/articulação com outros canais de produção e comunicação pode compor o processo de forma mais efetiva. Pensa-se este como um espaço onde os professores atuem trocando informações, colaborando uns com os outros e construindo, cooperativamente, novos saberes e respostas a problemas comuns.

Sabemos, porém, que não basta termos boas ferramentas (e podemos encontrar várias ferramentas, que atendem ou não, em diferentes níveis, certas necessidades), é necessário mudar o jeito de “fazer educação” em vários aspectos. As tecnologias, por exemplo, estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, logo, não faz sentido utilizá-las como meras ferramentas para fazer de um jeito “mais na moda” as mesmas coisas que se fazia antes. Ou utilizá-las como algo à parte, como uma disciplina ou apenas aquele instrumental que nos permite “digitar um texto”. De nada adianta comprar novos “atrativos” para fazer a velha educação, que sabemos que não funciona assim tão bem (BONILLA, 2002b).

Ao professor também não cabe a solução de todos os problemas do mundo, mas é necessário que ele saiba como “ser” no mundo e seja consciente de sua atuação em contexto. É por esta razão que pretendemos analisar alternativas que propiciem/facilitem a reflexão docente, coerentemente com as necessidades e possibilidades que nos são colocadas (e construídas por nós) na sociedade atual. Mas, talvez, o mais difícil seja mudar toda uma cultura já instituída que entende o professor como um ser pronto, que “transmite” saberes superiores e acabados, inquestionáveis. É necessário que parta do professor a vontade/necessidade de mudar o instituído. É a atitude inquietante que vai levá-lo a buscar alternativas para seus problemas, para o que acreditamos que as reflexões nos diários eletrônicos sejam promissoras.

A práxis pedagógica só terá um sentido social no momento em que nos comunicarmos e construirmos conhecimentos cooperativamente, levando em consideração os saberes da comunidade, inserida no global, as diversidades, os conhecimentos, compartilhando nossas angústias e saberes em uma sociedade que

abra espaço para uma reconstrução conjunta, que permita a construção de saberes comuns, aplicáveis à resolução de nossos problemas.

Assim, os diários eletrônicos da prática docente, considerando a complexidade da construção do conhecimento e as potencialidades dos fenômenos no ciberespaço, podem se estabelecer como meio de formação contínua de professores, o que é efetivado pela reflexão partilhada das práticas, das angústias, das esperanças, das inquietações que mostram a necessidade de procurar novos caminhos.

2.3.3 A reflexão entre professores é determinada pelo aparato técnico?

Alguns elementos indicam que a reflexão entre professores em diários eletrônicos é, em parte, condicionada pela técnica. Afinal, os blogs possibilitam muitas outras interações, outras linguagens, trocas e construções. Lembramos também que a técnica não é neutra, ela traduz o momento (constituído historicamente e permanentemente reconstruído pelos homens presentes no contexto, todos eles com seus interesses, vontades e necessidades) e o contexto vigente. Assim, nos parece que a estrutura dos ambientes condiciona parte da reflexão entre professores, mas ela vai, além disso, sendo resignificada por pessoas e fazendo emergir novas possibilidades de formação e relacionamento. Nos parece que é muito mais uma resignificação social do que uma determinação técnica.

A reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo de sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos; supõe um sistemático esforço de análise, que captura e orienta a ação. Implica o enfrentamento dos não saberes, do pensamento em uma ação educativa mais provocadora e instigante, que envolve o exame cuidadoso de toda crença ou espécie hipotética de conhecimento, aspirando à construção de significações:

A reflexão denota para o reconhecimento do papel ativo dos educadores, a valorização de suas próprias teorias pautadas na riqueza da experiência de sua ação pedagógica, e a necessidade de um processo de aprender a ensinar que se prolongue durante toda sua carreira profissional (MARTINS, on-line).

É necessário pensarmos uma formação de professores que dê espaço para olhar as práticas educativas em uma perspectiva crítica, disposta a repensar conceitos e práticas instituídas, que reconheça a importância de se estar levando em consideração o mundo que envolve o aluno, disposta a conversar sobre a prática (leia-se estar comprometido também com a prática dos outros e abrir a sua prática para as críticas dos outros), disposta a reformular a prática. As tecnologias de informação e comunicação podem auxiliar neste processo, sendo necessário repensarmos os usos destas, considerando novas possibilidades, como a interatividade, as comunidades virtuais, a construção coletiva através de informações compartilhadas.

Isto faz com que esta não seja mais uma experiência educativa isolada, sem repercussão social. É uma resignificação da técnica e da cultura de formação de professores, que nos leva a trocar idéias, partilhar, adaptar para contextos específicos, experimentar e reunir esforços em um movimento convergente à ampliação das possibilidades de comunicação, que acentuam e generalizam outras e novas possibilidades de ser e agir, no momento em que processos e estruturas organizam e movimentam, em escala mundial, as perspectivas do indivíduo.

2.3.4 Implicações no contexto educativo

Quando retomamos alguns aspectos históricos, vemos que a sociedade está se reconfigurando, contínua e mundialmente. Um conjunto de fatos históricos desencadeou uma série de processos sociais e políticos que caracterizam nossa sociedade atual. Os meios de transporte e comunicações facilitam e agilizam a produção, venda e distribuição de produtos, o que acelera as transformações econômicas e sociais.

Algumas tecnologias, estrategicamente, são desenvolvidas cada vez mais rapidamente. O rádio e a televisão (comunicação unidirecional, um-todos) se fazem presentes na maioria dos lares e influenciam diretamente algumas decisões das pessoas. O telefone (comunicação um-um) é uma ferramenta que facilita – ou pode facilitar – a vida das pessoas. E o computador, que primeiramente era visto como uma grande máquina de calcular, inútil ao usuário "doméstico", fica cada vez mais

leve e menor (chips), assim como passa a interagir com o usuário (teclado, monitor, etc.) a ponto de este conseguir inserir dados e manipulá-los com facilidade. Os softwares se encarregaram de dar uma aplicabilidade do computador ao usuário que precisava calcular, monitorar e manipular informações com rapidez. A digitalização, simulação e hipertextualidade, associadas a computadores ligados em redes (comunicação multidirecional, todos-todos) fazem desta uma máquina cada vez mais presente na vida das pessoas e necessária.

O desenvolvimento dessas tecnologias parece encurtar distâncias, globalizar, e nos mostrar um universo de culturas singulares que se (re)constroem em uma época de dilúvio informacional, que demonstra a pluralidade, a diversidade e a desigualdade entre os grupos. Esse desenvolvimento traz novas possibilidades, como a TV Digital (que, dependendo do modelo adotado, pode permitir a interatividade e comunicação todos-todos através de um aparelho de TV), novos softwares (que deixam de ser de interesse puramente técnico para, por vezes, serem considerados como movimento social, como acontece com os Projetos Software Livre espalhados pelo país e pelo mundo) e as comunidades virtuais, que vêm revolucionando os relacionamentos interpessoais.

Este contexto aponta novas necessidades, causando certo desconforto para os que acreditam nas ditas 'verdades científicas' cristalizadas (SIQUEIRA, 1999) e, ao mesmo tempo, gera um 'estado de desapossamento' (LEVY, 1999a), que pode ser promissor, alternativa para uma educação que leva em conta a complexidade da sociedade e seus movimentos.

Nunca se falou tanto e tão genericamente de tecnologias, o que traz as mais diversas interpretações e aplicações do termo, que, por vezes, atingem resultados inovadores e, por outras, acabam por fazer as mesmas coisas, mas com recursos novos. Por muito tempo cultivamos a cultura de que o novo é bom e que todos devemos abandonar os sistemas tradicionais para adotar o inovador. Mas será que o novo sempre é bom? Para que adotar o novo? Para fazer o velho de um modo mais "na moda"? E se resolvermos trabalhar com a Inclusão Digital (que soa sem sentido se falarmos sem levar em conta uma Inclusão Social), devemos pensar para quem é dirigido o processo, com que propósitos, incluir onde? (BONILLA, 2002a).

Muitas vezes, nesta busca da troca do velho pelo novo, chegamos à conclusão de que o 'velho' não é tão ruim. Outras vezes, temos a certeza de que os recursos, espaços, meios e métodos de que dispomos não nos servem mais. Mas

como agir até que tenhamos novos espaços, técnicas e métodos? Quem seria o responsável por sugerir estas inovações? Com tantas possibilidades, deveríamos (ou poderíamos) esquecer os espaços não formais de aprendizagem?

Com todas estas novas tecnologias, nos vemos diante de uma diversidade de modos de fazer educação. Podemos fazer educação à distância (o que já era feito antes deste boom tecnológico) e, além disso, em diferentes espaços e tempos, tornando as ações em EAD e presencial cada vez mais intrínseca uma da outra, sendo cada vez mais difícil (e até injustificável) a sua cisão.

Caminhamos para que nos comuniquemos mais (e mais eficientemente), colaboremos uns com os outros, estabeleçamos sistemas de cooperação para a construção coletiva de objetos comuns. Porém, só conseguiremos caminhar rumo a uma inteligência coletiva, se repensarmos a educação e a formação dos professores. Nessa perspectiva, toda a comunidade escolar, em especial os professores, deve estar atenta às novas formas de educar, ressignificar espaços e metodologias que levem em conta as diversidades em um contexto global (não universalizante, não homogêneo).

2.3.5 Blogs e formação de professores: movimentos históricos e socialmente constituídos

O homem reage de diferentes formas ao encontrar uma limitação ou dificuldade. Caso ele não consiga transpor a situação sem resolvê-la, sendo que a resolução demanda esforço, esta se torna uma situação problema. Nos blogs, quando o professor quer fazer alguma ação e não consegue, foi notado que geralmente: não faz o que quer; ou pesquisa alguma forma de executar o que deseja; ou procura outro hospedeiro para seu blog.

O que notei com a comunidade que observei, é que muitos usuários acabam não fazendo o que queriam, provavelmente por não saberem buscar a solução ou por esta situação não ser, no momento, tão importante para demandar tal esforço.

E isto não é por acaso: por muito tempo cultivou-se a idéia de que os professores, por ensinarem saberes científicos, seriam portadores de uma verdade pronta, acabada, perene, imutável. Sendo assim, o professor, ao concluir sua formação inicial, também estaria “acabado”, “pronto”, como uma obra de arte que

não se mexe mais, que só tende a degradar com o tempo.

Porém, o contexto atual tem, cada vez mais, demonstrado que a única certeza que podemos ter é de que as coisas mudam. Os saberes científicos já não são mais tidos como verdades absolutas e muito menos perenes. A isto se associa o desenvolvimento tecnológico, frenético e cada vez mais próximo/presente na vida das pessoas “comuns”. Os contextos social, político e econômico, também passam a demonstrar alterações que repercutem em todas as esferas da sociedade. Uma dessas repercussões acontece na escola, onde os professores se vêem diante de várias situações para as quais sua formação inicial não lhes “ensinou” como enfrentar. Desta forma, o ensino passa a ser também uma ação sujeita a mudanças, cheia de incertezas, onde se faz necessário o repensar e a reflexão constante.

Frente a tantas situações inusitadas, cada qual busca alternativas para solucionar seus problemas, sendo que, para isto alguns olham com um olhar crítico para seu contexto e refletem sobre ele em busca de ações mais coerentes. Assim, vários autores caracterizam o professor como um “ser reflexivo”, dentre os principais temos Schön (1983), Nóvoa (1992), Zeichner (1993) e Perrenoud (2002). Como nos indica Lévy (1999a), a postura do professor, neste novo contexto, muda. Como as “verdades” passam a serem vistas como provisórias, cabe ao professor dialogar com os diferentes contextos, buscando nos alunos, não exímios ouvintes, e sim, co-autores de múltiplos caminhos cognitivos.

Sendo assim, o professor “olha” para o contexto, reflete sobre e com ele, dialoga, toma atitudes transformadoras. Marques (2001), nos indica que um caminho para isso seria a escrita, ela facilitaria na objetivação dos problemas. Porlán e Martín (1997) sugerem os “diários de aula” como instrumento a este “professor reflexivo”.

É necessário que parta do professor a vontade/necessidade de mudar o instituído. É a atitude inquietante que o levará a buscar alternativas para seus problemas. Este mesmo sentimento de inquietação pode levar o professor a dialogar sobre suas práticas com outros professores, procurando espaços de reflexão coletiva, como os blogs. Segundo Cunha (1998), o trabalho coletivo reforça a possibilidade de êxito das iniciativas individuais, ou seja, as tessituras coletivas vão gerar um coletivo inteligente que repercute no contexto particular e singular de cada indivíduo. O mesmo autor afirma que a possibilidade de partilha, troca de

experiências, reflexão conjunta, realimentam a disposição do professor que se propõem a fazer ruptura com a prática dominante (CUNHA, 1998, p. 109).

Estas trocas de informações e tessituras de reflexões coletivas podem romper com o instituído opressor e gerar outras significações para as situações cotidianas em busca de mudanças.

Tendo visto o atual contexto, pensamos nos blogs como uma possibilidade de “diário de aula”, unidos a todas as possibilidades das múltiplas linguagens da internet. Existem diferentes tipos de blogs ligados à educação: diários de classe, produção de textos, narrativas, poemas, análise de obras literárias, opinião sobre atualidades, relatórios de visitas e excursões de estudos, publicação de fatos, desenhos e vídeos produzidos por alunos e discussões sobre políticas públicas. Porém, apesar de um número crescente de professores adotarem esta “ferramenta” como fundante de uma outra prática pedagógica²⁵, estes ainda representam uma parcela muito pequena dos professores em geral. Menor ainda é o número de professores que mantêm blogs para refletir sobre suas práticas, quer individual ou coletivamente.

O motivo para que poucos professores produzam blogs são os mais variados. É provável que nem exista alguma resposta clara para esta problemática. Muitos nem sabem da existência de “blogs”, outros não os enxergam como um possível aliado (quem sabe até um elemento de formação contínua). Alguns poucos professores possuem um certo “ranço” com as tecnologias, outros tantos apresentam receio do desconhecido (CRUZ, 2005), o que se soma a políticas educacionais autoritárias, fazendo com que os professores tenham pouca intimidade com as possibilidades de várias tecnologias, inclusive a internet.

Já a reflexão coletiva enfrenta ainda mais animosidades. Primeiro, temos o fato de que fomos “domesticados” a pensar sozinhos, ler e escrever sozinhos, não em grupo ou em comunidade. Fomos domesticados a competir e não a colaborar. Decorrente de vários problemas na educação brasileira, muitos jovens ingressam no ensino superior com dificuldades na escrita (e, caso não se faça nada,

²⁵ Nelson Pretto traz a idéia das tecnologias pensadas como estruturantes de uma outra prática pedagógica. Nesta perspectiva, as tecnologias não seriam apenas uma ferramenta para ilustrar ou tornar a prática pedagógica tradicional mais atraente. Seriam estruturantes de uma prática que considera o aluno o sujeito do conhecimento, possibilitando espaços para decisão autônoma, incentivando sua criatividade e autoria, propiciando múltiplos caminhos de investigação. Esta concepção se faz presente, entre outros, no livro *Uma escola sem/com futuro* (1996).

provavelmente vão egressar assim), não conseguem escrever nem sozinhos, nem em conjunto (HALMANN, et al, 2005²⁶). Segundo, se considerarmos a reflexão coletiva em meios eletrônicos, vemos que ela é “barrada”, algumas vezes, em nome da técnica: “o blog não me deixa fazer isto”. O que vemos é que muitos de nós não estamos acostumados a dividir a autoria, ou publicizar pensamentos (que podem parecer “errados” ou “bobagem” para alguns). Outro fator é que não nos movemos para buscar alternativas técnicas para resolver o problema (aqui nos questionamos se isto realmente é um problema). Para melhor entendimento, veremos adiante alguns exemplos a este respeito.

Levando em conta todas estas considerações, questionei aos participantes desta pesquisa sobre os motivos que os levaram a construir um blog, visando notar se estas possibilidades estavam dentre suas pretensões. Encontrei as mais diversas respostas:

Como um blog pode ser acessado no mundo todo, muitos foram criados para *dar visibilidade* a alguns temas, publicizar algumas idéias:

E1: Alexandre Mota (Meca) Blog UE

Divulgar temas do interesse de meus **colegas**

E2: Frederico Lucas, Casa do professor

“O objectivo inicial era apenas de agradecer a professores e seus familiares, alguns reformados e outros falecidos, sobre o importante empenho para a nossa sociedade e para a formação da minha personalidade.”¹⁸⁷⁻⁸⁹

E6: Hugo (clio), O fio de ariana

“a ideia surgiu ao ler o Professorices e um desafio que lá foi feito para um estudante fazer um, dando outra visão do problema em discussão, isto é, a Universidade”¹¹³³⁻¹³⁵
então resolveu criar o blog pq:

“porque me interesse pelo tema Universidade. Acho que há muito a mudar na Universidade portuguesa. E como na altura também era bolsheiro de investigação, achei que tinha algo de diferente a oferecer para a discussão. além do mais, como era de uma área diferente do Professorices, achei que era necessário falar-se das faculdades de letras em Portugal. Cada caso é um caso, não se pode olhar par atodas as faculdades da mesma maneira...”¹²⁴¹⁻²⁴⁶

Montar projetos e sensibilizar para algumas idéias também é um dos objetivos que se mostrou presente dentre as pretensões de alguns pesquisados:

²⁶Este é um artigo coletivo produzido na disciplina Introdução à Informática na Educação, onde professores e alunos refletem sobre as dificuldades e possibilidades de uma construção coletiva, embasados em uma experimentação de escrita coletiva, vivida no âmbito da disciplina.

E13: Gládis, Videolog

o primeiro foi o da escola, o CAIC MARIANO que apresentei no início do ano letivo, com um Carta aos professores e uma oficina prática em que apresentei a eles o que era um blog e propus que pensassem sobre as possibilidades de uso nas aulas, A grande maioria não sabia o que era um blog, mas ao ler a respeito e após nossas reflexões, imediatamente pensaram na utilização pedagógica, testaram o sistema de comentários e gostaram muito. Vc pode ver o em: http://caicmariano.blogdrive.com/archive/cm-1_cy-2006_m-1_d-17_y-2006_o-10.html E13A

Escrever despreziosamente, por puro prazer pela educação é outro motivo bastante destacado:

E5: Isabel Campeão, Memórias soltas de professor

“ o que me levou ao meu memórias foi:

* desejar há muito escrever sobre experiência e convicções adquiridas nela sobre o ensino da matemática nestas idades

*o modelo blog presta-se a escrever sem pretensões, e a intercalar pensamentos de momento, por imagens, poemas, etc mas os incidentes desde junho com a actual ministra da educação desviaram o assunto e

* foi o Miguel Pinto que me descobriu e daí ter-me integrado numa pequena comunidade de profs bloguistas”1154-158

E8: Admar Ferreira Santos, Abnoxio2

Criei o blogue, fundamentalmente, para me forçar ao exercício da escrita.L61-62

O blog é um lugar público, que permite que seus autores expressem-se livremente:

E1: Alexandre Mota (Meca) Blog UE

“Vontade de debater e expressar as minhas opiniões.”

Como é um lugar público onde todos tem voz, este pode propiciar o diálogo, partilhar com outras pessoas o que se sabe:

E4: Miguel Sousa, Educar para a Saúde

partilhar o que aprendo...de que serve voce saber muito se não partilhar sua sabedoria?!124-126

Às vezes um diálogo um pouco mais específico:

E12: Mônica André, Blog da tese

O primeiro blog que criei (<http://blogtese.blogspot.com>) surgiu como uma extensão do diálogo entre mim e a minha orientadora - estava no início da minha tese de mestrado (agora concluída)

A ideia, já que não podia estar com ela sempre que queria, era ter um espaço onde fosse registando as minhas dúvidas / progressos / descobertas... e ela poder acompanhar

No caso do blog que serviu de apoio a 2 Mestrados, apesar do enfoque da cadeira que lá fui dar ser a gestão da informação, tratava-se de profissionais do sector da Saúde. Tento sempre colocar alguma informação que dê o toque dos interesses das pessoas com quem estou a falar L73-94

Alguns criaram o blog com o intuito de abrir espaço para a reflexão individual e com outros sujeitos:

E3: André Pacheco, EducaPortugal, Educação em debate

“Penso que, infelizmente, a reflexão conjunta de professores em torno de temas educativos não é frequente. Deste modo, decidi criar um espaço onde tal fosse possível, onde qualquer interessado pudesse falar e reflectir sobre temas educativos e abrir os seus horizontes sobre os mesmos.” L73-76

 “O primeiro post data de 26 - 06 - 2003.

Nessa época, como agora, há muitos textos na opinião pública de pessoas que acreditam que toda a gente sabe de Educação, tal como todos falam sobre futebol. Deste modo, dessa opinião pública, ouvem-se as barbaridades mais impressionantes que se possam imaginar. A criação do blog foi também com o propósito de profissionais e estudiosos da Educação puderem mandar para o público textos que sejam... mais do que simples senso comum.

Nessa altura, lembro-me, por exemplo, das discussões públicas que haviam sobre a existência ou não de exames, e sobre a Escola da Ponte.

Os blogs é a forma mais simples e engenhosa de qualquer pessoa criar o que bem lhe apetecesse, com milhões de participantes e/ou "ouvintes".” L90-106

“Com sorte... poderia ser que o blog "pegasse"...

O mais importante era que essa reflexão conjunta contribuísse para centenas de reflexões individuais.”1116-119

Quase sempre os objetivos começam a se fundir:

E9: Miguel Pinto, Outro olhar

foram várias as razões: em primeiro lugar alargar o espaço de discussão e de reflexão... depois [ou antes, não sei] desabafar, expressar emoções, será a catarse de um ofício intenso... l101-10

O blog então vai articulando espaços, funcionalidades e esferas, no ciberespaço ou não:

E15: Cláudio Coutinho, Teleceucuruca

adriane: Hoje, de que o blog lhe serve?

claudio coutinho : como fonte agregadora de ferramentas que possibilitam a discussão sobre informática educativa, para divulgação de idéias e projetos pertinentes e propriamente a ferramenta para aplicação de projetos voltados para tal finalidade.

adriane: fonte agregadora de ferramentas?

claudio coutinho: isso. no blog eu tenho a mais nova ferramenta para hospedagem de videos, fotos e áudio (STICKAM).

claudio coutinho: Tenho discos virtuais agragados que disponibilizam ebooks para leitura.

claudio coutinho: esta semana terá um link que conterà atividades para exploração do raciocínio lógico, coordenação motora fina e assim vai

adriane: tudo isto em uma ferramenta fácil de ser atualizada...

claudio coutinho: com certeza

L 483-501

E7: Marli, Vidas Secas

Marli: “sempre me preocupei, como professora de língua portuguesa, em dar significado às produções dos textos dos alunos. Acho importante contextualizar a aprendizagem e não o aluno apenas entregar um trabalho que é lido pelo professor e jogado fora depois então, quando vi o blog, percebi que seria uma ótima maneira de valorizar as idéias dos alunos publicando-as, compartilhando-as com outras pessoas, reconstrindo os conceitos, enfim, sair da escola e ganhar o mundo”l

94-100

Processo de criação do blog: começou no começo de 2005, pelo Vidas secas, onde ela criou um blog e postava os textos dos alunos (eles mandavam p ela e ela postava ou os alunos escreviam nos comentários respondendo a desafios que ela lançava)1128-136 Teve a idéia de fazer os blogs depois de participar do I Seminário Nacional de Tecnologias na educação (promovido pela secretaria de educação de Caxias do Sul, cidade próxima a Nova Bassano. No II seminário ela apresentou os resultados* . Quem deu a oficina foi Sintiam, que depois foi convidada a participar da lista.... O blog estava relacionado à chats (Educarede), lista de discussão (que foi criada em função do chat, mas q depois tomou outro escopo...), msn (onde alguns blogueiros se encontravam todos os dias e trocavam palavras sempre que necessário. Aí este grupo se mescla com outros grupos e interesses de cada um...), orkut, conversas fora da internet...

...

O blog: "posso dizer que foi um divisor de águas na minha carreira profissional"1161-162 (isso com apenas meio ano q estava postando...)

O tempo é relativo e sempre vinculado ao espaço

Marli: é que com os blogs, comeceia interagir com outras ferramentas que vem associadas

Marli: e entrei numa comunidade virtual em que tenho colaboradores e colegas em todas as partes do país e exterior até

Adriane: a do orkut?

Marli: isso é fenomenal porque combinamos estratégias, projetos

Marli: no orkut, nas listas de discussão principalmente

Marli: pelo MSN os contatos tem sido muito proveitosos, porque facilita a comunicação instantânea

Marli: agiliza, entende?

Adriane: sei

Adriane: vc tem mantido contato por msn com outros professores que tem blog, certo?

Marli: então, através desse s contatos que vc vai garimpando ao blogar, de um blog pra outro, acabam acontecendo outras trocas.

Marli: como outro tipo de trabalho, como a webquest, como o bate-papo pedagógico

Marli: sim

Marli: é que conforme as pessoas visitam o blog, a gente vai linkando e montando uma rede

1167-186

• 3 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE PROFESSORES EM BLOGS

Logo no início da pesquisa notei uma particularidade muito interessante: a identidade, nestes casos, é construída de uma maneira muito singular. É um processo que vai além do "dizer o nome": a identidade vai se construindo no perfil²⁷, nas pretensões explícitas do blog e nas inúmeras informações que vão sendo disponibilizadas post após post, como se o professor fosse tomando intimidade com a ferramenta e com os "olhares" e intervenções de outras pessoas em seu blog.

Esse processo é uma constante construção, desconstrução, reconstrução, que acontece independentemente dos anos de trabalho docente (ou de uma suposta solidez adquirida ao longo dos anos). Também é um processo coletivo, pois sua identidade vai se formando também nos comentários aos blogs alheios, onde passa por uma avaliação: se o comentário for pertinente, vai ganhar um novo "olhador" e "comentador" de seu trabalho. Muitas vezes não só de seu trabalho: para muitos, o sujeito docente não está apartado do resto do mundo, assim, a atividade docente aparece intercalada por "flashes" da vida cotidiana. O sentimento de pertença também se faz presente, é o "seu" blog, mas quem mesmo é esse "eu"? Nem sempre essa construção é exatamente intencional, às vezes, inclusive, forma-se uma identidade que não agrada ao blogueiro, o que já fez vários abandonarem um blog e criarem um novo com uma cara nova, para poderem se mostrar de uma maneira diferente da construída anteriormente. Tentam assim desconstruir uma imagem e afirmar uma nova identidade frente ao "público".

A forma como se mostram, contudo, às vezes é moldada por características do território: por ser um espaço público, onde os alunos e superiores ("chefes") podem olhar e participar, nem tudo se faz presente²⁸. Ou o que é mostrado é o que, para o autor/blogueiro, pode ser mostrado ou é conveniente mostrar naquele instante. O mostrar também depende de uma familiaridade com a ferramenta para saber qual a melhor maneira de mostrar o que se quer mostrar, uma otimização do

²⁷ Perfil da pessoa (conceito de perfil da pessoa www.paltalkbrasil.eng.br/Manual/termos_Paltalk.htm em 23 ago 2006). Nos blogs é o espaço onde o blogueiro pode (ou não) disponibilizar informações como seu nome, e-mail, msn, telefone, foto, endereço, profissão, interesses, os outros blogs que participa, uma auto-descrição.

²⁸ Acredito que nenhuma mídia ou linguagem é capaz de expressar "tudo". Acredito que toda forma de registro é uma forma de *representar*, então, de acordo com uma visão muito particular de mundo. A web e suas ferramentas/movimentos, a meu ponto de vista, tornaram mais visíveis dilemas já existentes...

espaço. O espaço? Cada blogueiro tem sua nação, seu entorno, seu contexto, seu cotidiano, luta por interesses locais e dá visibilidade/valorização para eles, mas é atuante em uma terra com outras fronteiras: é a blogosfera!

Para abordar estes aspectos, falaremos da formação da identidade dos sujeitos da pesquisa enquanto professores e olharemos para o modo como este processo se desenvolve no blog, com uma organização espaço-temporal específica. Digo “falaremos” (no plural), intencionalmente, pois esta construção só foi possível graças às inúmeras “falas” dos sujeitos que foram se construindo juntamente com este trabalho, o que sempre aparece linkado a outros capítulos da dissertação e da história vivida por estes sujeitos no ciberespaço. Sendo assim, este não pretende ser um espaço fechado, redondo, linear, e sim, complexo, inacabado, com múltiplos caminhos de navegação/construção, tal qual os processos identitários.

3.1 A formação da identidade do professor na escola e no blog

A escola, pra além de tratar apenas de conceitos e informações, atua também com corpos, que, historicamente, são disciplinados, moldados, oprimidos. Isto ocorre por vezes de forma mais velada ou mais explícita, mas quase sempre, com efeitos duradouros e permanentes, às vezes até mais duradouros do que os conceitos abordados. “Aqueles efeitos cognitivos, que consideramos tão centrais e característicos do currículo podem, há muito, ter se apagado. Suas marcas corporais, com certeza, nos acompanharão até a morte” (SILVA, 1995, p. 203).

Neste processo, discente e docente têm seus corpos e identidades como objeto de governo no currículo: como se dirigir às autoridades, ao outro sexo, outras raças, posições, gestos coibidos ou incentivados. O professor torna-se um ser assexuado, descorporificado, abstrato, resultado da domesticação, sujeição, que separa mente e corpo, negando e ocultando o corpo do docente:

A contenção dos corpos docentes é parte central da experiência educacional e, portanto, do currículo. Constitui um elemento central das relações de poder inscritas na prática cotidiana da sala de aula e do currículo, instituindo, legitimando e reforçando hierarquias sociais e reproduzindo relações de saber e autoridade baseadas em noções desencarnadas e descorporificadas de conhecimento (SILVA, 1995, p. 204).

O corpo, ignorado, escamoteado, escondido, assim melhor controlado, melhor disciplinado, mais sujeito a ser moldado como identidade hegemônica, como corpo subalternizado (SILVA, 1995, 205), aparece, de diferentes maneiras, nos blogs. Os sujeitos se fazem conhecer através de uma série de informações que disponibilizam (ou não) em diferentes espaços e tempos do blog e do ciberespaço. Os professores “ganham” rostos e corpos expressados por fotos/rostos; “ganham” história de vida e características pessoais (profile); manifestações de interesses e fatos cotidianos (no decorrer dos posts); afinidades (ligações nas mais diversas comunidades) que extrapolam o blog; vozes (podcast), entre. É um processo identitário complexo e contínuo (por vezes descontínuo), heterogêneo, formado pela visão sempre parcial e temporal de uma determinada realidade alheia. Podemos ver isso no blog “A memória Flutuante”, de Cândido Freitas (Fig. 04).

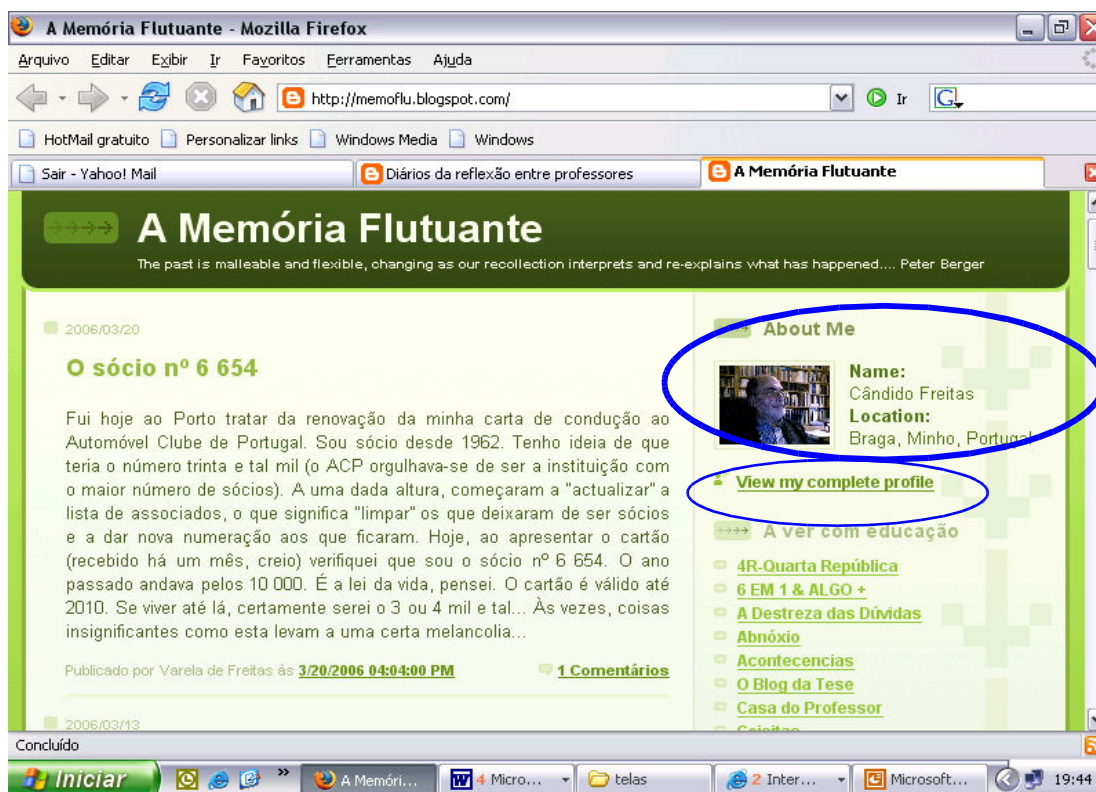


Figura 04: Pistas identitárias I. Imagem capturada em 25 mar 2006.

Neste blog podemos identificar algumas seções bem distintas. Acima está o título, que já diz da pretensão de escrita das memórias e as reflexões com o presente do autor. Logo abaixo, à esquerda, enfileiram-se, em ordem cronológica inversa, os posts, datados, que tratam sobre educação, sobre políticas governamentais, fatos cotidianos.

Todos estes posts contribuem para nos dizer quem é “Cândido Freitas” (Fig. 5a). Cada post possui a seção de comentários, aonde vai se tecendo uma rede de reflexões. Na coluna da direita temos uma seção “About me”, onde ele coloca seu nome, sua foto, sua localização geográfica e sua foto: o professor deixa de ser um corpo escamoteado (SILVA, 1995, p. 205) para ter rosto, voz, opinião sobre as coisas da escola e do mundo. Nesta seção também vemos um link para o “profile” do autor.

Essa rede de relações, junto a muitas outras redes que vão se tecendo, formam a blogosfera, que integra a web e a sociedade: redes complexas. Outros fios desta meada são tecidos no capítulo Blogosfera.



Figura 5a - Perfil Cândido Freitas (imagem capturada em 25 mar 2006).

Ali encontramos mais uma série de informações que nos dizem quem é este blogueiro: sua foto novamente, sua idade, sexo, signo, localização geográfica. À esquerda vemos seu contato. O e-mail amplia este espaço para uma infinidade de possibilidades de trocas com outros sujeitos deste processo de reflexão e construção sobre a prática pedagógica e todos os outros assuntos tratados no blog. Abaixo, dados da data de fundação do blog e o número de acessos. Esse é um dos primeiros professores que se propõem a falar sobre sua prática pedagógica em um

blog, continuando até a presente data, com muita procura de outros professores. À direita, novamente, encontramos os outros blogs mantidos por este autor (sozinho ou em colaboração com outras pessoas). Assim, vemos se alargando a rede de diálogo e construção sobre o tema, onde o blogueiro pode assumir outras identidades ou dirigir a imagem impressa a um objetivo determinado.

Voltando à página inicial deste mesmo blog (Fig. 4), abaixo da seção “About me”, encontramos uma lista de outros blogs, neste blog agrupados por categorias (Fig. 5b). Este recurso favorece o fluxo na rede, como sendo “nós” que ligam um ponto a outro. A firmeza deste nó, porém, vai se dar pela interação de um blogueiro com o outro. Sendo assim, mesmo com todos estes recursos que nos dão “dicas” de quem é este blogueiro, sua identidade perante o outro e o sentimento de pertença à rede vai se dar de acordo com a receptividade de suas intervenções nos outros espaços. Digo *intervenções* por que um blogueiro só tem noção de quem frequenta seu blog, pelos comentários aos posts. Existe, em alguns casos, um contador de acesso, mas a maioria dos blogueiros não faz idéia de quem são as muitas pessoas que “olham” passivamente, todos os dias (ou nem todos) seu blog.



Figura 5b - Perfil Candido Freitas: Link para outros blogs (25/03/2006).

Alguns até tentam conduzir o processo da construção da identidade perante o outro, como no blog Inquietações Pedagógicas (Fig. 06). Lá, podemos ver que explicitam “Quem Somos” (canto esquerdo superior). Porém, vale lembrar que este “se fazer” vai se complementando constantemente com todo o do processo do blog.

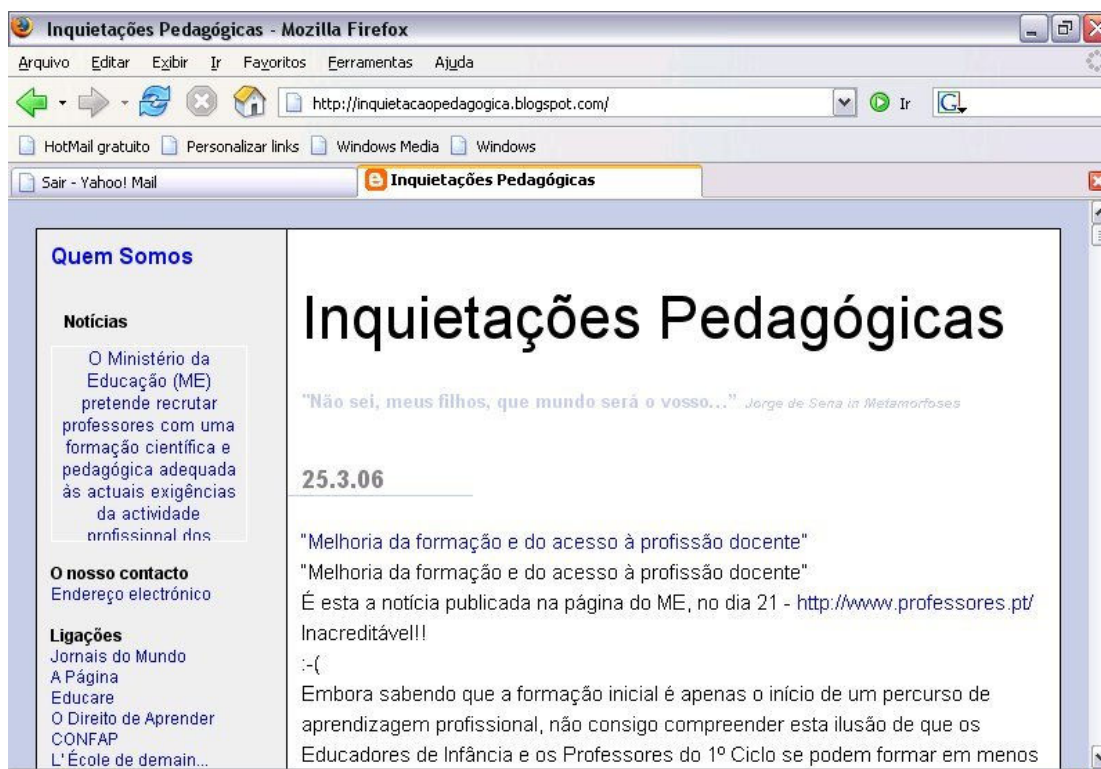


Figura 06 - Pistas identitárias II.

Vejamos o que diz o texto apontado pelo link “Quem somos”:

QUEM SOMOS

Alguns problemas do sistema educativo estão claramente identificados e já foram mesmo ensaiadas soluções com carácter experimental. Mas estas medidas pontuais, muitas vezes encontradas com esforço de pessoas e meios, não têm tido a continuidade que lhes permita sobreviverem, enraizarem-se, disseminarem-se, e integrarem-se no regular funcionamento do sistema educativo.

Outros problemas são antigos, persistentes e inaceitáveis como o abandono e o insucesso escolares. Outros ainda, sendo também crónicos, revelam-se hoje, num mundo cada vez mais competitivo, dramaticamente, como a baixa qualificação escolar e profissional da população portuguesa, não existindo grandes perspectivas de melhoria dado o lento crescimento do número de alunos que concluem estudos secundários e superiores e a atenção intermitente dada à educação de adultos.

Face à complexidade dos problemas existentes requer-se estudo, investigação, persistência na operacionalização das soluções já identificadas e estratégias de inovação para a criação de novas práticas, novas atitudes, novos mandatos.

Para uns problemas como para outros, as soluções não se podem procurar num passado em que a escola pós-primária era só para alguns. Há que descobrir e construir soluções, com base quer na nossa própria experiência, quer no que se vai passando no mundo.

O grupo informal que sente estas “inquietações pedagógicas” pretende contribuir para essas soluções, criando plataformas de discussão que permitam elevar o nível, o realismo e a qualidade do debate sobre a educação em Portugal e guiando-se sempre pelo “interesse superior” do aluno.

O grupo é constituído por professores, técnicos e militantes educativos, interessados numa intervenção cívica no domínio da educação que considera decisiva para o futuro político, social, cultural e económico de Portugal.

Notamos aí três pontos que nos chamam atenção: é um *grupo de diferentes* pessoas, que *pretende refletir sobre educação*, isto *em Portugal*. Mas como é formada a identidade de um grupo? Se considerarmos que a identidade das pessoas é construída em um processo constante de reformulação, devemos lembrar também que os grupos se dão na interação entre pessoas e na forma como consideram o outro, o diferente, o estrangeiro. Estas interações também se constroem de maneira fluida, sujeita a alterações, rompimento de laços, novas afeições e alteração de objetivos.

Neste ponto trazemos o depoimento de um dos mantenedores do BlogUÉ, um blog criado por alunos da Universidade de Évora (Portugal) para discutir problemas educacionais relacionados a esta instituição. Alexandre Mota, mais conhecido como “Meca” nos relatou, em conversa por MSN que tentou fazer com que este fosse um projeto coletivo, porém: “[...] depressa descobri que um blog é um projecto que se torna demasiado pessoal. As outras pessoas sentem que a sua colaboração como se tivessem a construir no terreno do vizinho”.

O blogueiro queria mostrar sua cidade, marca esta presente na construção de sua identidade perante aos outros (Fig. 7 - imagem enviada pelo entrevistado).



Figura 07 - Identidade nacional

A identidade, como já nos referimos, vai se construindo por pequenos “rastros” deixados ao longo da trajetória do blog. Sendo assim, necessariamente, uma construção coletiva. É como uma construção que vai se fazendo tijolo por tijolo, sendo colocados, retirados, colocados em posições diferentes, por várias pessoas

que “passam” e ajudam o construtor a se fazer. No caso do blog coletivo, vai se construindo uma identidade coletiva (mesmo que no BlogUÉ a atuação mais freqüente seja de Meca, a um olhar desatento, este é um blog dos “alunos” de tal universidade), ou seja uma construção com a imagem que emerge da junção destes autores, suas trajetórias, histórias de vida e objetivos. Daí, então, que um sujeito estranho a esta “imagem” (individual ou coletiva) sente-se como a “construir no terreno do vizinho”. Isto nos leva a pensar que um objeto coletivo seja ele um blog ou qualquer outro objeto, depende da vontade dos indivíduos ali envolvidos de se tornarem um coletivo e colaborarem para um objetivo comum. A identidade é construída na relação com o outro – alteridade, que vai misturando histórias de vida, projetos pedagógicos, trajetórias individuais e coletivas. Se considerarmos os blogs como uma diferente impressão de indivíduo, veremos também uma nova forma de expressão da coletividade.

O blog não é, de forma alguma, terra de qualquer um, onde todos podem falar qualquer coisa e se dizerem como bem entenderem: são vários fatores de acesso, onde as pessoas são ligadas a determinadas realidades (posições sociais, ideologias, interesses, tempo) que lhe impedem de expressar o que e como às vezes gostariam, além de que é muito difícil criar e manter uma identidade alheia ao que se vive, pois o blog sempre dá pistas, emaranhadas em uma complexa teia, que remetem ao autor do blog e suas vivências.

Relacionado a isso podemos ver o que Isabel Campeão (Memórias Soltas de Professor), professora de Matemática, nos falou por msn:

Isabel Campeão : não escrevo sobre todos os temas que me agradam :))) l270-271
Adriane: por que você não escrever sobre todos os temas que lhe agrada? l276-277
Isabel Campeão : pk então passava o tempo a escrever...:))) e
Isabel Campeão : porque assumi o blog como de professora apenas
Adriane: manter a identidade de professora restringe os temas a falar?
Isabel Campeão : não, mas eu queria ocupar-me apenas de ensino, foi esse o objectivo, podia ter outro blog mais genérico se quisesse
Adriane: ter dois blogs então?
Isabel Campeão : por exemplo, mas já me basta o trabalho de um :)
Isabel Campeão : por exemplo:
Isabel Campeão : evito opiniões que se possam chamar manipuladoras de alunos, nas aulas eles podem falar do que quiserem quando é oportuno, mas não os influencio” l282-298

Vemos, então, que se o que os blogueiros postam auxilia a formar sua identidade perante aos outros, o tempo/condições para acesso e a vontade de escrever também podem ser modeladoras da identidade que vai se construindo. Chamo a atenção para a fala: “*evito opiniões que se possam chamar manipuladoras*

de alunos” onde fica claro que a possibilidade da presença do “*outro*”, mesmo que este não se faça visível, interfere nas idéias apresentadas, no fio da reflexão levada a público.

O dizer-se “professora” também é dado pelo espaço e tempo:

Para Bourdieu a nomeação tem a pretensão de garantir a constância nos diferentes campos sociais. É por isso que nos apresentamos como jornalista, professor ou outro epíteto qualquer. Mas as descrições só são válidas por limite de espaço. Em casa, diante de seu filho, o jornalista talvez seja apenas pai. Assim como o professor pode ser apenas o piadista da roda de amigos no bar da esquina. É assim que, na interpretação de Bourdieu, o escritor Marcel Proust apresenta seus personagens, sempre revelados como sujeitos fraccionados e múltiplos. As descrições só são válidas no limite de um espaço ou de um estágio (PENA, 2004, p. 100).

Um ponto que chama a atenção é que, olhando esses professores em seus blogs, vemos que, curiosamente, nenhum se apresenta de forma autoritária. Enquanto que nas salas de aula vemos, muitas vezes, uma relação professor-alunos um tanto quanto problemática, onde o autoritarismo acaba sendo um amparo ao professor, o mesmo não é visto com tanta ênfase nos blogs.

No decorrer da vida profissional, o professor verifica que o relacionamento entre ele e o aluno mostra-se um fator primordial no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, com destaque para a questão da disciplina em sala de aula. Por outro lado, professor e aluno parecem divorciados: o professor sente dificuldade em estar se relacionando com os alunos de forma aberta e conveniente; alguns são autoritários e tradicionais, desejam que os alunos sejam disciplinados, seguindo um currículo pré-estabelecido. (CABRAL, on-line)

É impossível saber, pelos instrumentos de investigação utilizados, se estes professores demonstram-se autoritários em sala de aula²⁹. Porém, nos blogs, estes professores só conseguiram montar esta rede de reflexões graças a uma postura dinâmica, disposta a repensar a prática, a aceitar críticas e sugestões, princípios estes que balizam tanto a reflexão como a colaboração. É graças à postura não autoritária que a reflexão entre professores ganha solo fértil nos blogs.

Outro relato que nos chama a atenção para a identidade do professor, vem da conversa com Admar Ferreira Santos, do blog Abnoxio2, quando ele nos relata que

“Sou professor, mas há quase 10 anos que não “dou” aulas. Primeiro, dirigi um centro de formação contínua (continuada) de professores e, nos últimos 5 anos, tenho presidido ao órgão de gestão da Escola da Ponte, de que já deve ter ouvido falar aí no Brasil.”L51-55

²⁹ Mesmo que, por vezes, nas entrevistas notava-se uma tendência a impôr suas idéias, intolerância, sentimento de superioridade... mas sempre eram manifestações bastante subjetivas, formando um quadro nebuloso demais para fazer disto uma afirmação fundamentada.

Ele nos relata que ser quem é “fora do blog” também influencia no que posta, logo, a blogosfera não é um mundo à parte, apartado da identidade construída por esta pessoa cotidianamente, são mundos que se conversam. Ser presidente do órgão de gestão da Escola da Ponte (referência em educação em Portugal), confere uma certa credibilidade ao blog, faz com que seja bastante procurado e citado em outros blogs. Ocupar este cargo faz também que as pessoas “olhem” seu blog esperando que ele escreva sobre educação, ao mesmo tempo que o torna “comedido” em seus posts, pois entende que é necessário uma postura política e consciente.

As relações entre as pessoas se formam de acordo com as redes de conversações entre elas estabelecidas (ver cap 2.2)

A identidade vai se construindo como um infundável quebra-cabeças, sempre agregando peças novas, retirando outras, dando novas cores às peças existentes, mudando-as de lugar, linkando a outras peças de dentro ou de fora do quebra-cabeças. Numa sucessão de estados e mudanças desfragmentadas que vão se ligam, desligam, re-ligam... e, assim caracterizam os processos identitários no ciberespaço. Pena (2004, p. 94) acredita que as identidades se conformam como fractais³⁰. Ele aponta como sendo ilusão a história de vida que se apresenta como um relato de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção. Assim, na medida que isto acontece, o biógrafo (o narrador destas histórias) seria cúmplice desta ilusão: “Ao organizar a vida como uma estória linear, o biógrafo fornece uma razão de ser ao seu objeto e tranqüiliza o seu leitor, que se identifica no passeio pela “estrada” percorrida” (PENA, 2004, p. 95). Isto acontece, muitas vezes, atribuindo sentido aos fatos de vida e os alocando em uma ordem cronológica.

Porém, nos blogs, a história de vida e, conseqüentemente, a identidade, vai se formando assim como a história vai acontecendo. Muitas vezes são relatos recentes, *a posteriori* sim, mas com uma quantia limitada de fatos a atribuir sentido e a alocar temporalmente. Vários relatos seqüenciados em ordem cronológica inversa fazem desta uma trama complexa, ou o que Pena chama de identidades em fractais.

30 “Fractais (do latim fractus, fração, quebrado) são figuras da geometria não-Euclidiana. Um fractal (anteriormente conhecido como curva monstro) é um objeto geométrico que pode ser dividido em partes, cada uma das quais semelhante ao objeto original. Diz-se que os fractais têm *infinitos detalhes(complexidade)*, são geralmente *auto-similares* e *independem de escala*. Em muitos casos um fractal pode ser gerado por um padrão repetido, tipicamente um processo recorrente ou iterativo.” (pt.wikipedia.org/wiki/Fractal)

“Termo que descreve uma categoria de formas que se caracterizam pela irregularidade mas que, de alguma forma, evocam um padrão. Os fractais se distinguem das outras texturas, porque os seus menores fragmentos são iguais ao todo da figura, sendo semelhantes a si próprios. São utilizados para gerar imagens imitando a natureza.” (www.flaviowenzel.hpg.ig.com.br/informatiques/f.html)

Ele fala que a instabilidade quântica, a teoria do caos, a imprevisibilidade, seriam características da complexidade que influiriam na construção das identidades. Para explicar isso, faz uso do “efeito borboleta”:

O efeito borboleta pode não ser tão compreensível para o público leigo, mas há fenômenos mais corriqueiros como o trânsito das metrópoles, por exemplo. Basta um carro parar em uma via movimentada para produzir uma imediata diminuição da velocidade dos veículos dessa via. E nas variações do fluxo de trânsito em ruas perpendiculares ou paralelas poderemos observar o caos momentâneo. Em cidades sem planejamento urbano, o caos pode ser até permanente. No dia 21 de janeiro de 2002, os brasileiros puderam observar um fenômeno caótico em larga escala. O *blecaute* que deixou 67 milhões de pessoas no escuro durante cinco horas foi causado por um simples parafuso frouxo. A rede de Furnas tem 1,5 milhão de parafusos distribuídos por 72 mil quilômetros de linhas de transmissão, mas bastou o descuido com apenas um deles para acontecer o apagão. Ou seja, o parafuso constitui-se na rede inteira, assim como a rede resumiu-se a um parafuso, em concordância com as idéias de auto-semelhança e simetria em escala presentes na teoria dos fractais (PENA, 2004, p. 96).

A complexidade do sistema caótico revela-se na teia de conexões que o constitui. Vale a pena olhar para a teia de conexões presente em um blog: a maioria dos blogs estudados apresentam uma lista de links, vários ligados à educação, que ajudam o autor a escrever seus posts e a pensar o que pensa sobre a realidade. Sendo assim, um blogueiro cita alguns outros, que citam outros, inclusive o anterior ou não, que citam outros. Porém, se parasse por aí, ficaria simples: com um pouco de trabalho, mas de forma exequível, pode-se realizar um mapa de links, demonstrando quem *linka* ao blog de quem e quem é *linkado*. Mas vai muito além disso. As conexões se dão dentro dos posts, nos comentários, nas comunidades que extrapolam o blog (orkut, MSN, grupos de estudo), muitas vezes se articulando com conexões presenciais, encontros que geram ou que são gerados pelas discussões nos blogs.

Estabelecem-se assim conexões entre múltiplos espaços, tempos, imagens, objetivos, linguagens, constituindo teias complexas que vão se formando junto das identidades dos professores presentes neste meio. Pena ainda verifica possibilidades de construir teorias complexas para representar e traduzir literatura. Ao abordar narrativas biográficas, conclui que tais produtos parecem surgir *dos e nos* espaços caóticos, gerados por múltiplas formas de organização, cruzando linguagens diversas.

As narrativas biográficas são geradas e fazem surgir múltiplas formas de organização, construtoras de novas desordens momentâneas, campo fértil para que

se estabeleçam novos links, novas relações, novas desordens, outras ordens. Exatamente como acontece na teoria dos fractais:

A identidade é descentrada e fragmentada. Tem lugar para contradições e esquizofrenias. Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas nomeações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade. (PENA, 2004, p. 99)

Os blogs são redes descentralizadas, com linhas que a alinhavam de forma tênue. Existem modelos sim, mas são transitórios, como podemos ver em “A destreza das dúvidas” (Fig. 8).

A destreza das dúvidas

blogue de Luís Aguiar-Conraria e de Cristóvão de Aguiar

março 23, 2006

Pequenas notas

1 - Tenho estado fora, quase impossibilitado de escrever aqui. Chamemos-lhe uma semana sabática. Interrompi a semana para dar algumas instruções editoriais a Miss Pearls: há que evitar desvios burgueses.

2 - Fui há uns dias surpreendido com esta entrada do Besugo. Sem jeito, nem para agradecer me sinto capaz. Fica a vénia.

3 - Jorge Morais foi um dos principais impulsionadores do debate universitário blogoesférico pré-Bolonha. Mais tarde fundou o seu 6 em 1 e algo +, que rapidamente se tornou num dos melhores blogues nacionais. Infelizmente, abandonou-o para escrever no falecido Afixe. Recomeçou a escrever num projecto colectivo. O ante et post tornou-se num excelente blogue. Jorge Morais avança agora em paralelo nas suas reticências. Queiram fazer o fazer de o acompanhar. Vale a pena.

CONTACTE-NOS
aguiarconraria@gmail.com

PESQUISA

Pesquisar neste blogue:

OUTRAS DÚVIDAS

[harvardices](#)
[joalinsantabarbara](#)
[umpoucomaisdeazul](#)
[aartedafuga](#)

Figura 08 - Modelos transitórios em movimentos descentralizados

Na terceira nota, Luís Aguiar fala de Jorge Morais, por vezes, serviu de “modelo” a tantos outros professores para que discutissem e refletissem sobre a educação. Porém, este modelo é transitório, tendo em vista a discussão só pôde tomar as proporções que tem hoje graças ao deslocamento do centro para todos os outros professores que vieram agregando novas problemáticas à rede, o que novamente dá validade à teoria dos fractais.

Em suma, a opção por uma biografia a partir de pressupostos da teoria dos fractais está diretamente ligada à impossibilidade de reconstruir a identidade como um processo baseado em unidades estáveis e coerentes [...] Nossa proposta, alicerçada pela teoria dos fractais, leva em conta que não há mais lugar para discursos totalizantes que ignorem os conceitos de indeterminação, de complementaridade e até de tolerância às ambigüidades. [...] as identidades são permanentemente construídas e

reconstruídas, em um movimento que abandona os conceitos de unidade e coerência e privilegia a fragmentação e a multiplicidade. As identidades são plurais, mixadas, frágeis, instáveis. A coesão perde lugar para uma colagem de estilos e influências, moldada por imagens midiáticas, modelos de consumo, sensações, aparências e outros infindáveis componentes de um caleidoscópio sem significado definido. Um caleidoscópio desconexo e híbrido, mas, nem por isso, desordenado, já que sua ordem está baseada na permanente recriação no interior da própria desordem (PENA, 2004, p. 102-103).

Enquanto o que apresentamos aqui leva a crer que as identidades são múltiplas, articuladas em redes flexíveis e inesgotáveis, na outra ponta temos a escola, uma entidade que, muitas vezes, briga para a consolidação de identidades estáticas, superiores, hierarquizadas, que contribuem para a perpetuação de “conteúdos” também estáticos, entendidos como superiores a tantos outros saberes. A metáfora de “pontas” me leva a pensar em uma corda, uma linha que segue de um ponto a outro. Quanto mais próximo da escola, esta se apresenta realmente como uma linha, quanto mais vai se distanciando, esta linha se divide, se emaranha, se amarra e desamarra em um fluxo. Para falar um pouco destas contradições é que seguiremos na próxima seção deste capítulo, falando disto tudo nos currículos escolares.

3.2 De corpos, currículos e blogs

Green e Bigun (1995) nos trazem uma relação muito interessante entre currículo, corpos e pós-modernidade. Trazem reflexões de Hayles (1990), que nos fala que a cultura pós-moderna, a qual traz a compreensão de que a “essência” humana não é um fato “natural” da vida, mas sim, construções sociais, ou ainda “os fenômenos relacionados ao pós-modernismo não devem ser compreendidos nos termos binários da distinção entre natureza e cultura e sim como novas formas de vida – fundadas na efetivação da tecnologia como segunda natureza e como organizada, irreduzivelmente, pelo princípio da representação” (GREEN; BIGUN, 1995, p. 215). Ainda citando Hayles, dizem que o que caracteriza o pós-moderno é a noção de desnaturalização da linguagem, do tempo, do contexto e do humano. Implica o pós-humano. Neste ponto, Green e Bigun (1995) apresentam as reflexões de Harway (1991, p. 149), que trata o pós-moderno como pós-humano, falando de cyborg como um organismo cibernético, híbrido de máquina e humano, uma criatura de realidade social e, ao mesmo tempo, de ficção.

Este híbrido também é abordado por Couto (2000), que aponta que aparelhos e redes de comunicação são utilizados para intensificar e aperfeiçoar o funcionamento do corpo dos sujeitos.

A nova mentalidade diz que positivamente o homem está se tornando um *cyborg*. À medida que cada tecnologia estende uma faculdade humana e transcende as suas limitações amplia a performance dos seres híbridos. O reito biotécnico constitui um suporte imprescindível para o destino mutante do corpo na sociedade tecnológica (COUTO, 2000, p. 253).

Este autor analisa a forma como alguns sujeitos vivem a corporalidade no momento contemporâneo, onde as tecnologias passam a fazer cada vez mais parte de nosso cotidiano e de nosso corpo. Seríamos todos um pouco cyborgs? Ele aponta para uma crescente mixagem homem-máquina (ou homem-satélite, título de sua obra). “Hoje, as tecnologias estão totalmente inseridas nas práticas culturais da sociedade de comunicação integrada e elas têm um valor inestimável para o homem e seu corpo” (COUTO, 2000, p. 253). Seria uma constante atualização, uma mixagem entre o homem, as técnicas que inventa e o resultado biotécnico que o re-inventa. O corpo passa a ser:

Um projeto e ao mesmo tempo um destino: o corpo-prótese. O seu caráter material já não tem tanta importância, ele passa a ser uma alternativa, uma opção momentânea, progressivamente desmaterializada, reduzida, reformulada, redefinida, diante de uma infinidade de possibilidades capazes de realizar sonhos e fantasias no campo da saúde, do erótico ou do estético. Esse metacorpo, cuja principal característica é o excesso, é próprio do homem-satélite, em giro sideral, dentro e ao redor de si (COUTO, 2000, p. 254).

Tomando idéia de cyborg não como uma espécie de robô – como a televisão ajudou a construir na representação popular - e sim como um híbrido, um elemento desnaturalizado, fluido, mutante, que tem a capacidade de transitar por diferentes realidades (no que as tecnologias nos auxiliam muito), podemos dizer que a construção da identidade dos professores que mantêm blogs se dá de forma semelhante.

adriane:como vc se identifica no(s) blog(s)?
 adriane:quem vc diz q é no seu blog?
 claudio coutinho:[eu me identico como cláudio coutinho, megamultimidia e srº burnes](#)
 adriane:vi q alguns posts vc termina com Cláudio Coutinho diretamente da redação do teleCEU Vila Curuçá.
 claudio coutinho:[isso](#)
 adriane:qual a diferença entre os 3?
 claudio coutinho:[cláudio coutinho é a identificação no blog do teleceu](#)
 claudio coutinho:[megamultimidia é a identificação para o blog base digital. blog este voltado a musica e ferramentas livres para a produção musical e digital](#)

claudio coutinho: [srº burnes \(aquele personagem do seriado simpsons\) são para projetos que nem sempre usam ferramentas livres](#)
 adriane: [pq vc se identifica de jeitos diferentes em cada blog?](#)
 claudio coutinho: [porque cada blog trata de um assunto](#)
 adriane: [e vc acha interessante manter uma identidade diferente para cada assunto?](#)
 claudio coutinho: [eu vejo esta necessidade porque o mercado está analisando seus "futuros candidatos" usando as ferramentas disponíveis como orkut para análise de perfil do interessado](#)
 claudio coutinho: [então seu profissionalismo pode ser confundido por suas questões como: política, sexual, religiosa...](#)
 adriane: [vc acha q sua identidade nos blogs é construída pelo perfil apenas ou existem outros fatores q contribuem?](#)
 claudio coutinho: [existem, mas é muito pessoal penso eu](#)
 L 196-253

Os corpos se desnaturalizam ao sabor de uma nova representação social, como “novas formas de vida”. Linguagem, tempo e contexto ganham novas representações, assim como a noção de “humano”, o que, com certeza, repercute em todas as esferas sociais que o indivíduo transita, inclusive no contexto educacional. Green e Bigun (1995), por várias vezes ao longo do ensaio, explicitam a preocupação com as conseqüências educacionais disso:

Confrontados com o prospecto dessas formas programadas de descorporificação tecnológica, somos obrigados a reavaliar nossas prioridades, nossos investimentos, nossos compromissos e nosso desejos; a pensar muito cuidadosamente sobre os problemas e as possibilidades desses processos. Educacionalmente, somos levados a avaliar o nexa cada vez mais importante entre a cultura da mídia e a escolarização pós-moderna, bem como os movimentos em direção à informatização e à tecnologização do currículo, tais como os que já são presentes em nossas escolas e em nossa política educacional atual. Como educadores/as, devemos avaliar aquilo que já está ocorrendo em nossas salas de aula, quando os/as alienígenas entram e tomam seus assentos, esperando (im)pacientemente suas instruções sobre como herdar a terra. O que descrevemos como o “currículo cyborg” não é o produto de alguma fantasia intelectualizada. Ao invés disso, argumentamos que ele já está conosco e está nos refazendo, no momento mesmo em que nós ensinamos e eles/as aprendem (p. 218).

Green e Bigun (1995) colocam ainda que essa interface dos humanos com os computadores vai além do acréscimo de próteses externas a seus corpos. Gera uma nova subjetividade social, onde o eu humano se combina com uma identidade tecnológica e, embora a subjetividade humana não se perca, ela é significativamente alterada.

Porém, me parece que esta subjetividade humana alterada nada mais é do que o prolongamento de várias transformações feitas com e pelos homens. A cultura dos homens é sócio e historicamente constituída, fatos sucedem fatos, que repercutem em outros fatos e em outras nações. As fronteiras que nos pareciam tão confortadoras vão se diluindo, mas será que algum dia elas efetivamente existiram?

A ciência, efetivamente, algum dia, conferiu alguma certeza absoluta e perene? Seguramente, é um novo (novo em um processo contínuo que sempre se renova) olhar sobre um mundo que já existia, o que provoca novas interações dos homens com os homens e com o espaço, mudando gradualmente o mundo e o contexto em que vivem. Mudam também as formas de atuação e compreensão do conhecimento. O resultado disso é uma forma de relacionamento com o conhecimento mais fluída, tal como vemos nos blogs. Ali os nomes, as histórias, as imagens, podem condizer ou não com estes apresentados em outros contextos (Fig. 09, 10 e 11).

Também vemos pessoas que se identificam de formas diferentes em blogs diferentes para manter identidades de nichos diferentes; ou ainda os que acreditam “não se identificar” (se é que isto é possível); ou mesmo os que, depois de certo período, chegam à conclusão que a identidade que formaram não condiz com o que desejam falar (Fig. 11); assim como vemos também os que já se apresentam como profundamente vinculados à realidade escolar e explicitamente interessados em agregar o blog a uma realidade conscientemente (consciência limitada e filtrada de mundo) já existente, como já mostramos alguns exemplos. O blog vai agregando e alterando características dos indivíduos à medida que este se expressa, reflete e se relaciona. São identidades fluidas e mutantes, de pessoas que interagem, formam novas interfaces. Sempre na visão limitada e filtrada que todos nós temos do contexto.

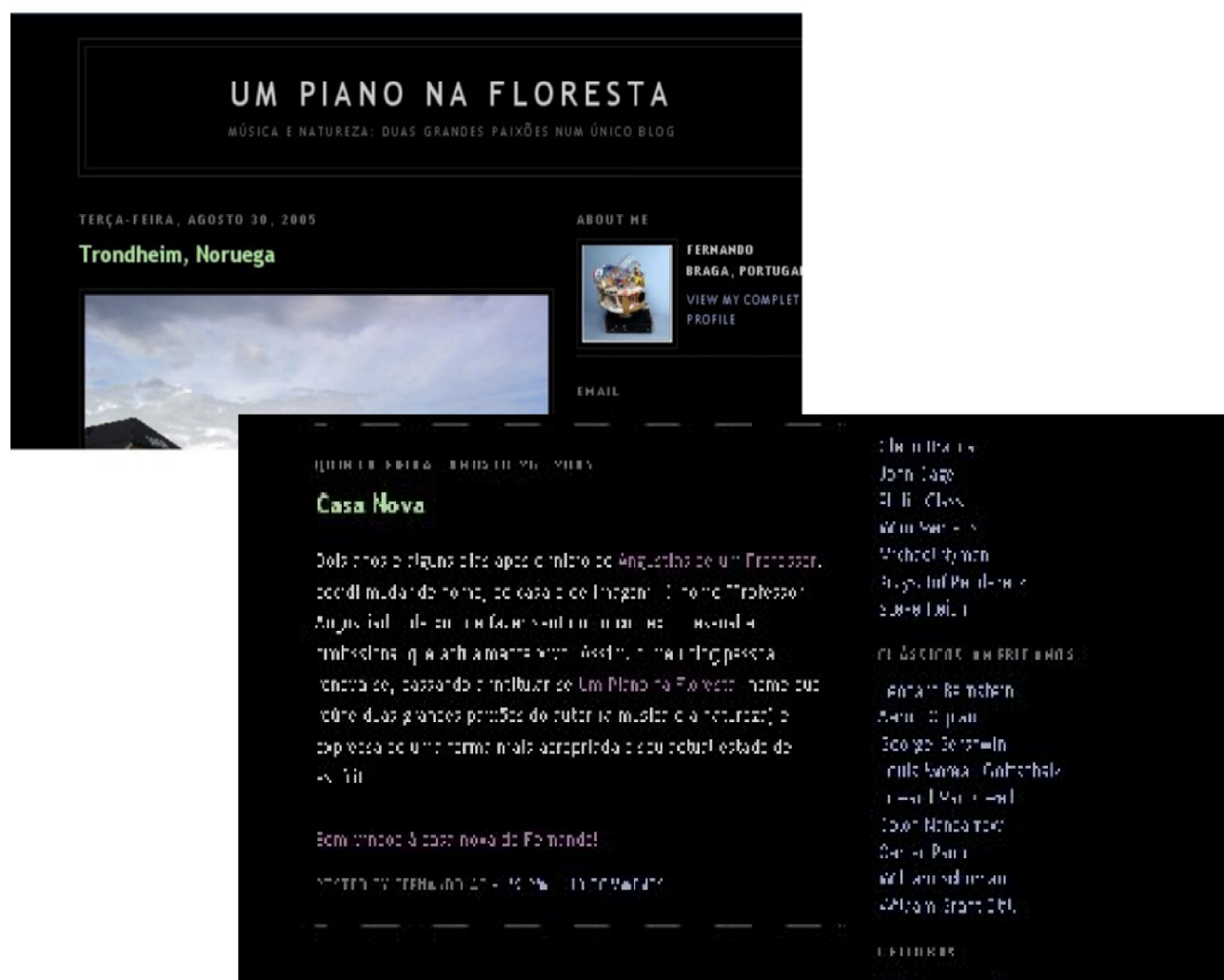


Figura 09 – Construção identitária: transições

UM PIANO NA
MÚSICA E NATUREZA: DUAS GRANDES

QUINTA-FEIRA, MARÇO 23, 2006

Convite

Caros amigos e bloggers: aqui fica um convite para a sessão de apresentação da próxima segunda-feira. Conto com a vossa presença!

Universidade do Minho
Biblioteca Pública de Braga

A Biblioteca Pública de Braga, o Departamento de Relações Internacionais e Administração Pública da Universidade do Minho e o Centro de Estudos de Administração Pública têm o prazer de convidar para a sessão de lançamento do **ESTUDO E ENSINO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EM PORTUGAL** que se realizará no Salão Medieval (Paço – Braga), no dia 27 de Março de 2006, pelas 18:30 horas. A obra será apresentada pelos professores **António F. Tavares** (coordenador), **J. A. Oliveira Rocha** (colaborador da Universidade do Minho) e **Marcelo M.**

http://www.blogger.com - Blogger: Postar um ...

Inês disse...
Onde está o teu nome?
Já agora, como consegues pôr a música no blog?
6:23 AM

fernando disse...
Inês:
Sou o "António F. Tavares" (coordenador).
1:23 PM

Inês disse...
Ahhhhhh! Assim já percebo melhor. Parabéns! :)
Quando estive agora em SF estava lá a A. Amorim, da Universidade do Minho. Tive vontade de ir ter com ela e perguntar se conhecia o Fernando, que tem um Piano na Floresta e enviar cumprimentos do Casaco Amarelo. Mas depois pensei "só pelo nome Fernando não deve chegar lá" e não disse nada. Está visto que estava certa :)

Já respondi no meu blog (consegui pôr na barra do lado, o que para mim é um mega sucesso. Sou meio Trenga no que toca a hipertexto) mas aqui segue o meu email:
casacoamarelo@gmail.com

Figura 10 – Construções identitárias: pseudónimos, imagens, ficções e realidades³¹.

Angústias de um Professor

Blogas, críticas, literatura, música e outras divagações de um profissional que antes de tudo é Homem

Quinta-feira, Setembro 20, 2006

FIM

◊ Angústias de um Professor acabou. Mudei-me para Um Piano na Floresta.

Posted by: fernando / 13:14

[\(1\) Angústia](#) | [Trackback \(0\)](#)

Quinta-feira, Agosto 24, 2006

Casa Nova

Este é o meu último post no *Angústias*. Dois anos e alguns dias após o início do *Angústias de um Professor*, decidi mudar de nome, de casa e de imagem. O nome "Professor Angustiado" deixou de fazer sentido no contexto pessoal e profissional que actualmente vivo. Assim, o meu blog pessoal renova-se, passando a intitular-se Um Piano na Floresta, nome que reúne duas grandes paixões do autor (a música e a natureza) e expressa de uma forma mais apropriada o seu actual estado de espírito.

Bem-vindos à casa nova do Fernando!

Posted by: Fernando / 16:45

Figura 11 - Construções intencionais ou não: transitoriedade, fluidez

Assim também, o blog gera um novo “filtro” da nossa visão de mundo, ampliando ou aprofundando nossa forma de ver e interagir com as diferentes

³¹ O autor do blog *Um piano na floresta*, neste espaço, se reconhece como Fernando, porém, ao ser questionado sobre seu nome, vira apenas um “F” em meio a outro nome, o que o torna quase irreconhecível apenas pelo nome em sua universidade, por exemplo. Outras vezes, o nome se confunde com o nickname, o título do blog.

expressões, com as diferentes identidades. Neste relacionamento, porém, vemos que alguns valores ganham pesos diferentes, como por exemplo, a imagem que estes professores fornecem em uma reunião de conselho de classe é diferente da imagem fornecida em uma comunidade de blogs; os relacionamentos também vão se dando de outra forma. Fatores de segregação social não revelados acabam caindo para segundo plano, não interessando se é homossexual, católico fervoroso, mãe solteira (se é que estes são fatores de segregação), ou se ostenta grande status social. O que interessa é sua forma de interação e colaboração na comunidade. Interessa mais se o blogueiro se apresenta como uma pessoa acessível, interessada, com coisas a colaborar, do que suas características físicas. Mas claro que esse sujeito tem um corpo, uma família e suas crenças. E elas vão aparecendo ao longo das relações. A diferença é que algumas fronteiras se diluem, os contextos são intercambiáveis e os corpos são desnaturalizados, mas sempre estão ali, presentes, afinal, o homem se faz da relação de si com o outro, com o mundo e com a técnica.

A blogosfera pode ser representada como uma “esfera” que contém várias complexidades que a extrapolam e lhe conferem um caráter fluido, com constantes relações, trocas e imbricações em todas as “esferas” onde os indivíduos circulam. São mundos que se desenvolvem um com e pelo outro. Sendo assim, se os professores imprimem tal característica a esta esfera do ciberespaço, faço aqui uma questão: por que nossos currículos escolares são tão diferentes desta fluidez?

Diante desse questionamento, socializamos os resultados e análises desta pesquisa que apontam para um processo descentralizado, descontínuo e reflexivo na busca de outras relações e objetivos para a educação, que tanto tem gerado insatisfações. Trata-se de um movimento que sinaliza para os processos de mudança na área educacional, especificamente nesse momento em que as tecnologias atravessam o nosso cotidiano e deixam suas marcas em nossos corpos.

3.3 O professor no espaço

A identidade é relacional. Os que, de alguma maneira são similares, pertencem a um grupo, os estranhos são “os outros”; isso acontece em um constante sistema classificatório de inclusão e exclusão. A construção da identidade também é marcada por símbolos, “assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2000, p. 9). São estes símbolos e relacionamentos que nos fazem sentir que pertencemos ou não a um determinado grupo, o que Woodward chama de “identidade nacional”. Hall (2001) sugere a terminologia “identidades culturais” para que aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

Este é um aspecto que se pode verificar logo de início nos blogs. Vários dos blogueiros analisados divulgavam o local/país. Este é o seu sentimento de pertença ao espaço, estando ali naquele momento ou não. Além disto, o sentimento de pertença é exposto nos posts, que muitas vezes fazem referência ao local, às características espaciais, às políticas governamentais daquele país. Isto pode ser claramente notada neste trecho de uma das entrevistas com um dos blogueiros, quando o questionei sobre como ele se identifica nos blogs:

Peciscas:Em todos os blogs me identifico como professor
 Peciscas:As pessoas mais assíduas, sabem que sou professor de Matemática
 adriane:sabem... pelos posts?
 Peciscas:Sim e pelos temas que abordo
 adriane:vc acredita que a identidade do autor do blog se forma além do "profile", nas tramas que são entrelaçadas diariamente?
 Peciscas:Claro.Sobretudo em épocas de crise no sistema educativo, topa-se logo quem é professor
 Peciscas:Actualmente estamos a viver uma grande crise na profissão
 adriane:interessante, fale mais. O que a crise tem a ver com as identidades que se formam no blog?
 Peciscas:O governo actual resolveu fazer grandes mudanças na profissão
 Peciscas:E isso transparece num estado de espírito negativo que transparece em desabafos nos posts
 Peciscas:Há por aí mais professores nos blogs e isso nota-se

Segundo Woodward (2000), a identidade é ligada à nacionalidade, com afirmação histórica, dependente de conflitos, lutas, tempo, políticas. Logo, ela não é fixa/estática, e sim dependente do curso das alterações sociais.

Os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas freqüentemente reivindicam uma cultura ou uma história comum como fundamento de sua identidade. (WOODWARD, 2000, p. 15)

A construção da identidade se dá através de sistemas de representação, que incluem práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, gerando a representação do sujeito que somos.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 17).

Porém, alguns conceitos e sentimentos de nacionalidade têm se diluído. A autora coloca (WOODWARD, 2000, p. 20-21) que a globalização – ou a formação de um consumidor global – tem promovido a homogeneidade cultural e gerado o distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. Porém, foi constatado que, nos blogs, apesar do professor-blogueiro estar inserido em uma realidade global, estava sempre muito atento às questões locais, dando visibilidade e valorizando as expressões e manifestações do que lhe rodeia. Assim, o blog atua, muitas vezes, como forma de projeção mundial para realidades locais em uma época onde McDonald's é fetiche universal.

Regina Silva (on-line) nos coloca que:

O ponto mais significativo deste processo reside na questão da constituição/construção das identidades das pessoas. As pessoas têm uma necessidade premente de pertencimento/ reconhecimento em relação à comunidade ou grupo social no qual estão inseridas. Nesse sentido, a sua organização em torno de projetos comuns, sobretudo culturais, onde os indivíduos compartilham não só o mesmo território, mas seus interesses, suas necessidades, enfim desejos comuns é que se constitui neste processo de formação de identidade individual e coletiva (SILVA, on-line).

A imagem formada para a identidade nacional, é, portanto, diretamente ligada ao tempo (lutas e manifestações do passado que ajudam a conformar lutas presentes que nos fazem sentir pertencentes a esta nação *agora*) e à idéia que fazemos dela. Neste ponto o blog atua de forma importantíssima: dá-se visibilidade à idéia que o sujeito faz de seu espaço, esta idéia torna-se compartilhável e discutível. Ao passo que as idéias formadas individualmente e mantidas isoladamente não se fazem conhecidas e nem discutíveis.

Se olharmos para um espaço microssocial também veremos algo semelhante: o professor se sente “presente” em determinada escola, determinado contexto

educativo. Porém, ao que ele dá visibilidade é à idéia que faz deste local. Ou seja, é a realidade reconstruída pelo imaginário do sujeito, o qual é construído através de relacionamentos sociais e confrontamentos de espaços.

A representação que fazemos hoje do espaço ao qual nos sentimos pertencentes, se dá de grande forma graças às características do mundo contemporâneo, onde as relações sociais acontecem em um território mais amplo, em que algumas fronteiras desaparecem, aumentam os luxos e intercâmbios de moedas, conhecimento, cultura, etc. Neste contexto surgem as identidades coletivas, onde o pertencimento de cada sujeito é o elemento aglutinador e mobilizador de atividade e constitui um gerador de valores e coesão para o grupo.

E a partir daí como o lugar de variados níveis de agregação e diferenciação podemos chegar a uma noção de identidade como aquilo que esta em diálogo com as instâncias mais próximas mas também com as em escala planetária, o que está em disputa e confrontação com o que está mais perto e o distante, ou seja, a identidade não está mais reduzida a espaços e lugares conhecidos. Hoje, identidade constitui-se de diferenciação e agregação e não pode ser vista só a partir do reconhecimento da experiência do outro mas também da experiência com aqueles muitas vezes desconhecidos, onde pode existir agregações, disputas, diálogos, ausências, não-encontro (SILVA, on-line).

É exatamente neste ponto que gostaria de chegar: cada professor-blogueiro interage com suas instâncias mais próximas, sua escola, seu entorno, seu contexto, seu cotidiano, sua nação. Luta por interesses locais, dá visibilidade a problemáticas de seu dia a dia. Isto acontece em escala planetária, onde lhe é permitido interagir, dialogar, refletir com sujeitos que vivem em outras realidades. Neste ponto, a blogosfera torna-se um espaço onde também se formam identidades culturais, que partem de princípios onde a colaboração e a interação nas reflexões alheias são um dos fatores principais para o reconhecimento do grupo e para o sentimento de pertença. É um espaço onde vozes singulares são ouvidas planetariamente (dentro de um “planeta” bastante restrito por várias questões de acesso e visibilidade), criam espaço para si (constantemente reconstruído), quebram a homogeneidade da paisagem e a verticalidade da produção de conteúdos.

3.4 O discurso e a escrita no processo de construção de identidade

Como temos visto, alguns processos e práticas têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas, gerando as crises de identidade. Dentre eles, podemos citar a globalização, a modernidade, os processos de migração, a pós-modernidade. As identidades, assim, têm a ver “com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2000, p. 109). As identidades são construídas dentro e não fora do discurso, elas:

Surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (HALL, 2000, p. 109).

As identidades, então, só podem ser lidas “*não* como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *différence* ou por meio dela, sendo constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora” (HALL, 2000, 111). Os sujeitos estabelecem-se como sujeitos sociais em práticas discursivas particulares, subjetivas, que se constituem em um determinado tempo-espço, construídas ao longo de falas, a partir do lugar do *outro*.

É no interior das práticas discursivas e pelo emprego de estratégias específicas de comunicação e interação com o outro, que as identidades emergem. Elas são processo e efeito de discurso, de sentidos entre sujeitos que ocupam determinados lugares sociais (NAVARRO, 2005, p. 1).

Como já vimos anteriormente, os processos identitários se formam influenciados por diversos fatores, tais como o tempo, o espaço, a interação com o outro, sentimento de pertença, e tantos outros fatores que nos fogem ao olhar. Nos blogs analisados, temos outros fatores que se fazem presentes, como a afirmação de um papel social (ser professor) contraditório: o que é ser professor? Qual a postura social esperada deste profissional que se dá em um ambiente público (ciberespaço), sujeitos a olhares e intervenções de um outro diverso (superiores, colegas de profissão, amantes dos blogs, alunos, familiares, amigos...) às vezes oculto (não há como saber quem apenas visualiza o blog), sendo que o sujeito

também pode intervir no espaço do outro que, muitas vezes, não tem nenhuma proximidade consigo, além do discurso? Todos estes fatores (e outros que nos fogem o olhar no *instante* que falamos) influem na construção identitária que se dá através do discurso, especificamente, escrito.

A escrita, desta forma, sugere uma materialização do discurso que, no caso dos blogs, possibilita o acesso em outros espaços e tempos alheios ao que escreve. Forma-se assim uma memória passível de releituras, pelo *outro* e pelo *próprio sujeito* que, em outro tempo e espaço, se constitui como *outro*: como a construção da identidade é um processo constante, a escrita nos permite que leiamos coisas antigas e nos saibamos como diferentes do que éramos. A escrita e a releitura da escrita propiciam, desta forma, a tomada e consciência da mudança, bem como um fértil espaço para a reflexão. Porém, este *propiciar* não indica uma obrigatoriedade do processo: a escrita facilita, mas não gera, obrigatoriamente, a reflexão; assim como nem todo sujeito revê, sistematicamente seus escritos e, muitos, quando o fazem, nem sempre estão à procura de entender como era sua postura em determinada situação. Porém, não podemos negar que os blogs propiciam e facilitam estes movimentos.

Estes movimentos, por sua vez, nem sempre são controlados pelo escritor-blogueiro. Diria até que é ilusão tentar controlar estes movimentos em qualquer que seja a esfera do ciberespaço, ainda mais em uma esfera como os blogs, que se articulam com tantas outras esferas no ciberespaço e fora dele. Assim, por vezes, a identidade do autor ganha uma representação que não lhe interessa mais. Isto é gerado por um processo mútuo de alteração do próprio sujeito e da interação do sujeito com outros sujeitos e situações no blog, em outros espaços do ciberespaço e fora dele. Podemos notar este processo na Figura 9, onde um blogueiro fala da trajetória de outro, processo este, nem sempre intencional. Mais explicitamente, vemos isto em “Angústias de um professor” que, depois de algum tempo, migrou para “Um piano na floresta” (Figura 11.)

•

• 4 BLOGOSFERA : REDES NADA ESFÉRICAS

A dinâmica desenvolvida nos blogs apresenta alguns aspectos que merecem destaque. A afirmação do “eu”, a plasticidade dos ambientes, as articulações entre o público e o privado, a possibilidade de se posicionar livremente a respeito de qualquer assunto, entre outros. Porém, o que mais chama a atenção é a possibilidade de *trocar opiniões* com outras pessoas, sobre os mais variados assuntos. Estas trocas simbólicas acontecem nos mais variados níveis, sendo potencializadas no momento em que o blogueiro permite comentários e cria links para outros blogs. Isto faz com que um grupo de blogs se agrupe em uma espécie de esfera. Porém, como cada blogueiro se reconhece com diferentes esferas, estas se ligam e se relacionam como uma rede, uma trama complexa, fluida, autogerida, mutante.

Os blogs também reservam para si a singularidade, sendo que cada blogueiro tem a possibilidade de desenvolver ou não uma série de atributos. Os blogs são explorados com os mais diferentes intuitos. Assim, nem todos os blogs abrem espaço para tais trocas simbólicas, porém, muitos deles compõem verdadeiras comunidades virtuais.

Muitos deles são comunidades virtuais, uma vez que ao permitirem comentários e ao criarem links para outros *blogs* dão origem a uma comunidade que troca opiniões e faz comentários sobre idéias contidas noutros *blogs* (RODRIGUES, on-line, p. 3).

Estas comunidades são tecidas em forma de rede, por escritores, leitores e todos que por ali transita, comentam ou não. Segundo Barbosa e Granado (2004):

O fenômeno do sucesso dos *weblogs* está intimamente relacionado com a criação de comunidades. Ao contrário do que muitos *bloggers* consideram, todos os que publicam informação na Internet têm público, ou seja, qualquer autor de um *weblog* acabará, com o tempo, por ter leitores, mais ou menos fiéis (p.41).

Dinâmica semelhante estabelece-se nos flogs, como podemos ver pela fala de Eliane Scaff Moura, no programa Salto Para o Futuro, da TV Escola, do dia 25 de agosto de 2005. Ela relata como surgiu uma comunidade envolvendo seu flog:

Sabendo do sucesso dos flogs entre os jovens, eu procurei saber o que ele era, o que significava esta ferramenta e eu vi que ele é de fácil interação, eles estão sempre interagindo, postando imagens dos colegas, da balada. E funciona! Eles estão sempre se comunicando, conversando. Aí surgiu a idéia de usá-los pedagogicamente: se o sucesso era tão grande entre eles, por que não na sala de aula. Aí surgiu a idéia de criar o flog-artes para eu fazer como laboratório, fazer as experiências de software, para ver se a tecnologia realmente vai dar o resultado do trabalho digital. Aí eu comecei a desenvolver os softwares e surgiram alguns resultados. Aconteceu de algumas pessoas visitarem, achar interessante a proposta. Acabamos nos comunicando, linkei estas pessoas que eu estava sempre visitando, retribuindo visitas e comentários, outros vieram e acabaram linkando o meu flog ao flog deles e formamos uma comunidade virtual por afinidade, pessoas ligadas à arte.

Alguns blogs reúnem-se à volta de determinados temas, posicionando-se, discutindo e acrescentando idéias e opiniões. Porém, a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço que só existe enquanto as pessoas realizam trocas e estabelecem laços sociais (RECUERO, 2003). Assim, encontramos mais um condicionante da caracterização dos blogs como comunidades virtuais: a atualização constante. A manutenção de cada blog é fundamental, é isto que mantém este fenômeno vivo.

As comunidades virtuais constituem assim um conceito importante e ao mesmo tempo complexo, que pede nossa atenção para que seja clarificado no intuito de descortinarmos em quais sentidos podem ser aplicados aos blogs e quais as peculiaridades disto. Sendo assim, se faz importante olharmos com mais profundidade para algumas questões conceituais sobre comunidades virtuais e outros conceitos intrinsecamente ligados a este, tais como redes, interatividade, sentimento de pertença, cooperação e colaboração, aprendizagem cooperativa, e outros nós que compõe esta rede.

4.1 Comunidades virtuais

Desde muito primitivamente, os seres humanos sentem a necessidade de viver com outros seres humanos, de realizar intercâmbios com seus pares. Viver em comunidades demonstrou ser um eficiente modo de sobreviver, sendo mais fácil assegurar segurança ao grupo, se reproduzir, cuidar da prole, realizar trabalhos complexos. São os conhecidos *vizinhas*: comunidades por proximidade territorial. Ali se estabelecem normas, regras, laços, formas de expressão cultural que regem este

grupo em específico.

O distanciamento geográfico das pessoas demonstrou uma nova necessidade: era necessário estabelecer laços com pessoas localizadas em um certo distanciamento geográfico. Ligado a isto está o grande desenvolvimento da indústria e da economia, juntamente com a expansão e melhoria dos meios de transporte. Os meios de comunicação foram cruciais neste processo: o desenvolvimento e a popularização dos mais diversos meios de comunicação facilitaram várias formas de *trocas*.

Juntamente a tudo isto, temos o desenvolvimento das tecnologias, que se tornam mais ágeis, eficientes, além de cada vez mais populares. São desenvolvidas para as mais diversas aplicações, sempre por demandas econômicas-sociais. Falamos mais especificamente das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Estas, juntamente com o desenvolvimento social e econômico da sociedade, além do desenvolvimento de diversas outras tecnologias, revolucionaram a gestão de dados e a comunicação.

Talvez o fenômeno social mais crucial neste processo seja a globalização. Octavio Ianni liga este fenômeno a desterritorialização. As relações ultrapassam a noção de nação como território de trocas. “Aos poucos, ou de repente, o mundo se torna grande e pequeno, homogêneo e plural, articulado e multiplicado” (IANNI, 1997, p. 89). É como se o mundo encolhesse. Fios de uma teia global ligam pessoas pelo mundo todo. As pessoas continuam a ter uma nacionalidade, mas muitos se sentem como cidadãos do mundo, evidenciando o que são *agora*:

Visto em suas múltiplas implicações, o processo de desterritorialização acentua e generaliza outras e novas possibilidades de ser, agir, sentir, pensar, sonhar, imaginar. Revelam-se condições desconhecidas, quando indivíduos, grupos, classes, movimentos sociais, partidos políticos, correntes de opinião pública, projetos de vida individual e coletiva, estilos de pensamento, são lançados no âmbito da sociedade global. (IANNI, 1997, p. 101)

A globalização tende a desenraizar as coisas, as gentes e as idéias. Sem prejuízo de suas origens, marcas de nascimento, determinações primordiais, adquirem algo de descolado, genérico, indiferente. (...) Aos poucos, predomina o espaço global em tempo principalmente presente (IANNI, 1997, p. 92-93)

Porém, o “deslocado” não tem sentido de “sem lugar” e sim como fora de um único local, fora de centro, indicando centros múltiplos, produção e gestão de informação descentralizada. Isto quebra vários paradigmas postos como corretos e únicos, deixando emergir outras formas de ver o mundo e agir com ele.

Muitas vezes os blogs propiciam outras formas de ver o mundo e agir sobre ele, como vemos em entrevista com Frederico Lucas (Casa do Professor):

“adriane: você sabe se os professores, a quem você se referiu anteriormente, olham seu blog?

Frederico: O meu último post refere-se ao assassinato de um amigo meu, amplamente divulgado na televisão em Portugal, e cuja complexidade do mesmo não deverá ser descurada (desvalorizada).

Frederico: Sim, a minha Professora da Primária sob do mesmo através do seu filho. Contactou-me emocionada.

Frederico: sobe

adriane: e eles comentaram alguma coisa se isto fez alguma diferença para eles?

adriane: sabe se seu blog conseguiu mudar alguma coisa da prática pedagógica de seus professores?

Frederico: Não creio que tal tenha acontecido. Julgo que ajudou a reflectir sobre as suas práticas. Mas não creio que tenha provocado alterações. Nem era esse o objectivo.

Frederico: Pelo contrário, julgo que alguns leitores ganharam uma nova visão sobre atitudes e acontecimentos em Portugal.”119-137

Esta sociedade global, com os fios que unem pessoas em uma teia global, apresenta características peculiares no modo como as informações são geridas e na forma como as pessoas se comunicam. As informações são guardadas de forma mais segura e mais dinâmica, geralmente de forma descentralizada e muitas vezes autogerida. Certamente hoje é muito mais fácil de se comunicar com alguém do que a cinqüenta anos atrás. Ao mesmo tempo em que se quebra a noção de territorialidade como nação, evidenciam-se trocas e relações através de fios que enlaçam comunidades. A que território pertencço? Isto pode ser respondido pelos espaços que o indivíduo transita, dentro ou fora do ciberespaço. É uma sociedade global onde ficam cada vez mais visíveis as singularidades, as diferentes formas de expressão. Os objetivos são transitórios, as ligações são efêmeras e perduram-se enquanto houver interesse ou necessidade dos indivíduos.

Estas alterações mudam, principalmente, nossa forma de pensar e atuar na sociedade contemporânea. Podemos nos comunicar e nos relacionar por computadores e por tantos outros objetos técnicos, cada vez mais intrínsecos ao corpo e ao nosso cotidiano. Estamos cada vez mais interconectados, assim como nos aponta Lévy (1999a) com a proposta da cibercultura.

Para Lévy (1999b, p. 145), a cibercultura é regida por três eixos norteadores: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. As comunicações se entrecruzam, se interconectam, diluindo as fronteiras do mundo. Assim, as pessoas relacionam-se além das barreiras geográficas, articulando-se no ciberespaço através de comunidades virtuais. Como qualquer outro grupamento de pessoas, as comunidades virtuais têm suas formas de organização, acordos para a

convivência, visando a organicidade do funcionamento e otimização do tempo. São formas de organização que levam este autor a falar sobre a inteligência coletiva, que será foco de observação ainda neste capítulo.

Segundo a Wikipédia³²:

Uma comunidade virtual é uma comunidade que estabelece relações num espaço [virtual](#) através de meios de [comunicação](#) a distância. Se caracteriza pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações no ambiente virtual. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidade_virtual> acessado em 01/05/06).

São assim, agregados sociais (RHEINGOLD, 1996) na rede, sendo que os intervenientes formam teias de relações pessoais no ciberespaço, através de debates sobre algum tema por determinado tempo, com suficientes sentimentos humanos. Estes sentimentos humanos é o que aqui chamo de “pertencimento”, sentimentos estes que atuam na permanência de cada indivíduo neste grupamento social. O pertencimento é outro tema que será abordado em maior profundidade ainda neste capítulo.

O mesmo autor adverte, porém, que o simples fato de os usuários da internet visitarem determinados sítios ou responderem a mensagens não evidencia a constituição de uma comunidade. Nem tudo o que se mostra ou se comunica por computador pode ser caracterizado como comunidade. Nota-se que é necessário haver *interesses comuns* entre *pessoas*, que se *relacionam* (com toda a complexidade de qualquer relação interpessoal) em um *ambiente no ciberespaço*, *trocam* informações, *constroem* conjuntamente, por determinado *tempo*, com certa *implicação*.

Comunicar-se eventualmente em um chat, por exemplo, não caracteriza necessariamente uma comunidade. Mesmo nas listas de discussão, que apresentam um laço que perdura mais tempo, nem sempre acontece a implicação para a discussão de problemas comuns, a implicação na construção conjunta de soluções, na reflexão com o *outro*.

Os blogs apresentam uma dinâmica de comunicação diferente dos chats ou

³² Um dos principais recursos da Comunidade Virtual, as páginas colaborativas possibilitam aos usuários criar e editar um número virtualmente ilimitado de páginas de conteúdo, sem precisar saber HTML ou outra linguagem de programação, além de ser uma ferramenta extremamente simples e interessante para criação colaborativa. [...] A Wikipédia é uma enciclopédia on-line que usa o conceito de Wiki, ou seja, qualquer pessoa pode acrescentar ou alterar o conteúdo de um verbete. Baseada apenas nesse modelo colaborativo, já é, com apenas três anos de existência, a maior enciclopédia do mundo. http://cv-ripsa.bvs.br/tiki-index.php?page_ref_id=14 (23 ago 2006)

das listas de discussão. Não é exatamente uma “conversa” como em um chat, são pontos de vista que se complementam. Também, freqüentemente, não perduram por tanto tempo como as discussões em fóruns ou listas de discussão, ao contrário, como esta comunicação se dá pelos comentários aos posts, vale lembrar que muitas vezes o blogueiro posta diariamente, sendo que o post que gerou bastante discussão vai ficando mais abaixo, até cair para os arquivos. Isto faz com que a comunicação não seja tão linear, pois ela vai acontecendo nos comentários de um post, no próximo post, nos comentários aos blogs vizinhos...

Outra diferença do blog para outras ferramentas de comunicação como o chat e as listas de discussão, é que não é em tempo real como os chats, porém repercute muito mais rapidamente e amplamente do que as listas de discussão. Ao contrário destas outras ferramentas, os blogs são espaços com nós/links independentes, sendo que o que um blogueiro posta é visto por um grupo de blogueiros, que por sua vez são vistos por outros grupos de blogueiros, sendo que a informação postada repercute como efeito borboleta.

As comunidades são espaços dinâmicos, onde a comunicação é um dos processos, dentre outros. Comunicação e interação, na maioria das vezes, aparecem intrinsecamente ligados. A blogosfera se traduz em múltiplas redes que se autodefinem pela dinâmica da comunidade, pelos movimentos que as pessoas exercem nestes espaços.

Desta forma, os blogs não são exatamente ferramentas de comunicação, e sim espaços de registro que integram diversas ferramentas, inclusive de comunicação. São possíveis espaços para o desenvolvimento de diversas idéias, de pessoas alocadas em espaços geográficos diversos, sendo que para isso é necessário a agregação de uma ou outra(s) ferramenta(s), muitas vezes com o envolvimento de várias pessoas durante algum tempo para alguma finalidade.

Jones (1997), falando sobre comunidades virtuais e as relações estabelecidas nestes espaços, aponta para uma diferenciação que aqui se faz crucial. Temos dois usos para o termo “comunidade virtual”, um abarcando os suportes, os softwares utilizados por grupos (*virtual settlement*), outro, comunidades criadas através do uso desse suporte. Nesta segunda concepção nota-se as pessoas e as relações interpessoais como o centro das comunidades, superando assim o estabelecimento tecnológico. Baseado nisto, Primo (2003) afirma:

Os *blogs* demonstram isso na medida em que proporcionam uma comunidade virtual de blogueiros, cujo *virtual settlement* não é imediatamente identificado: Trata-se de um *virtual settlement* muitas vezes pulverizado em diversas caixas de comentários e *posts*, outras vezes expressos em uma lista de *links* no próprio blog (PRIMO, 2003, p. 5).

Os blogs podem agregar pessoas em comunidades à medida que se estabelecem laços/links com outros blogs, com outros espaços, com outros autores/sujeitos. Estes sujeitos mantêm este laço por algum tempo, sendo que este é o tempo que perdura o interesse comum entre eles. É como se fossem “vizinhos”, mas não pela proximidade geográfica, e sim pela afinidade de temas desenvolvidos e de objetivos pretendidos.

A interatividade vai se estabelecendo, dentro do blog, pelos links dentro dos posts, pela indicação de outros blogs em uma lista à parte, pelos comentários nos blogs alheios, etc. Além de muitas outras formas que vão se agregando aos blogs, tais como enquetes, murais, fóruns. Fora dos blogs, os blogueiros encontram-se em salas de chat, comunidades no Orkut, lista de discussão. Por vezes, até marcam encontros presenciais em simpósios, congressos, ou mesmo uma paradinha rápida para um café com bolo, como veremos adiante neste capítulo. Todos esses laços vão reafirmando a coesão do grupo, que perdura o tempo que o assunto for do interesse dos integrantes.

Muitas vezes o blogueiro não consegue ter noção da abrangência de seu blog, uma vez que não existe algum registro sobre quem olha o blog.

Quanto ao «fazer ideia de quem visita» os meus blogs?... Tirando os visitantes furtivos, vou sabendo quem vai lendo com alguma assiduidade pelo tipo de comentários que deixa, pelos emails enviados, e pelas ligações a comentários, no caso de também terem blogs. Ou seja, tenho ideia de algumas pessoas e as outras só sei pelas pegadas que deixam ficar (estatísticas, pesquisas,...)
E12: *Mônica André, Blog da tese*

Existe apenas o registro de quem comenta os posts. Mesmo estes, muitas vezes são pessoas que nunca tiveram qualquer outro contato com o blogueiro:

Adriane: Você conhece quem comenta seus posts?
Frederico Lucas, Casa do Professor: Não conheço pessoalmente nenhum dos comentadores. Nem os conhecia antes de visitarem o meu blogue. Hoje sei apenas o que pensam através da leitura que faço dos blogues deles...

Mas se nunca teve contato anterior, como chegou até ele? Além das buscas aleatórias por assuntos, existem os registros que este blogueiro deixa em outros blogs, onde outras pessoas navegam e percorrem caminhos já traçados, afinal, estes levam a pessoas que se interessam pelo mesmo tema...

Alguns se fazem ver em horas oportunas:

“Ao longo destes dois anos vários blogs foram sendo criados por profissionais da Educação. Deste modo, os principais "ouvintes", ou pelo menos os mais assíduos, são aqueles pertencentes a esta pequena comunidade de "blogueiros" da Educação.

André & Susana diz:

No entanto, há muitos outros "ouvintes" que, não tendo qualquer blog, participam assiduamente no meu e noutros blogs, pertencendo de algum modo também a esta pequena comunidade.

André & Susana diz:

Depois há aqueles que, quando surgem temas do seu interesse ou por algum acontecimento particular, por vezes participam no blog."1124-133

(E3: André Pacheco, EducaPortugal, Educação em debate)

Os comentários vão tecendo feedbacks e retornos de quem lê. É através dos comentários que o blogueiro vai estabelecendo contato com outras pessoas e tendo idéia de seus pensamentos através da exposição de algumas palavras expressas nos posts. É por ali, muitas vezes, que se estabelece o diálogo para troca de opiniões.

Estes diálogos não permanecem nem se mantêm de forma linear. São opiniões entrecortadas por outras, por novos posts, por novos comentários, por comentários antigos que vão ficando para trás.

Alex Primo destaca que os comentários potencializam uma escrita cooperativa, onde, mais do que traçar percursos pré construídos, o blogueiro vai construindo conteúdo, onde abrem-se espaços de negociação e reflexão:

Em um *blog*, portanto, é possível ao internauta concordar ou discordar dos *posts*, expor seu posicionamento e criar novos nós para a rede hipertextual, seja através de um comentário, seja através de um *link* para seu próprio *blog*, criando espaços de negociação – embora estes espaços (janelas de comentários) destinados ao debate sejam menos visíveis, laterais ao grande espaço dos textos do blogueiro. Mais do que seguir *links* e trilhas pré-estabelecidos nos *websites*, o *blog* permite ao blogueiro e aos internautas criar novas trilhas, criar novos nós e *links*. A ação do internauta aqui, portanto, não se restringe a percorrer trilhas entre os *links* na *Web*, a simplesmente navegar. Ela é construída de forma conjunta, modificando a estrutura da própria *Web*. Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores. (PRIMO, 2003, p. 4)

Mas os comentários, dentro dos blogs, não representam o único canal por onde estes fios vão se amarrando na rede:

adriane diz:
 como vc conseguiu estes contatos com estes outros professores
 ::GLÁDIS:- CONEXÃO XXI - o seu blog na TV ! diz:
 através do Orkut, Messenger, Gazzag, Listas de discussão, estou sempre divulgando e convidado professores a participar, principalmente pelo Orkut. Agora já começam a aprezer e-mails de professores querendo articipar do projeto também
 E13A I236-240 E13: Gládis, Videolog

Adriane: você sabe se outros professores olham seu blog?

Marli: sim

Adriane: tenho visto vários professores se queixarem que ninguém comenta seu blog

Marli: sei, nos comunicamos muito pelo MSN também

Adriane: por que você acha que o comentário não é mais usado?

Marli: eu acho que falta uma cultura de participação

Adriane: como assim?

Marli: eu penso que as pessoas ainda precisam ser mais participativas, soltar o verbo, saber que é importante deixar sua marca por onde passam. Muitas vezes as pessoas apenas lêem e não escrevem

Adriane: e isto é específico dos blogs ou é reflexo de uma cultura estabelecida na sociedade?

Marli: de uma cultura da sociedade. é mais fácil cruzar os braços e ficar esperando. falar incomoda. pode trazer problemas. nos ensinaram isso por muito tempo

I231-283

Muitas vezes os blogs abrigam outros objetivos que não a reflexão, como o que acontece nos projetos pedagógicos em blogs, esta acontece em outros meios; assim, a reflexão docente não acontece *no* blog, mas ele propicia substrato para tal. Pelos comentários, por conversas no MSN, por comunidades no ORKUT, por projetos conjuntos, os professores vão se relacionando, dialogando sobre suas práticas, construindo novas idéias, traçando outros percursos educacionais.

Estes outros percursos educacionais exigem outras atitudes no ciberespaço e em espaços que ultrapassam os territórios dos blogs. É necessário ter uma atitude ativa para criar, inventar, para comentar, se posicionar frente a temas e informações, frente a atitudes dos colegas, do governo. Esta atitude não passiva é o contrário que a educação tradicional, transmissiva e massiva pregava. Falar, comentar, criar... implica sustentar uma opinião, ou então estar disposto a reformulá-la. Exige uma postura disposta a se expor, se posicionar, dialogar, contrapor, reconstruir, enfim, olhar com olhos críticos para a educação e estar disposto a refletir e ver caminhos mais promissores para os trabalhos. Isto tudo, claro, implicado com vários espaços, várias pessoas, várias opiniões, enlaçadas nestas esferas que vão se constituindo nos blogs e fora deles.

Assim, os blogs, enquanto comunidades, têm demonstrado ser um instrumento para dar visibilidade à identidades individuais e coletivas. Eles possibilitam, inclusive, outros processos de construção de identidade individual e a construção de outros coletivos. São pessoas que compartilham práticas, tomam

decisões individualmente e em conjunto, agregam diferentes esferas do convívio social. É um todo dinâmico e interdependente que vai muito além do somatório das identidades e potencialidades individuais.

A formação das comunidades através de blogs passa por alguns fatores que devem ser analisados, tais como segue.

4.2 Redes

Minha mudança do Rio Grande do Sul para Bahia foi acompanhada de uma série de vivências novas. Algumas delas ligadas à faculdade e ao grupo de pesquisa (GEC), muitas outras ligadas às pessoas deste lugar e a seus modos de vida. Vivências não exatamente pontuais, mas um imbricamento que contribuiu para a construção de meus conceitos.

No grupo de pesquisa pude acompanhar alguns passos da elaboração do projeto do curso de especialização (<http://www.faced.ufba.br/~educom/especializacao/>), Tecnologia e Novas Educações que, segundo meu olhar, na época, tinha tudo a ver com a idéia de rede, a minha idéia empírica do que era uma rede, algo parecido com aquelas redes para pescar em água doce. Fui então buscar saber o que as pessoas entendiam por redes. Saí com pedaços de papel e lápis pedindo a todas as pessoas que eu tinha contato, para que desenhasse uma rede. Para meu espanto, todas desenharam uma rede de dormir, dessas que é um tecido preso por duas extremidades onde as pessoas deitam ou sentam dentro.

Então, precisei buscar outros subsídios que explicitassem melhor a “metáfora da interconectividade” (ASSMANN, 1998, p. 173) que eu encontrava tão presente nos blogs.

Capra (1996, p. 77) se pergunta se há algum padrão comum de organização que possa ser identificado em todos os organismos vivos. Este autor diz que os organismos, suas partes ou comunidades de organismos, organizam-se à maneira de rede:

Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes. Esse reconhecimento ingressou na ciência na década de 20, quando os ecologistas começaram a estudar teias alimentares. Logo depois disso,

reconhecendo a rede como o padrão geral da vida, os pensadores sistêmicos estenderam modelos de redes a todos os níveis sistêmicos. Os ciberneticistas, em particular, tentaram compreender o cérebro como uma rede neural e desenvolveram técnicas matemáticas especiais para analisar seus padrões. A estrutura do cérebro humano é imensamente complexa. Contém cerca de 10 bilhões de junções (sinapses). Todo cérebro pode ser dividido em subseções, ou sub-redes, que se comunicam umas com as outras à maneira de rede. Tudo isso resulta em intrincados padrões de teias entrelaçadas, teias aninhadas dentro de teias maiores. (CAPRA, 1996, p. 77)

As redes, estruturas de pontos que se ligam formando uma trama apresentam como uma de suas propriedades principais a *não-linearidade*. Como um ponto se liga a vários outros, o fluxo não segue exatamente em uma linha de pontos, e sim um fluxo que se estende em várias direções. Uma mensagem, por exemplo, pode ir de um ponto a qualquer outro que se ligue a este e, deste segundo, ir para qualquer outro ponto a que se ligue, inclusive retornar ao primeiro, gerando assim, um percurso cíclico, ao que Capra (1996) entende como “um laço de *retroalimentação*” (p. 77). Graças à capacidade de retroalimentação as redes podem se regular a si mesmas, pois erros (ou quaisquer outros fatores) podem repercutir em toda a rede, retornando à fonte. Assim, a rede consegue regular e organizar a si mesma, ao que Capra (1996) chama de *auto-organização*.

Estas propriedades nos apontam também para outra característica das redes: sistemas *descentralizados*.

O conceito é inovador enquanto aponta para uma complexidade de interconexões tal que nela já não existe propriamente um centro, nem uma simples multiplicidade de centros, mas uma espécie de contínua interpenetração e convocabilidade do todo (ASSMANN, 1998, p. 173).

Ou seja, a informação pode partir de qualquer ponto, sem se concentrar em alguns. Mais especificamente, nas redes web vemos também as características da *conectividade*, da *hipertextualidade*, da *transversalidade* (ASSMANN, 1998, p. 21). Os pontos estão todos interconectados, computadores ligados à computadores, via internet, por onde fluem as informações. As informações indicam outros pontos, uma vez que são organizados de forma hipertextual, *linkando* um lugar na web a tantos outros, o que volta a confirmar a não-linearidade. Desta forma, fica difícil não “passear” por inúmeros temas, ao sabor dos interesses, da subjetividade, dos desejos, dando um caráter mais transversal à construção de conhecimento à respeito desses temas.

Os blogs são um exemplo da descentralização da produção de informação: muito facilmente o sujeito pode produzir informação e disponibilizá-la através de seus blogs. Esta informação produzida é resultado, muitas vezes, da navegação por vários locais na web e fora dela, leituras, vivências, etc. É quase inevitável produzir informação hipertextual!

À medida que o sujeito vai navegando, ele também encontra outros blogueiros que demonstram interesses semelhantes, vai se agregando, linkando e formando então a comunidade. Porém, cada blogueiro tem alguns temas de interesse, sendo assim, as comunidades de blogs são, geralmente, transversais, tal qual podemos ver na “Internet e Web na Educação”³³. São processos individuais que se mesclam com objetivos coletivos, em um sistema não-linear, auto-organizado, descentralizado.

4.3 Pertencimento

O que faz um blogueiro agregar seu blog a outro(s) é o interesse de estar às voltas de algo com outras pessoas. O que faz as pessoas reconhecerem estes agregamentos como uma comunidade, é o sentimento de pertencimento, ou pertença, que gera um sentimento coletivo de “nós” como sendo pertencentes de um mesmo grupo, uma mesma esfera. Segundo Couto e Fonseca

Esse sentimento propicia a fixação das teias de comunicação, desde o mais primitivo momento histórico até a contemporaneidade. Ainda, o sentimento de pertencimento e os objetivos em comum são os alicerces para efetivar os elos entre os membros da comunidade” (COUTO e FONSECA, 2005, p.50).

Max Weber (1987, p. 77), falando sobre os conceitos básicos da Sociologia, diz que se pode chamar “de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal – baseia-se em um sentido de solidariedade: *o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes*” (grifo meu). O sentimento de pertencimento é o que faz o indivíduo ter a noção de que é parte de um todo, que coopera para uma finalidade comum junto de outras pessoas.

Vários autores colocam o sentimento de pertencimento juntamente com a territorialidade como alicerces para a formação de comunidades. No campo do

³³ <http://internetnaeducacao.blogspot.com/>

ciberespaço, a territorialidade ganha outras referências. Em uma navegação, meu espaço passa a ser onde estou agora, e estou porque quero. Estes locais são “habitados” por outras pessoas, que também querem estar ali, que têm algum interesse nisso, vários semelhantes aos meus. No momento em que estas pessoas sabem umas das outras, estão ali, compartilhando objetivos/projetos comuns, relacionando-se por determinado tempo, suficiente (permanência) para manter algumas trocas e laços sociais, está firmada a comunidade. Mas a comunidade firma-se pelo sentimento de cada integrante em reconhecer que é parte deste todo, que é realmente um dos elementos que compõem esta comunidade.

O território continua a existir, mas passa a ter outras referências de lócus, com fronteiras simbólicas. Da mesma forma a comunicação, as relações sociais, se dão de acordo com as características deste lócus. Uma das características do ciberespaço é a sua imensidão, o que faz com que o indivíduo somente percorrerá os mesmos caminhos já traçados se realmente os quiser fazer. Segundo Palacios (online), “o indivíduo só pertence se, quando e por quanto tempo estiver, efetivamente, interessado em fazê-lo”. Um blogueiro só vai voltar a visitar um blog se tiver gostado dos temas ali desenvolvidos. Quando ele se faz notar e é reconhecido pelo outro, estabelecem-se laços e trocas. Quando estas trocas perduram por certo tempo com alguns integrantes, podemos dizer que se forma uma comunidade.

Porém, vale ressaltar a diferença do lócus com as relações estabelecidas nele. Os blogs, em si, não são comunidades virtuais. O mesmo acontece com listas de discussão, chats, etc. estes são apenas canais onde pessoas *podem* estabelecer comunicações, laços e trocas.

Para que ocorram as trocas, é necessário que o espaço, ou lócus, tenha as ferramentas necessárias para a interatividade. É através delas que os indivíduos podem estabelecer relações num fluxo dinâmico e cuja relação se dá através da construção negociada, com ações interdependentes que geram interpretações, num constante processo de negociação. A isto, Alex Primo (1998, online) chama de *interação mútua*, diferente da *interação reativa*, a qual dá-se em um sistema fechado, num processo de estímulo-resposta, com fluxo linear e determinado, com relação causal e baseada no objetivismo. Concordo com Recuero (2003), quando afirma que somente a interação mútua possibilita realmente a formação de comunidades no ciberespaço:

No entanto, só é possível interagir de forma *mútua*, como a concebida por Primo, se o meio permitir, oferecendo as ferramentas necessárias, se o meio possuir a característica aberta, de via de duas mãos, para as trocas comunicativas. E mesmo que o meio possua essa característica, é ainda, necessário que os elementos ativos efetivamente *realizem* essas trocas para que se possa afirmar que existe interatividade. A interação mútua é, do nosso ponto de vista, a única capaz de gerar trocas capazes de construir relações sociais e, portanto, comunidades virtuais. O ciberespaço, enquanto espaço comunicativo, permite que esse tipo de interação ocorra, mas não é garantia dela (on-line, p. 9)

Porém, além de o ambiente permitir a interação, como já vínhamos falando, é necessário que um sujeito tenha alguma implicação com o que ali é desenvolvido. Nos blogs, comentar, por exemplo, é interagir no terreno do vizinho. Caso não haja nenhuma implicação entre os sujeitos envolvidos, esta será vista como uma invasão. Porém, quando existe a implicação, o pertencimento com o tema e com o outro, este se torna terreno fértil para frutíferas trocas.

Em qualquer comunidade, o universo simbólico de coletividade transita entre as interações sociais, as maneiras como os membros se unificam e se diferenciam dos demais. Estabelece padrões singulares de interpretação da realidade, os códigos, os valores e os sentidos. Para que o grupo tenha certa coesão, é necessário o pertencimento como elemento aglutinador e mobilizador (SILVA, on-line, p. 3). O pertencimento é a forma de inscrição no universo simbólico de uma dada coletividade.

4.4 Colaboração, cooperação

Sempre que se fala em agir ou trabalhar junto com outro(s) para um fim comum, fala-se em cooperação e colaboração³⁴. Mas o que é mesmo isso?

Segundo Barros (1994), *colaborar é contribuir*, enquanto que *cooperar é uma atividade coletiva, com objetivo comum* que está além da colaboração. Na cooperação estão envolvidos vários processos, como comunicação, negociação, co-realização, compartilhamento, fazer juntos ou em conjunto. A concepção de cooperação é mais complexa, pois nela se encontra inclusive a colaboração.

³⁴ Existem diferentes conceituações para “colaboração” e “cooperação”. A conceituação que embasou este trabalho é esta aqui apresentada, sendo que ao longo do trabalho fui tomando conhecimento de outros autores que diziam exatamente o contrário. Friso aqui que o que nos interessa para a discussão são os significados, e não exatamente a etimologia de cada palavra, mesmo que esta influa consistentemente em seus significados.

Segundo Sloczinski,

A cooperação exige, além da colaboração, que se trabalhe em conjunto, que o fruto das interações resulte em um trabalho coletivo, em que os envolvidos troquem idéias, negociem, compartilhem da mesma proposta e busquem atingir os objetivos que sejam comuns a todos (SLOCZINSKI, 2003, p. 63).

Olhando por este aporte teórico, vemos que nos blogs há nuances de colaboração e cooperação. A colaboração acontece em todas as entradas eventuais em um ou outro blog, sem haver necessariamente um objetivo comum, são somente intervenções que colaboram na reflexão ou desenvolvimento acerca de determinado tema.

Por vezes os blogs também se prestam para cooperação. Isto acontece quando alguns indivíduos unem esforços em prol de um objetivo em comum. Nestes casos, nota-se que o fazer juntos passa por um processo de negociação sobre o que e como fazer. Notei que a cooperação estava muito mais presente em comunidades virtuais de blogs do que naqueles blogs que procuravam seguir seus percursos sozinhos. Se é que é possível, em um blog, estabelecer um percurso isolado.

De forma geral, pode-se dizer que nosso pensar sempre acontece coletivamente, ou seja, de forma contextualizada, na corrente de um diálogo com a história e a sociedade ou grupo em que nos inserimos. Nossa inteligência possui uma dimensão coletiva considerável. A aprendizagem é uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação.

A interação ocorre quando encontramos um conjunto de elementos-ambiente de cooperação que propicie esse tipo de ação, portanto é fundamental que exista um grupo envolvido nesse contexto, de maneira a proporcionar aprendizagem de forma cognitiva, afetiva e de ação. (SLOCZINSKI, 2003, p. 66)

Todos os envolvidos em um contexto social contribuem, de alguma maneira para a aprendizagem uns dos outros, influem reciprocamente para a formação de um ambiente coletivo. Quando ocorre a aprendizagem cooperativa, nota-se uma atitude pró-ativa dos indivíduos, expondo-se, colocando seus pontos de vista, negociando em prol de um objetivo comum.

Na aprendizagem cooperativa, destaca-se a participação ativa, a interação, a colaboração, as relações de respeito mútuo e sem hierarquias entre os envolvidos, em que se mantenha uma postura de tolerância e convivência com as diferenças em um processo de constante negociação. Ainda, para que a cooperação ocorra, é necessário que se estabeleçam objetivos comuns e ações conjuntas coordenadas (SLOCZINSKI, 2003, p. 70).

Para que isto ocorra é preciso transformar grupos "heterogêneos em comunidades inteligentes, flexíveis, autônomas e felizes" (RAMAL, 2002). A idéia é "permitir que o conhecimento seja buscado e construído pelos aprendizes, a partir de pesquisas pessoais e coletivas" (SLOCZINSKI, 2003, p. 66). Porém, para que isto ocorra é necessário pensarmos a educação como promissora de coletivos inteligentes, criando espaços para que a aprendizagem seja cooperativa. É necessária uma relação com o saber que possibilite novas educações.

4.5 Aprendizagem cooperativa, inteligência coletiva

A sociedade contemporânea, em seu estado de desenvolvimento, nos indica novas relações com o saber, com as tecnologias e com o mundo, que apontam a necessidade de ressignificarmos as relações entre as pessoas e repensarmos a produção de conhecimento. Na educação, isto nos sugere uma nova função para a escola: ela seria um mote para apropriação de informações e produção de conhecimentos em aprendizagem cooperativa. Como os conhecimentos nunca são construídos isoladamente, a formação no indivíduo se dá pelo entrelaçamento entre as significações criadas pela relação do indivíduo com o mundo, com as pessoas, com as coisas.

O mundo contemporâneo muda tão rápido que muitas vezes nossa capacidade de percepção não é capaz de acompanhar. É um sistema vivo, fluido, cujos componentes estão inter-relacionados, nem de longe parecido com a concepção cartesiana de produção e gestão de conhecimento. Esta crise na percepção cartesiana coloca em xeque a relação com o saber, a organização dos sistemas educacionais, a relação entre as pessoas e a formação do conhecimento. Vivemos tensões que nos fazem questionar as formas de construção e transmissão do conhecimento. Alves (2002, p. 114-117) nos indica, por exemplo, que o capital e o trabalho estão invertendo as direções assumidas pelo movimento Tayloristafordista-keynesiana, apontando para relações muito mais fluidas, horizontais, criativas e coletivas. Emergem novas ciências de ponta, como a comunicação, a engenharia genética, os estudos sobre cidades, que são

construídos não em uma lógica disciplinar, ordenada, linear ou hierarquizada, e sim em uma lógica de rede, onde nenhum saber é determinado *a priori*. Esta construção em diálogo abre espaço cada vez maior para a subjetividade em um lugar onde a ciência só valorizava a racionalidade. A subjetividade se expressa nas criações dos sujeitos individuais e coletivos, uns e outros se desenvolvendo e desenvolvendo conhecimentos em extensas e poderosas redes de contatos, comunicação e informações, transformando os sujeitos em criadores que atuam além da passividade e da disciplina.

Isto vai de acordo com o que Lévy (1999a, p. 157-167) denomina de mutação contemporânea da relação com o saber. Aumenta progressivamente a velocidade de produção e renovação de saberes, em um saber-fluxo, onde as competências adquiridas no início do percurso profissional de uma pessoa estarão obsoletas no fim de sua carreira. O trabalho muda, sendo valorizada cada vez mais a transação de conhecimentos. Mudam inclusive algumas funções cognitivas humanas, como a memória, a imaginação, percepções, raciocínios, onde as tecnologias favorecem novas formas de acesso à informação (navegação), novos estilos de raciocínio e de conhecimento (simulação), o que aumenta o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.

Lévy (1999b) também aponta que, intimamente ligados às comunidades virtuais, grupos humanos aproximam-se, por um ideal de coletivo inteligente, de forma mais imaginativa, mais rápida, mais capaz de aprender e inventar. Para isto, as tecnologias seriam um suporte estruturante deste fenômeno complexo e ambivalente, forneceriam um ambiente propício. Ao mesmo tempo em que apresenta um aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador, a inteligência coletiva acelera o ritmo da alteração tecno-social, uma mutação que já está em curso.

A escola, instituição que transmite informações e produz conhecimento, se vê imersa em um contexto onde a educação tradicional, cartesiana, hierárquica e disciplinar não é suficiente para a formação dos sujeitos. Pede-se que repensemos a função da escola, do professor, dos currículos. Se pensarmos em uma escola que dê espaço para relações não verticalizadas, que reconheça que os alunos têm saberes importantes e que devem participar dos processos de ensino e de aprendizagem, não teremos então o professor como apenas um “contador de

histórias”³⁵, mas sim um profissional que promove relacionamentos horizontais, não lineares e não hierárquicos entre os sujeitos deste processo e destes com o conhecimento. Portanto, a escola passaria a ser um mote para apropriação de informações e produção coletiva de conhecimentos. Dessa forma, a formação dos sujeitos não se daria isoladamente, e sim pelo entrelaçamento entre as significações criadas na relação do indivíduo com o mundo, com as pessoas, com as coisas.

Nesse contexto, vamos estabelecendo novas relações com os saberes, com as tecnologias e com o mundo, que nos levam a ressignificar as relações entre as pessoas e repensar a produção de conhecimento. Nessa reconfiguração espaço-temporal, questionam-se os processos educacionais transmissores e indica-se como cada vez mais promissora a aprendizagem cooperativa.

Caso pretendamos ir além da lógica cartesiana de pensar/produzir, precisamos lembrar que não é fácil romper com o instituído. Fala-se muito em aprendizagem cooperativa e produção coletiva, que todo saber é formado coletivamente, mas sabemos pensar coletivamente? Como se dá esse processo? Pensar coletivamente significa considerar a opinião do outro, o contexto, o espaço-tempo. Significa estar disposto a confrontar idéias, refletir, negociar, fazer, desfazer e refazer, ceder, se impor, criticar e ouvir críticas.

³⁵“ O professor que busca interatividade com seu alunos propõe o conhecimento, não o transmite. Em sala de aula ele é mais que instrutor, treinador, parceiro, conselheiro, guia, facilitador, colaborador. Ele é formulador de problemas, provocador de situações, arquiteto de percursos, mobilizador das inteligências múltiplas e coletivas na experiência do conhecimento. Ele disponibiliza estados potenciais do conhecimento de modo que o aluno experimente a criação do conhecimento quando participe, interfira, modifique. Por sua vez, o aluno deixa o lugar da recepção passiva de onde ouve, olha, copia e presta contas para se envolver com a proposição do professor.” http://www.faced.ufba.br/~dept02/sala_interativa/o_que_eh.html (24 ago 2006). Ver também : SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

• 5 REFLEXÃO ENTRE PROFESSORES EM BLOGS : PASSOS PARA NOVAS EDUCAÇÃOES

Em certo momento do processo traçado pela pesquisa, notei que analisar experiências de reflexão docente em blogs ia muito além de responder se os blogs se prestavam ou não como um instrumento para tal. A complexidade e a subjetividade deste fenômeno exigiu que se lançasse olhar para múltiplos enfoques, abrindo novos horizontes para a análise da reflexão partilhada sobre a prática docente em blogs.

O olhar da investigação se direcionou para ver se os *diários eletrônicos possibilitam a reflexão sobre a prática, de forma partilhada*. Buscou-se identificar também se nestes *diários estabelecem-se fluxos de informações e referências a outros diários*. Pretendeu-se compreender se as interações presentes (quando presentes) propiciam o *repensar da prática docente em um processo coletivo*. (p 22)

Questiono, inclusive, se é adequado nomear os blogs como “instrumentos” para determinada ação. Primeiro, confluindo com um pensamento vigente no grupo onde esta pesquisa está inserida, acredito que os blogs não são apenas uma ferramenta para a execução de algo, tal como uma chave de fenda, mas sim, estruturam todo um tipo de fenômeno, próprio dos blogs. Se olhado sob a ótica da educação, poderia dizer que são passos para novas educaçãoes³⁶. Segundo, devemos pensar nesta “determinada ação”: quanto mais analisava os movimentos dos sujeitos nos blogs, mais visualizava que estas ações não eram “determinadas” *a priori*, ou pré-determinadas. Estes, tal qual os movimentos sociais, não são determinados por uma “força externa”, e sim, são o resultado, em constante mutação, de uma interação com diversos fatores, tendências, necessidades dos sujeitos que compõem o processo e dos demais que os rodeiam.

Desta forma, é necessário lembrar, ao analisar o movimento de professores em blogs, que estes, em sua origem, não foram criados para a educação. Os blogs foram sendo³⁷ construídos de acordo com uma série de necessidades, como, por exemplo, manter o registro de certos processos na web. Os sujeitos foram se

³⁶ Aqui tomo emprestado parte do título do livro publicado recentemente com uma coletânea de artigos que traduzem algumas das principais idéias deste grupo de pesquisa. Ver Pretto, 2005.

³⁷ Peço licença para este erro gramatical: utilizo “os blogs *foram sendo* construídos” porque é impossível pensar na construção dos blogs de outra forma senão um constante processo, de certa forma redundante, de certa forma inovador, gerido pelo complexo sistema de redes vigentes na web, ou, como afirmo neste fechamento de trabalho, pessoas que se comunicam e trabalham em rede.

apropriando disto, adaptando os blogs às suas necessidades, gerando novos processos. Assim, vemos os mais diversos projetos com blogs, inclusive na educação, não como uma mera alavanca para chegar de um ponto a outro (ou para tornar a educação mais “atraente”), mas como estruturante de uma outra forma de pensar a educação.

Existem alguns princípios que apareceram como fundamentais nesta maneira de pensar e fazer educação, tais como a autoria, a visibilidade, a valorização, a colaboração, a implicação e aceitação de grupo, além da premissa de que nós, enquanto educadores, somos sujeitos em constante formação. Todos estes princípios foram se marcando como importantes no processo traçado pela pesquisa, o que indica a reflexão docente em blogs não como um processo isolado, mas um imbricado fenômeno complexo e subjetivo, retro-alimentado e sujeito a constantes mudanças.

Os blogs dão espaço para algumas formas de expressão da linguagem, com bastante destaque para a *escrita*, tanto na forma de processo quanto na forma de produto. A escrita enquanto processo possibilita um repensar do objeto da escrita e a provocação das idéias em um ato de articulação de idéias, formulação de questões e respostas, buscando a sistematização da ordem mental para uma forma “compreensível” aos olhos dos outros, questionando-se sobre os principais problemas, a forma como os temas se relacionam e o que pensamos sobre eles. Desta maneira faz-se fundamental o registro escrito das elocubrações da reflexão, afinal, é pelo exercício da escrita que se questiona sobre os problemas e a forma de atuação com eles, como o exercício da prática é exercido, qual nossa inserção/repercussão neste contexto.

Depois de escrita, a palavra torna-se um suporte para a veiculação de idéias, facilitando a difusão de informação, uma vez que não é necessária a presença física do sujeito que a falou. Isso possibilita que outros tomem conhecimento da palavra pensada pelo outro, possibilitando outros posicionamentos deste novo sujeito. Na internet esta veiculação acontece de forma muito rápida e atingindo diferentes contextos, possibilitando trocas entre os mais diferentes sujeitos. Mais precisamente nos blogs, abre-se um espaço para um certo “diálogo”, possibilitando a construção conjunta de novas reflexões e colaboração rumo a solução conjunta de problemas de algum ou ambos os sujeitos.

Dizem até que a palavra impressa é “imortalizada”. Porém, eu diria que, nos

blogs, esta palavra não é tão estática quanto uma “imortal”. Como o autor pode publicar e posteriormente editar o que publicou, a palavra ganha vida. Além disso, o autor pode republicá-la, em novos posts, dando novos sentidos para suas expressões. Isso faz da reflexão um processo de mutação do pensado e do escrito. Essas alterações também se devem, em parte, pela presença do *outro*, que lê, comenta, se posiciona a partir do seu contexto e seu ponto de vista, critica, constrói junto. É a colaboração construindo novas articulações mentais.

Em certo momento fui levada a olhar com mais atenção para a questão da *autoria*. Por muito tempo foi senso comum de que a palavra impressa (principalmente em livros) era verdade absoluta e inquestionável, fazendo do leitor um mero consumidor. Com o avanço da internet, mais e mais informações foram sendo disponibilizadas, para que, em sua maioria, os “navegantes” olhassem e saboreassem o gostinho de mais uma “verdade”. Os blogs dão um grande salto neste sentido no momento que disponibilizam, para o usuário leigo nas linguagens técnicas da internet, muitas vezes gratuitamente, a possibilidade de também ser autor. Isto tudo contribui para a nova relação com o saber, abordada em capítulos anteriores.

Este poder de autoria possibilita que um número cada vez maior de pessoas possa escrever (leia-se aqui todo o processo mental que se traduz no processo da escrita) e tornar visível, para uma considerável parcela da população, o que pensa sobre determinados fenômenos e conceitos. Com isto pode falar banalidades, pode questionar o sistema político de seu país, pode refletir sobre a gestão de sua escola, pode “pensar em voz alta” sobre alternativas para melhorar a educação, abrindo espaço para discutir com pares sobre qualquer destes assuntos. Tanto quem escreve quanto quem comenta é *livre* para escrever o que quiser. Mas claro que esta escrita passa pela *aceitação* ou não do outro e do grupo ao qual o sujeito que escreve submete ao sujeito que lê, um passo para o *pertencimento* ao grupo ou comunidade vigente. Ou seja, os círculos são montados por afinidades, não por imposições.

Neste momento lembro de uma das primeiras idéias que os processos nos blogs me ajudou a fundamentar: a escrita e a reflexão não acontecem por imposição. Hoje acrescento mais um item: a colaboração também não acontece por imposição, tudo depende da implicação do sujeito com o contexto e com a situação.

Estes sujeitos também demonstraram uma forma bem singular de se mostrar

enquanto sujeitos: os blogs propiciam uma descolagem do mundo *offline* para a construção da identidade, é um processo que, muitas vezes *parcialmente* independente da história de vida do sujeito, vai se construindo post após post, somado a informações no seu *profile*, nos comentários aos seus *vizinhos*, nos outros elementos que vão dizendo, pouco a pouco, quem é este sujeito, que se diz ou não professor. Digo que os processos identitários nos blogs podem ser *parcialmente* independentes da história de vida do sujeito porque é impossível (ou pelo menos inviável) pensarmos na constituição do pensamento, veiculado pela escrita, sem levarmos em consideração tudo o que o sujeito vive e que contribui para a formação de seu quadro mental.

Desta forma, os indivíduos (ou a imagem que fazem transparecer), colocam no blog suas palavras, dando visibilidade a outros sujeitos (ou as imagens que fazemos deles), possibilitando a interação, o questionamento, a argumentação, a construção conjunta de outros saberes (lembrando que os saberes se constituem em uma escala individual, mas sempre formada pela coletividade e afetando também esta). É um processo com várias vias de construção, auto-gerido, sujeito a toda a complexidade de tantos outros processos sociais, em rede.

Geralmente os blogueiros constroem um blog com certo objetivo, geralmente a abordagem de determinado tema. Porém, com o tempo, este objetivo individual vai confluindo com percursos de outros blogueiros, redefinindo as trajetórias individuais e coletivas. Isto nos leva a pensar que nem os indivíduos, nem os temas, são constituídos isoladamente. O conhecimento, principalmente, é formado pela articulação de tantos saberes. E isto acontece mesmo com a escola fazendo tanta força para fragmentar o conhecimento em disciplinas e descolá-lo de seu contexto de produção ou vivência.

Notei também que geralmente um blogueiro (ou professor-blogueiro) não se envolvia em apenas um projeto. Existem alguns professores que alimentam vários blogs, cada um com uma pretensão diferente, o que

Para as construções aqui apresentadas, foi traçado o seguinte percurso nesta dissertação:

1. Contextualização
2. Questões teóricas que nortearam este trabalho, conceituando *diários e blogs*, além de apontar para aspectos relevantes da reflexão docente. Neste capítulo começa o “passeio” pela esfera analisada, articulando conceitos, questionando implicações do espaço e das ações ali conduzidas.
3. Como as “faces” se apresentam nestas esferas, ou, como se constituem os *processos identitários* dos professores em blogs.
4. Comunidades, *blogosfera*, ou dos pontos de ligação e colaboração que existem entre os blogs e o ciberespaço, por vezes até extrapolando as relações on-line.
5. A *reflexão entre professores em blogs*, o que é elaborado a partir de todo o itinerário traçado para lançar o olhar sobre o objeto de pesquisa.

demonstra as diferentes articulações dos blogs com a prática pedagógica.

Uma dessas possibilidades é a potencialização de uma formação contínua articulada com tantos outros pares, dando espaço para a reflexão sobre suas práticas, o compartilhar de idéias, a busca de novas teorias e a visibilidade para a leitura que faz delas, o exercitar do posicionamento de seus pontos de vista, o discutir com outros, argumentar, ou seja, o se fazer fazendo que constitui o professor um ser em constante construção.

Além disso, também pude presenciar o incentivo à escrita nos alunos, as tentativas para relacionar saberes escolares com saberes prévios, o acompanhamento dos processos de apreensão dos conhecimentos, as avaliações constantes sobre a aprendizagem dos alunos e a prática do professor, além do incentivo à colaboração e à busca conjunta (muitas vezes ultrapassando barreiras geográficas) da solução de problemas. Mesmo não tendo a pretensão de verificar mudanças que os blogs poderiam provocar nas práticas destes professores (logo, não sendo os instrumentos utilizados na pesquisa apropriados para verificar tal possibilidade), via constantemente indícios de que, como em um efeito borboleta, os blogs iam confluindo cada vez mais com a prática docente destes e de outros professores, sempre reafirmando uma lógica de construção de conhecimento mais refletida, compartilhada, livre, contextualizada e implicada com o contexto e com a função social do educar.

Porém, estas são *possibilidades* que vêm sendo demonstradas por uma ferramenta em uma complexa articulação social. Acredito que o sucesso de algumas iniciativas se dá pelo processo criativo e inovador, de professores e alunos, no desafio da constituição de um pensamento crítico. Claro que o professor pode utilizar o blog também para impor atividades descontextualizadas, utilizá-lo como forma de avaliação punitiva e tudo mais que execramos em uma educação opressora e transmissiva. Pode, por outro lado, ser um instrumento de libertação, onde professores e alunos têm voz em uma rede com repercussão mundial, formando pessoas capazes de utilizar o que aprendem na escola para atuar criticamente no mundo e se posicionar frente aos fenômenos e atitudes do outro.

Não quero dizer com isso que os blogs funcionam como um aparato técnico neutro, cuja aplicação boa ou não só depende do “manejo” de seu usuário. Pelo contrário, digo que os blogs são parte de uma construção que *nós* fazemos, tanto no conteúdo quanto na forma, implicando de maneira muito intrínseca no modo como

vemos e fazemos a educação.

Estes são passos para a constituição da educação que queremos, seja ela qual for. Acredito, profundamente, na viabilidade dos processos educacionais e formativos que consideram a formação do indivíduo no contexto, com percursos globalmente inseridos e implicados, articulando saberes escolares com as atuações no mundo.

Refletir sobre a prática em blogs significa, mais do que pensar isoladamente, exteriorizar pensamentos, formular idéias, discutir, contrapor, estar aberto a críticas e buscar outras formas de atuar na prática. Significa expor seu pensamento e se expor, significa dar voz ao outro, ouvir críticas e, quem sabe, mudar e lutar pela mudança do instituído. Significa, além de teorizar e consumir informação, produzir conhecimento contextualizado, atuar em contexto, sair de uma postura passiva para atuar plenamente na sua formação e em todo o contexto que envolve os professores e os processos educacionais.

Os blogs possibilitam e potencializam tais movimentos, de forma inacabada e sempre aberta a novas formas de expressão, dando espaço para que a reflexão *de* professores passe a ser *entre* professores, que colaboram para a ressignificação das práticas educacionais e sua implicação social.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. In. ALVES, Nilda, GARCIA, Regina Leite. **O sentido da Escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- AMSTEL, Frederick van. **Blog: a banalização da interioridade moderna**. Disponível em: <http://www.usabilidoido.com.br/fred/textos/blogs_rousseau.htm>. Acesso em: 27 de ago. 2005.
- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP : Papirus, 1995.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BARBOSA, Elisabete; GRANADO, António. **Weblogs – Diário de Bordo**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2004.
- BARROS, Lígia A. **Ambiente de Suporte para Aprendizagem Cooperativa Distribuída**. 1994. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas e Computação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994 (Coleção Ciências da Educação, 12)
- BONILLA, Maria Helena. **Inclusão digital e formação de professores**. *Revista de Educação*, Lisboa, v. 11, n. 1, p. 43-50, 2002a.
- _____. **Escola Aprendente: desafios e possibilidades postos no contexto da Sociedade do Conhecimento**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002b.
- _____. **Escola Aprendente: para além da Sociedade da Informação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEB, 1999.
- CABRAL, Fábila; CARVALHO, Maria; RAMOS, Rosângela. **Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar**. *Revista Paideia*. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/29/07.htm>>. Acesso em: 07 set. 2006.
- CANAVILHAS, João. **Blogues políticos em Portugal: o dispositivo criou novos actores?** Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-politica-e-weblogs.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2006.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Rumos da Cultura Moderna, v. 53)
- COUTO, Edvaldo Souza. **O homem satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.
- _____; FONSECA, Daisy. Comunidades virtuais: herança cultural e tendência contemporânea. In.: PRETTO, Nelson de Luca (org). **Tecnologia e novas**

educações. Salvador: EDUFBA, 2005.

CRUZ, Carolina. **Relação professores e novas tecnologias**. Salvador, 2005. Monografia de fim de curso (Graduação Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

DEWEY, John. **Como pensamos**. São Paulo: Nacional, 1959.

DICIONÁRIO Aurélio Eletrônico – Século XXI. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, Novembro de 1999. CD-Rom.

DICIONÁRIO Michaelis - UOL. Melhoramentos Soft da Língua Portuguesa, 2001. CD-Rom.

DRAE. **Real Academia Española. Dicionario Usual**. Disponível em: <http://buscon.rae.es/drae/SrvltGUIBusUsual?TIPO_HTML=2&LEMA=bit%E1cora>. Acesso em: 21 ago. 2006.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão**. In.: ALVES, Nilda (org). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1996 (Questões da nossa época, 1) pp 53-72.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEC : Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias. <<http://www.faced.ufba.br/gec>>

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação)

GUTIERREZ, Suzana. **Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2004. Disponível em <http://www.biblioteca.ufrgs.br/bibliotecadigital/2004-2/tese-edu-0432196.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A produção social da identidade e da diferença**. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (pp 73-102)

HALMANN, Adriane L; BONILLA, Maria Helena S. et al. **Construção coletiva do saber: uma vivência na Faced/UFBA**. Anais do VI Cinform. Salvador: 2005.

HARWAY, D. **Simians, Cyborgs, and women: the reinvention of nature**. Nova York: Routledge, 1991.

HAYLES, N. K. **Chaos bound: ordely disoreder in contemporary leterature anda science**. Ithaca: Cornell Unersity Press, 1990.

HYPOLITTO, Dinéia. **O professor como profissional reflexivo**. Disponível em: <http://www.usjt.br/col_prof/008_prof_reflexivo.phtml>. Acesso em: 08 mar. 2005.

- IANNI, Octavio. **A sociedade global**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997.
- JONES, Quentin. **Virtual-Communities, Virtual Settlements & Cyber-Archaeology** – A Theoretical Outline. In Journal of Computer Mediated Communication vol. 3 issue 3. December, 1997. Disponível em: <<http://jcmc.huji.ac.il/vol3/issue3/jones.html>>. Acessado em: 10 out. 2005
- KENSKI, Vani. **Memórias e formação de professores**: interfaces com as Novas Tecnologias de Comunicação. In: CATANI, Denice Babara (Org.) et al. Docência, memória e gênero: estudos sobre formação. São Paulo, SP: Escrituras, 1997. (87-97)
- KINCHELOE, Joe L. **A formação do professor como compromisso político**: mapeando o pós-moderno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1999b.
- _____. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Ed. 34, 1999a.
- LÜDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Da conversação pública em terrenos digitais**: horizontes e provocações sobre a validade de uma esfera pública virtual. In.: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Sulina: Porto Alegre, 2003. pp 174-196.
- MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2001. (Coleção Educação)
- MARTINS, Mirian Celeste. **A inquietude investigativa nutrindo a formação contínua**. Disponível em: <www.pedagogico.com.br/edicoes/12/artigo2255-1.asp?>. Acesso em: 08 mar. 2005.
- MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2001.
- MAURO, Sílvio. **Blog muda de cara e conceito**. Disponível em <<http://www.noolhar.com/tecnologia/367146.html>>. Acesso em 27 de ago. de 2005.
- MAYANS, Joan. **Genero Chat**: o cómo la etnografía puso um pie em el ciberespacio. Gedisa: Barcelona, 2002.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Do navegar e de navegantes. In.: MINOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa (orgs). **Refúgios do eu**: educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres, 2000. (pp181-190)
- NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. **O sentido nas malhas do discurso**. Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras: Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead/doc/sentido/Pedro.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2006.
- NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Ed., 1992
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. **Diários públicos, mundos privados**: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade.

Dissertação (Mestrado FACOM), UFBA, Salvador, 2004.

Orkut. <<http://www.orkut.com>>

PALACIOS, Marcos. **Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço:** Apontamentos para Discussão. Disponível em: <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>>. Acesso em: 01 de mar. de 2006.

PENA, Felipe. **Biografias em fractais:** múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. Revista Comunicação Cultura e Política : Comunicação Social PUC-Rio. v.4 n.8 - jan./jun. 2004. Disponível em: <publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n8_Pena.pdf>. Acesso em 25 mar. 2006.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETERS, Valley. **Inquire Within:** Reflective Practice in Teaching. Teton Literacy Program: COABE, April 28, 2004. Disponível em: <www.coabe04.org/conferencedocs/20040428_Inquire_VPeters_Presentationhandout.doc>. Acesso em: 08 mar. 2005

PÍCONEZ, Stela C. Bertholo. **A prática de ensino e o estágio supervisionado:** a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão. In.: PÍCONEZ, S et al (orgs). Prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico) pp 15-38

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del professor:** un recurso para la investigación en el aula. Sevilla: Díada, 1997.

PRETTO, Nelson de Luca (org). **Tecnologia e novas educações.** Salvador: EDUFBA, 2005.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro.** São Paulo: Papirus, 1996.

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação Reativa.** XXI Congresso da Intercom (GT de Teoria da Comunicação) - Recife, PE, de 9 a 12 de setembro de 1998. Disponível em: <<http://www.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>>. Acesso em 15 de mar. 2006.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo:** Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Revista da FAMECOS, n. 23, p. 54-63, Dez. 2003. Também disponível em <http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2006.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaços de conversação:** interações conversacionais na comunidade de blogs *insanus*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Abril de 2006.

RAMAL, Andréa C. **Educação na Cibercultura** - Hipertextualidade, Leitura, Escrita e Aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais** – Uma abordagem teórica. BOCC, 2003. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>>. Acesso em: 10 de mar. 2006.

REIMAN, A. J. **Guided reflective practice**. N.C. State University: Raleigh, 1999. Disponível em: <<http://goknow.com/golead/articles/reflective.html>>. Acesso em 06 set. 2004.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Editora Gradiva : Lisboa, 1996. Também disponível em inglês no sitio: < <http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 20 set. 2006.

RIBEIRO, José Carlos. **Comunidades Virtuais Eletrônicas**: convergência da técnica com o social. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – Setembro de 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np08/NP8RIBEIRO.pdf>> Acesso em: 02 set 2005.

RODRIGUES, Catarina. **BLOGS: UMA ÁGORA NA NET**. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-na-net.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHÖN, Donald. **The reflective practitioner**: how professional think in action. New York: Basic Books, 1983

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Regina Helena Alves. **Sociedade em Rede**: cultura, globalização e formas colaborativas. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 fev. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. (Coleção estudos culturais em educação)

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Pós-modernidade**: a questão da incerteza. Jornal A Razão, Santa Maria, 18/11/1999. Disponível em: <www.angelfire.com/sk/holgonsi/incerteza.html>. Acesso em 08 mar. 2005.

SLOCZINSKI, Helena. **Formação de professores a distância e em serviço**: aprendizagem na prática. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2003. (Tese de Doutorado)

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.

Wikipédia. <http://pt.wikipedia.org>

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (pp 7-72)

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula** : um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre : Artmed, 2004.

ZEICHNER, Kenneth. **A formação reflexiva de professores**: idéias e práticas. Lisboa: Educa, 1993.

ANEXO 1

INDICAÇÕES DE BLOGS: busca por blogs com representatividade na rede

Os blogs mais citados (lista de links) por outros blogueiros relacionados a educação.

Levantamento realizado em 20/05/2005

<i>O blog</i>	<i>Citado por</i>
A Memória flutuante	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas Acontecencias Conversamos?! Educar para a Saúde Fio de ariana O Diário do Anthrax Outro olhar Professorices Profidências
6 em 1 & algo +	A destreza das dúvidas A memória flutuante Acontecencias Angústias de um professor BlogUÉ Conversamos?! Fio de ariana Outro olhar Professorices Um prego no sapato
A destreza das dúvidas	6 em 1 & algo + A memória flutuante Acontecencias Angústias de um professor BlogUÉ Conversamos?! Fio de ariana Outro olhar Professorices
Abnoxio	6 em 1 & algo + A memória flutuante Abnoxio Conversamos?! Educar para a Saúde Outro olhar Professorices Profidências
Acontecencias	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas A memória flutuante BlogUÉ

<i>O blog</i>	<i>Citado por</i>
	Conversamos?! Fio de ariana Outro olhar Professor, professor Professorices Profidências
Angústias de um professor	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas Conversamos?! Fio de ariana Professor, professor Profidências
BlogUÉ	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas Acontecências Conversamos?! Fio de ariana Outro olhar Professor, professor Professorices
Conversamos?!	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas Acontecencias BlogUÉ Outro olhar Professorices
Educar para a Saúde	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas A memória flutuante BlogUÉ Conversamos?! Outro olhar Professorices
Fio de ariana	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas A memória flutuante Acontecencias Angústias de um professor Conversamos?! Outro olhar Professor, professor Professorices
O Diário do Anthrax	A memória flutuante Outro olhar
Outro olhar	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas A memória flutuante Acontecencias BlogUÉ Conversamos?!

<i>O blog</i>	<i>Citado por</i>
	Fio de ariana O Diário do Anthrax Professor, professor Professorices Profidências Um prego no sapato
Professor, professor	6 em 1 & algo + A memória flutuante Acontecencias BlogUÉ Conversamos?! Educar para a Saúde Profidências
Professorices	6 em 1 & algo + A destreza das dúvidas A memória flutuante BlogUÉ Conversamos?! Educar para a Saúde Fio de ariana Outro olhar Professor, professor Um prego no sapato
Profidências	A memória flutuante Acontecencias Outro olhar Professor, professor
Um prego no sapato	6 em 1 & algo + Educar para a Saúde Outro olhar Professorices

OUTROS COM ASPECTOS MUITO RELEVANTES PARA A PESQUISA

(In)certezas
(Indis)Pensáveis
[In]docencias
A pensar morreu um burro
Blog da tese
Casa do professor
Coisas da escola
Conversas com meus botões
Da escola
Educação em debate
Memória Virtual
Mocho
Nós-sela
Ofício Diário
Paixão da Educação
Pecola
Pi
Prontuário Ortográfico
Que Universidade
Santa ignorância
Teacher
Transparências
Um ponto de fuga
Um pouco mais de azul
Univercidade

ENDEREÇOS DOS BLOGS ANALISADOS

Título	Nome de tela*	Endereço
	Claudio Coutinho	
	António Peciscas	
6 em 1 & algo +	Jorge Morais	http://6em1.blogspot.com
A destreza das dúvidas	Aguiar Conraria	http://aguiar-conraria.weblog.com.pt
A Memória Flutuante	V Freitas	http://memoflu.blogspot.com
Abnoxio2	Ademar Ferreira Santos	http://abnoxio2.blogs.sapo.pt
Acontecencias		http://acontecencias.blogspot.com
Angústias de um professor		http://angustiasdeumprofessor.blogspot.com
Blog da tese	Monica Andre	http://blogtese.blogspot.com
BlogUE	Meca – Alexandre Mota	http://blog_ue.blogspot.com/
Casa de professor	Frederico Lucas	
Da escola	Manlec - Manuel Cabeça	http://daescola.blogspot.com
EducaPortugal	André Pacheco	
Educar para a Saúde	Miguel Souza	http://educarparasaude.blogspot.com/
Fórum Comunitário		http://www.forumcomunitario.blogspot.com/
Memórias soltas de um professor	Isabel Campeão	
Mocho		http://mocho.weblog.com.pt/
O fio de ariana	Hugo Clio	http://fiodeariana.blogspot.com
Outro Olhar	Miguel Pinto	http://olhardomiguel.blogspot.com
Paixão da Educação		http://paixaodaeducacao.blogspot.com/
Professor, professor		http://profdotcom.blogspot.com/
Professorices	JVCosta	http://professorices.blogspot.com
Profidência		http://profidencias.blogspot.com
Que Universidade		http://queuniversidade.weblog.com.pt/
UniverCidade		http://universitas.blogspot.com/
Vidas secas	Marli	http://vidassecascolbachini.zip.net/
Videolog	Gladis	

* Nome ou expressão pela qual o blogueiro se identifica em seu blog, sendo que é desta forma que ele aparece ao longo do texto.

ANEXO 2

E-MAIL DE CONVITE AOS PARTICIPANTES

Data: Mon, 13 Jun 2005 23:29:44 +0100
De: "Adriane Halmann" <adriane_halmann@yahoo.com.br>
Para:
Assunto: Convite para participar de dissertacao sobre blogs

Olá

Estou cursando, na Universidade Federal da Bahia, Brasil, o Mestrado em Educação, cujo tema de dissertação é a reflexão entre professores em ambientes web, onde um dos focos de análise são os blogs. Tive acesso a seu blog durante minhas pesquisas na rede e gostei da dinâmica que vem desenvolvendo. Em virtude disso, gostaria de lhe convidar para conversar um pouco sobre este processo de construção de blog que você está vivenciando.

A sua contribuição é muito importante para a minha pesquisa e para os processos de formação de professores no Brasil.

Você aceita participar? Qual a melhor maneira de conversarmos? MSN, ICQ ou algum outro protocolo de mensagem instantânea? Qual dia da semana e horário é mais apropriado para você?

Gostaria muito de contar com a sua participação!!!!

Grata desde já
Adriane Lizbehd Halmann

ANEXO 3
TABULAÇÃO

ANEXO 3
RELAÇÃO DE ENTREVISTAS e TABULAÇÃO LINHAS_
TABULAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA – ENTREVISTAS – Por Categorias

CATEGORIAS	Sub-categorias	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13A/B	E14	E15A/B
1. Identificação	Identificação do autor do blog	Alexandre Mota (Meca) BlogUE 22 06 05	Frederico Lucas Casa prof 03 10 05	Andre Pacheco EducaPortugal	Miguel Souza Educap Saude 17 06 05	Isabel Campea Memoria s soltas de prof 08 10 05	Hugo O fio de ariana 16 06 05	Marli Vidas Secas 30 09 05	Ademar Ferreira Santos Abnoxi 07 10 05	Miguel Pinto Outro Olhar 17 10 05	Sidnei	Manuel Cabeça manlec Da escola e-mail	Monica Andre Blog da tese	Gladis Videolog 19 e 21/01/06	Antônio Pecisca 27/01/06 –MSN	Cláudio Coutinho 20 e 21 02 06 msn
	1. IDENTIFICAÇÃO (Nome e endereço do blog, autor(es), e-mail, servidor, localização)	L 3-6pg2		L55			L270-271 L276-277 L282-298	L133-135 L241-246	L 94-100	L61-62	L101-103			L254-256		L77-87
2. Construção do blog	Primeiro contato com ...															
	2.O que lhe levou a criar um blog?	L 38pg1	L87-89	L73-76 L90-106 L116-119	L124-126	L154-158	L133-135 L241-246	L 94-100	L61-62	L101-103				L73-94		L91-117

3. O que você esperava do blog?	L19-24pg2 L34-35pg2 L41-43pg2 L46-50pg2	L78-82	L204-215	L364 L366	L123-125	L112-113	L272	L 441-451A
Como você imaginou que o blog se prestaria a este objetivo que você pretendia?	L111-114				L122-124	L117-130		L 453-481A
4. De que ele lhe serve?	L93-95 L117-118			L161-162 L167-186	L82-85	L134-149	L334-353	L 483-501A
Caráter público do blog			L218-246	L327-337	L132-135 L280-300			L503-637A
Caráter digital do blog				L328-341			L375-394	Ver "Caráter público" =L503-637A
Quais os temas dos posts		L204-207	L83-84 L150-153	L327 L329	L143-146		L290-292 Ver L77-87	Ver "Caráter público" =L503-637A
5. Por que você escreve sobre sua prática pedagógica?	L211		L256-258	L549-550	L249-254 L263-266		L402-410	L639-667A
Por que falar sobre a prática em blogs?	L139-143							
A escrita lhe ajuda a refletir sobre a prática?					L128-131 L140-143	L275-276	L416-429	L669-708A
3. Caráter público e digital do blog								
4. Prática pedagógica, escrita e reflexão no blog								

	6. Seu blog lhe auxilia em sua prática pedagógica?				L244-248			L748-780A
5. Formação do de comunidade des e colaboração	Fala para quem? 7. Outros professores olham seu blog e interagem Qual a importância dos comentários? 8. Você conhece quem comenta seus posts? O blog é uma ferramenta de Entrelaçamento de ferramentas e de Formação de comunidades 9. Ao seu ver, o blog lhe ajuda a refletir 10. Você acredita que seu blog contribui em sua experiência 11. Alguma vez o que aconteceu em seu blog lhe ajudou a resolver algum O blog leva à	L102-105 L108-109 L119-137 L124-133	L182-184 L187-193 L179-198 L115-118	L554 L609 L611-613	L68-69 L133-138 L126-128 L116-118 L198-195 L180-197 L301-316 L355-383 L319-354 L387-393 L162-179	L116-117 L200-208 *	L320 L326 L328-330 L447-465 L294-304 L302-316 L467-471 L473-483 L487-495 L489-519 L524-533 L536-545	Ver R4 E15A
6. Entrelaçando ferramentas, pessoas e experiências	12. Qual a importância do blog? Um exemplo de algo interessante que aconteceu no blog						L137-140 L158-198 L208-216 L258-260	L550-569

